

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

conexão

Literatura

Novembro / 2019

nº 53

DICAS DE LIVROS,
ENTREVISTAS COM
ESCRITORES,
CONTOS, CRÔNI-
CAS E MUITO MAIS

www.revistaconexaoliteratura.com.br

A LEITURA COMO TERAPIA



CONHEÇA O LIVRO A PEQUENA FLOR-DE-LIS
O BEIJA-FLOR E O IMENSO AMARELO, DE
LUIZA MOURA, PÁG. 05

FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES



SUMÁRIO

NOVEMBRO DE 2019

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Luiza Moura e o livro "A pequena flor-de-lis, o beija-flor e o imenso amarElo, pág. 05
Poema: A Vela na Escuridão, por Roberto Schima, pág. 10
Dicas de livros, pág. 11
Literatura: "O Cabeleira e a Literatura do Norte", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 13
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 16
A Leitura Como Terapia, por Ademir Pascale, pág. 17
Artigo científico: "Educação escolar de jovens, adultos e idosos no Brasil atual: aportes legais, didático-pedagógicos e metodológicos", por Marcos Pereira dos Santos, pág. 21
Poema: "Homilia sobre Cláudia Lessin & Ângela Diniz, por JackMichel, pág. 27
Resenha: Roberto Marinho - O poder está no ar, por Rafael Botter, pág. 28
Artigo científico: "Morte humana, luto, culto aos mortos e educação (pedagógica) tanatológica: breves prolegômenos", por Marcos Pereira dos Santos; Jovita Aparecida Kinkoski e Dalton César Zimmermann, pág. 30
Entrevista com Ricardo Monteiro Lobato, pág. 36
Conto: "Feice sem Face", por Roberto Schima, pág. 42
Conto: "Vida", por Rogério Macedo, pág. 48
Conto: "Sexta-feira 13 em noite de Lua Cheia", por Míriam Santiago, pág. 53
Conto: "Cento e Cinquenta", por Roberto Schima, pág. 58
Saiba como adquirir o e-book "Como trabalhar e lucrar na internet", pág. 97
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 98

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição: Míriam Santiago - Roberto Schima - Marcos Pereira dos Santos - Gilmar Duarte Rocha - Luiza Moura - Dirma Fontanezzi - Rogério Macedo - Sandra Boveto - Mayanna Velame - Editora Orel Books - JackMichel - Jovita Aparecida Kinkoski - Dalton César Zimmermann

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura

LIVRODESTAQUE

Especialista em divulgação de livros e autores

Veja dicas incríveis para uma boa divulgação do seu livro, acesse

www.livrodestaque.com.br



EDITORIAL

A penúltima edição de 2019 está recheada de informações sobre livros e autores. Nas próximas páginas o leitor poderá conferir uma matéria especial sobre a leitura como terapia. São livros diferentes, criativos e que podem tirar o leitor do estresse do dia-a-dia. Leia nas próximas páginas.

E como não pode faltar em nossas edições: novos contos, crônicas, dicas incríveis de livros, entrevistas e muito mais.

Para saber como participar das nossas próximas edições, clique no link: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

“Que maravilha é ninguém precisar esperar um único momento para melhorar o mundo.” - Anne Frank

Visite o nosso site

www.revistaconexaoliteratura.com.br

— *revista* —
conexão
LITERATURA



Ademir Pascale
Editor-chefe

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

**VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL**

**FANPAGE: + DE 85 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 38 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES**

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

**Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc**

**Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com**



LUIZA MOURA E O LIVRO

A Pequena Flor-de-lis, o Beija-Flor e o imenso AmarElo

Luiza Moura de Souza Azevedo é natural de Feira de Santana/BA, Enfermeira, Hipnoterapeuta e Psicanalista em Formação. Com cursos de Francês e Inglês avançados e Espanhol intermediário. Também Compositora e Produtora Fonográfica. Membro da Literarte- Associação Internacional de Escritores e Artistas. Imortal da Academia de Letras do Brasil/Suíça, assumindo a cadeira nº 11. Doutora Honoris Causa em Literatura através do Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos. Já participou de algumas antologias e tem outras participações confirmadas. Publicou seu livro: "A pequena Flor-de-lis, o Beija-flor e o imenso amarElo, pela Cogito Editora. Instagram: @luiza.moura.ef



Luiza Moura no lançamento do seu livro

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Luiza Moura: Eu sempre gostei muito de ler. Lembro que quando era criança adorava ganhar livros como presentes, talvez até mais do que brinquedos. Já gostava muito de escrever também, entretanto nunca havia pensado em ser lida por outras pessoas. Somente no ano passado comecei a me aventurar na escrita de poesias e

resolvi mostrar o resultado disso nas redes sociais. Comecei a receber um feedback positivo das pessoas que me acompanhavam, então comecei a enviar essas poesias para concursos e daí vieram

publicações em livros, revistas e outros reconhecimentos bastante importantes e desde então estou escrevendo.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "A pequena Flor-de-lis, o Beija-flor e o imenso amarElo", lançado agora em outubro. Poderia comentar?



Luiza Moura: Sim. “A pequena Flor-de-Lis, o Beija-flor e o imenso amarElo” é o meu primeiro livro infantil, além de ser também o meu primeiro livro solo. Depois de tantas antologias, finalmente surgiu esse livro, com bastante apoio da Cogito Editora de Salvador. Embora tenha sido feito para crianças, ele traz em seu enredo lições que podem interessar a todas as idades. Dentre elas, a mais importante e, que me permitiu “brincar” com as palavras: amar é elo- AmarElo.

Conexão Literatura: Durante o lançamento de "A pequena Flor-de-lis, o Beija-flor e o imenso amarElo", você recebeu duas comendas e o diploma

da Academia de Letras Brasil-Suíça. Conte para gente como foi.

Luiza Moura: Eu fui indicada para compor a Academia de Letras

Brasil/Suíça há uns meses atrás e consegui a aprovação antes desse evento, mas estávamos aguardando um momento para oficializar a diplomação e a entrega da Comenda do Mérito Litero-cultural Euclides da Cunha. Enquanto esperava recebi a notícia de que havia sido indicada para outra honraria e que receberia também a Comenda Luís de Camões que chegaria de Bern, Suíça e que tudo poderia ocorrer na data do

lançamento do meu livro. Então nesse mesmo dia recebi as duas comendas, os respectivos diplomas e, consagrei-me oficialmente Imortal, ocupando a cadeira nº 11 como Membro Correspondente da Academia de Letras do Brasil/ Suíça e Acadêmica do Núcleo Acadêmico Internacional- BA.



Luiza Moura apresentando as duas Comendas

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Luiza Moura: Para ser bastante sincera, não demorei muito para escrever esse livro. Essa “brincadeira” com o AmarElo surgiu na minha primeira poesia e desde então me encanta poder falar sobre algo que carrega tanto significado. A ideia de colocar isso também em um livro infantil aconteceu em casa depois de ter escrito um conto infantil para outra antologia e ter agradado tanto as minhas filhas.

Conexão Literatura: fale sobre as ilustrações da obra, elaboradas por Fábio Haendel.

Luiza Moura: O Fábio Haendel é um grande artista e eu tinha certeza de que ele faria uma bela representação da minha ideia. Ele recebeu o texto e teve uns dias para pensar sobre as imagens, entretanto ele ainda parou para ouvir as minhas considerações sobre o que havia escrito para iniciar o trabalho dele e mesmo assim a todo momento me enviava e perguntava se correspondia à

minha ideia e se eu gostaria de fazer mais alguma interferência. Seguimos assim até a conclusão da obra e fiquei extremamente satisfeita. Não imaginei que pudesse ser diferente porque já fiz alguns trabalhos pela Cogito Editora e sempre obtenho excelentes resultados.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Luiza Moura: “(...) era isso que aquele imenso amarelo de areia dizia mesmo sem dizer: que o amar é elo, amarElo!”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Luiza Moura: Sobre o livro está disponível na Livraria Leitura, Shopping Bela Vista em Salvador- Ba. Estou tentando disponibilizar em outros locais. Para acompanhar o meu trabalho e me conhecer

um pouco mais convidado inicialmente a conhecer a minha página no instagram: @luiza.moura.ef.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Luiza Moura: Tenho vários projetos em pauta. Desde que comecei a escrever não consigo mais parar. Esse universo é encantador.

Perguntas rápidas:

Um livro: O ser e o Nada de Jean-Paul Sartre

Um (a) autor (a): Clarice Lispector

Um ator ou atriz: Audrey Tautou

Um filme: “Antonia”, como era chamado na versão original Holandesa, ou “A excêntrica família de Antônia”, como foi traduzido no Brasil.

Um dia especial: O dia do meu aniversário.

Acredito ser a vida realmente o nosso maior presente.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Luiza Moura: Apenas encerro agradecendo pela oportunidade de falar um pouco mais sobre esse trabalho e convidando as pessoas a experimentar esse universo tão fascinante, não restrito apenas à literatura, mas à arte de forma geral.



Em *A pequena Flor-de-lis, o Beija-flor e o imenso amarElo*, Luiza Moura conduz o leitor a uma história rica de componentes lúdicos, capaz de provocar importantes reflexões sobre o valor do amor ao próximo, do respeito à individualidade do outro, do altruísmo, do desapego e da verdadeira amizade. É um livro para ser lido com os olhos do coração, algo que as crianças, na sua pureza e plenitude, sabem fazer como ninguém.

Para adquirir o livro "A pequena Flor-de-Lis, o Beija-flor e o imenso amarElo": disponível em Feira de Santana na Cappa Clara Tabacaria, Boulevard Shopping ou diretamente com a autora pelo Instagram: @luiza.moura.ef

A VELA NA ESCURIDÃO

POR ROBERTO SCHIMA



Quando nossa luz apagar e nada
mais ouvir,
estaremos de fato pronto para a
grande escuridão?
O Nada em sua mais pura essência.
O Vazio anterior a tudo.
Sem memórias,
Sem lembranças,
Sem risos ou lágrimas,
Sem acalantar esperanças ou amar-
gar decepções,
Sem um passado para recordar ou
um futuro para abraçar.
Apenas uma tela em branco, sem
branco para pintar.
As vezes, acreditamos ansiar por
esse soprar,
essa brisa que custa a chegar.
Mas talvez no derradeiro momento,
hesitemos, peçamos um segundo,
um lampejo para suspirar.
Fazer tremular a chama uma última
vez,
antes do derradeiro vácuo chegar.
Todavia,
O tempo não escuta.
O tempo não se recorda.
O tempo não sente.
Tampouco se importa.
Não bate, nem afaga.
Apenas chega... e apaga.

Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hiro-saki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

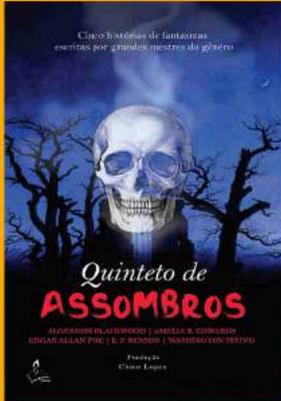
<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/-label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br

DICAS DE LIVROS



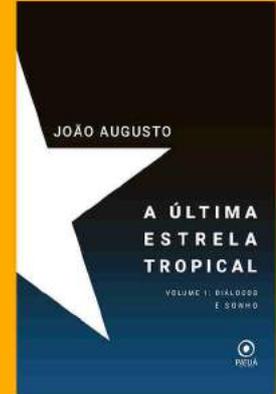
Quinteto de Assombros
Vários Autores

Acesse



Solo Para Vialejo
Cida Pedrosa

Acesse



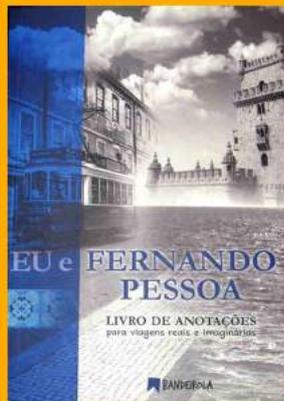
A Última Estrela Tropical
João Augusto

Acesse



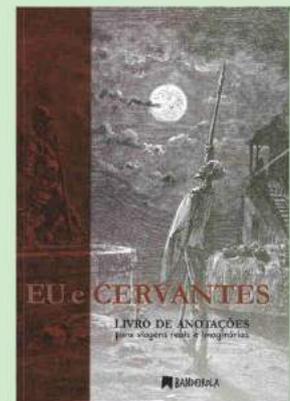
Como Reconquistar seu Ex
Paula Cassim

Acesse



Eu e Fernando Pessoa

Acesse



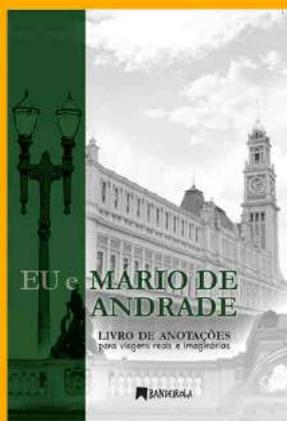
Eu e Cervantes

Acesse

“Tente mover o mundo – o primeiro passo será mover a si mesmo.”
– Platão

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





Eu e Mário de Andrade

Acesse



Vestígios
Sandra Abrano

Acesse



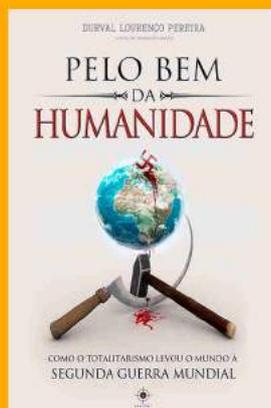
As Lours da Minha Vida
Fernando Neves

Acesse



Jornal em São Camilo da Maré
Ademir Pascale

Acesse



Pelo Bem da Humanidade
Durval Lourenço Pereira

Acesse



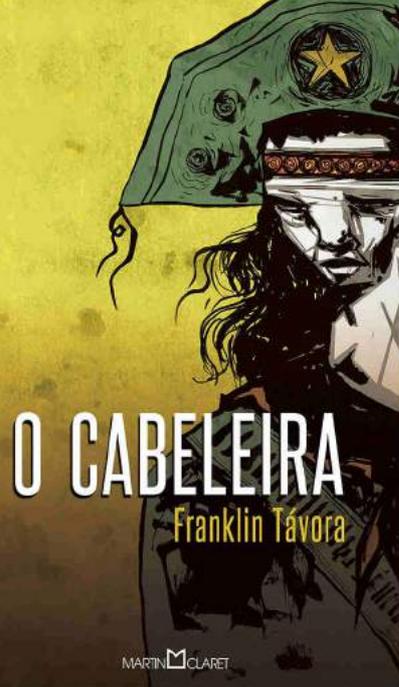
Memórias de uma ex-secretária
Cleonice Men da Silva Ramos

Acesse

*“A imaginação é mais importante que o conhecimento.”
– Albert Einstein*

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





O CABELEIRA E A LITERATURA DO NORTE

POR GILMAR DUARTE ROCHA



Franklin Távora

Literatura

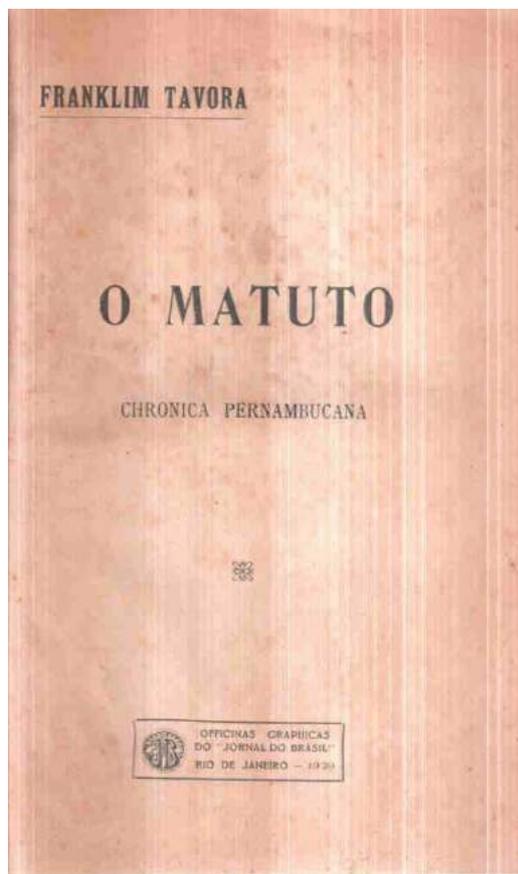
O Nordeste sempre teve a primazia em produzir escritores de talento, grande estro e vastíssima imaginação. Esse fenômeno não é gratuito, muito menos circunstancial, visto que as terras brasileiras contempladas por múltiplos biomas e localizadas acima do paralelo 15, aqui incluindo o Grão-Pará, foram as primeiras a serem colonizadas pelos portugueses, com incursões pontuais de espanhóis, franceses e holandeses, estes últimos, inclusive, trouxeram na bagagem da sua segunda invasão (termo cunhado sob a ótica do colonizador preponderante, o português) às terras de Pernambuco, uma gama de cultura, conhecimentos, técnicas agrícolas e até industriais. Os neerlandeses pretendiam de fato estabelecer uma civilização nos trópicos americanos e já tinham até nome para a essa possível nação: Nova Holanda. Só para ter uma ideia da severidade do empreendimento, apenas para focar no âmbito cultural, o conde Maurício de Nassau, o prócer governante designado pela coroa de Orange, trouxe

uma comitiva chamada de “agência de publicidade”, que consistia de 46 artistas, cronistas e naturalistas. Os holandeses, por motivo que não cabe aqui discorrer, não conseguiram dourar o seu projeto, remanescendo nesses rincões por apenas duas décadas e meia, tempo suficiente, contudo, para espalhar os seus tentáculos culturais do Maranhão até Alagoas. Não obstante a ousadia da iniciativa dos Países Baixos, os portugueses, por motivos óbvios, talvez para consolidar de vez o seu império tropical, passaram a investir mais e mais no vetor setentrional do Brasil, mormente em cidades estratégicas como São Luís, onde o Padre Vieira desembarca dez anos após os holandeses deixarem as últimas pegadas em solo maranhense. O emérito eclesiástico trazia na sua missão jesuítica, além de prescrições estratégicas designadas pela coroa lusitana, a difusão da sua extensa cultura entre os neófitos e gentios habitantes daqueles rincões da colônia. Processos similares se desenvolveram nas

outras províncias do Norte, especialmente na Bahia, em Pernambuco, na Paraíba e no Ceará. O hemisfério superior da maior colônia portuguesa, impregnava-se paulatinamente de cultura, embora esse fenômeno, necessariamente, não se traduziria, ao curso do tempo, em progresso econômico.

Literariamente falando, apenas um século e meio depois, ultrapassando, inclusive, todo o ciclo literário chamado de neoclassicismo, onde vates de Minas Gerais como Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manoel da Costa esbanjaram imenso talento durante o curto espaço de tempo de vida que lhes foi permitido, é que começaram a brotar os primeiros frutos do

verbo literário do lado norte do Brasil, então na condição de império. Gonçalves Dias chegava à Capital Federal e assombrava os meios acadêmicos com a sua poesia ufanista, romântica, indianista e extremamente inspirada. O trabalho do mestiço maranhense encaixava-se como uma luva no panorama da literatura romântica prevalecente à época. Na prosa, poucos anos depois, era a vez do cearense José de Alencar começar a arrancar aplausos e tornar-se o expoente maior do romantismo, publicando novelas em série, de grande aceitação de crítica e enorme apreciação dos leitores. Uma dezena de anos depois, eis que



entra em cena uma personagem também de origem cearense, o escritor Franklin Távora (1842-1888), que questiona a autenticidade regionalista de escritores como Alencar, se propõe a criar a “literatura do Norte”, como ele mesmo justifica “as letras têm, como política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul, abundam os elementos para a formação de uma literatura, filha da terra. A razão é óbvia: O Norte não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro”.

Dando sequência ao pretense movimento ufanista, que acaba se configurando num levante literário de uma só pessoa, Távora publica, em série, romances regionais como “Os índios do Jaguaribe”, “A casa de palha”, “O casamento no arrabalde”, quando ainda residia em Recife (cidade onde se transferiu com os pais em 1844) e depois, já na sua fase carioca, “O matuto”, “Lourenço”, “O sacrifício” e o mais importante de todos, “O cabeleira”, que reflete de fato um livro de cunho regionalista, embora alguns críticos o considerem uma concepção de crônicas à guisa de romance.

“O cabeleira”, tachado de “uma história de espantar”, embora com estruturação ligeiramente tosca e arremedo de reportagem de época (aqui, na minha modesta opinião), continua atemporal devido à profundidade com

que o escritor trata uma história de cangaceiros em meados do século XVIII (muito antes, portanto, do tema “cangaço” ganhar voga nacional); a rigor, a história de uma família de cangaceiros, composta por José Gomes, o protagonista, vulgo Cabeleira, seu pai, Joaquim Gomes, e um mameluco de nome Teodósio, que aterrorizam os moradores dos arredores da região do Rio Capibaribe, Pernambuco, e resolvem investir contra a Vila do Recife, causando pânico entre os moradores da ainda incipiente cidade. Seguem-se saques, latrocínio, incêndios, carnificina, conchavos, perseguições e retrocesso. O autor, no comando do enredo, parece antever a saga dos cangaceiros do século XX, onde o crime empenhado por homens de espírito rústico e educados para retaliar a condição de miséria em que vivem, flagelando e trucidando os seus concidadãos sem se importar com as consequências e com o poder — sempre soberano — da elite dominante, que não mede forças e recursos em levá-los ao patíbulo e à lâmina afiada da guilhotina da justiça dos fortes.

Talvez aí resida a força do livro de Franklin Távora, que inclusive faz comparação do personagem principal a figuras párias, épicas e românticas:

“Durante muitos anos, ouvindo suas mães ou

suas aias cantarem as trovas comemorativas da vida e morte desse como Cid, ou Robin Hood pernambucano, os meninos tomados de pavor, adormeceram mais depressa, do que se lhes contassem as proezas do lobisomem ou a história do negro do surrão muito em voga entre o povo naqueles tempos”.

No fim das contas, o romântico ou realista Távora — dependendo do ângulo por onde se analisa a sua obra — é mais um daqueles autores que não conseguem vivenciar a força da sua quimera, pois “O cabeleira” passou em branco num período onde a escola realista espalhava as suas garras e o seu ranço se impregnava em tudo que se referia a fabulação. A literatura do Norte que ele tanto aspirava só viria “vingar” de verdade mais de cinquenta anos depois, com a publicação d’ “A bagaceira”, de José Américo de Almeida, a favor do qual o crítico Agripino Grieco se manifestou como “romancista ao Norte”, abrindo então uma trilha que desaguaria num oceano de grandes livros de escritores setentrionais como Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiróz, Amando Fontes e outros.

O cearense Távora, no entanto, nunca foi e nem será esquecido. Sua obra, por mais imberbe e deslocada que seja, continua como parâmetro para estudiosos de literatura em todo o Brasil.

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasiliense de Letras, é autor de sete livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Acaba de mandar para o prelo mais uma cria literária, O berço de Judas, romance que deve ser lançado em novembro deste ano.

conexão Literatura

Visite Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

www.submersaempalavras.com

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.encantoliterario.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

bibliotecadeumaprofessora.blogspot.com

www.livreando.com.br

coleccionandoromances.blogspot.com.br

ateultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

Instagram: @biblioteca_deumaprofessora

www.cafeinaliteraria.com.br

Curta nossa Fanpage:

www.facebook.com/conexaoliteratura



Visite nosso site:

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Por Ademir Pascale

A LEITURA COMO TERAPIA

Matéria de Capa

Quem lê muito e possui muitos livros, sempre procura um diferencial no momento da compra. Uma boa história num projeto editorial diferenciado pode trazer novos ares aos leitores. E é isso que algumas editoras estão fazendo, como a Bandeirola, com os títulos "Eu e Mário de Andrade", "Eu e Cervantes" e "Eu e Fernando Pessoa", ambos com o subtítulo: "Livro de anotações para viagens reais e imaginárias". São obras bonitas, bem diagramadas e muito interessantes. O leitor poderá escrever nas páginas, seja ideias, poesias ou mesmo usar como diário, além de ser excelente para presentear. E segundo a

editora: "Siga com sua escrita em boa companhia! Nessas páginas, você pode escrever e deixar vir à tona seus desejos, sonhos e devaneios em forma de anotações, ficções, crônicas, poesias e o que mais passar pelos seus pensamentos, sempre na companhia de um dos maiores escritores brasileiros". Vale a pena conferir: <http://www.bandeirola.com.br>

Dando continuidade, os leitores que procuram obras diferenciadas certamente já ouviram falar ou mesmo possuem um exemplar da DarkSide Books. Ela publica clássicos e isso é fácil de encontrar em diversas editoras, como Drácula, O Médico e o Monstro e contos de Edgar

Allan Poe. Mas o projeto gráfico do livro é excepcionalmente bonito e diferente. As obras possuem complementos, como cartas, muitas imagens, informações extras e até *souvenirs*. Outro detalhe são as capas, sendo a maioria de capa dura e

aleatórias, cores variadas e, o melhor de tudo, de destruição, em que lápis de cera, canetinha, tinta, giz, adesivos, papel, tesouras e muita imaginação são as suas mais valiosas ferramentas. Editora Intrínseca:



com relevo. Também encontramos excelentes HQs e obras contemporâneas. Outro detalhe interessante é que a editora foca no Terror. Visite: <http://www.darksidebooks.com.br>

E quem anda com os nervos à flor da pele, se não conhece é bom conhecer a obra "Destrua esse diário". Em edição comemorativa dos 10 anos de sua primeira publicação, o novo Destrua este diário combina atividades inéditas e outras já conhecidas dos leitores em páginas totalmente remodeladas.

Uma segunda chance de mergulhar no mundo de rascunhos, anotações

<https://www.intrinseca.com.br/destruae-stediario/o-livro.html>

Outra obra interessante e diferente é "Diário de um banana", que na realidade já é uma série. O primeiro livro foi publicado em 1 de abril de 2007 nos Estados Unidos, mas o personagem principal foi criado em 1998. O autor é o cartunista norte-americano Jeff Kinney. Com filmes e até uma peça teatral baseados na história de Jeff, encontramos nas obras várias ilustrações, mais semelhantes a um esboço, escritas em forma de diário pelo protagonista Greg. É divertido e pode tirar qualquer pessoa do stress. Conheça a série de livros no

site:

<http://vreditoras.com.br/catalogo/diario-de-um-banana>

Em questão ao ápice do diferencial, temos a obra “Book Mirror”, dos autores John Christie e Rei Ron. Ela só pode ser lida sem muita claridade, dando um clima de suspense. As páginas são espelhadas, portanto dependendo do ângulo, o leitor poderá contemplar sua própria face.

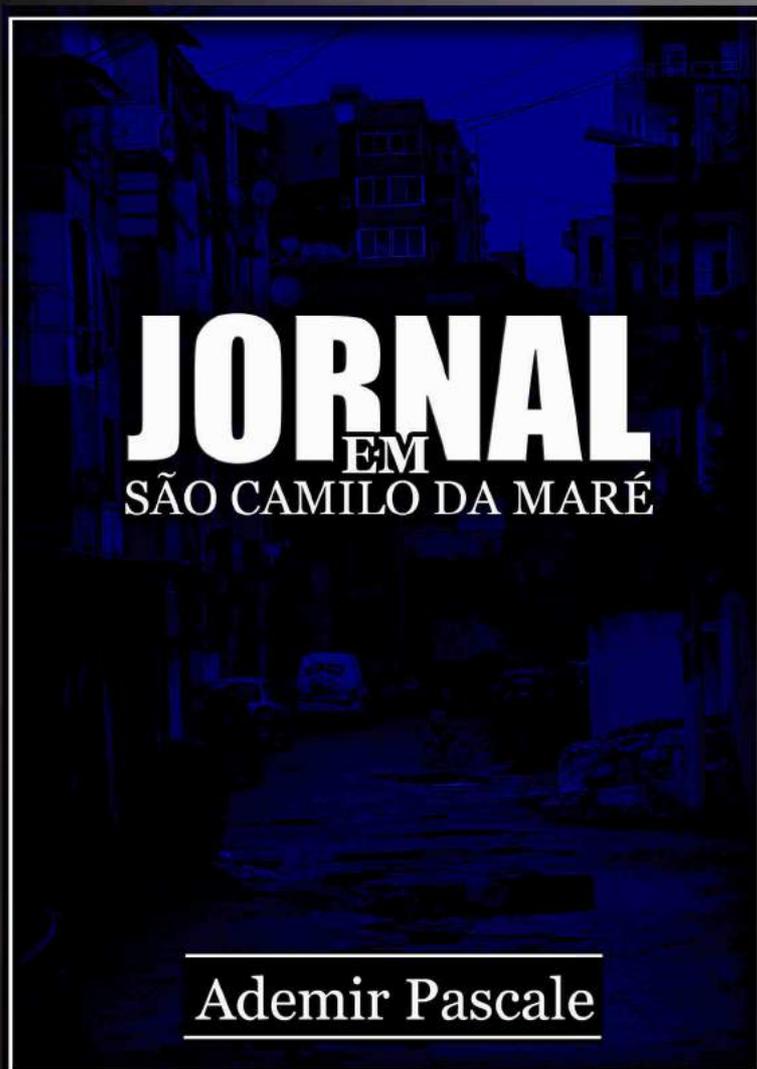
Acompanha um par de luvas. Editora Circle Press (1985). Outro livro que só pode ser lido a noite foi criado pelos projetistas croatas Bruketa e Žinić. Suas

letras são reluzentes, mas na claridade a obra se torna totalmente branca. Título: Good ideas glow in the dark. E acredite, existe até livro comestível, sendo uma obra de receitas da design alemã Korefe e Publishing Gerstenberg. As páginas das receitas foram impressas em massas frescas.

O leitor poderá acrescentar alguns ingredientes, como molho, mussarela e presunto. Depois é só assar e degustar uma deliciosa lasanha. O único problema é que o livro só pode ser lido uma vez, pois depois estará no estômago do leitor.



E você, conhece livros diferentes? Conte pra gente, envie um e-mail para: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale.



O livro *Jornal em São Camilo da Maré* é um poderoso antídoto às feridas que a nossa sociedade perpetua, pois o ser humano da qual faz parte é um ser, muitas vezes, abjeto, cuja índole e, por consequência seus atos, o levam a um patamar dificilmente superado pelos animais mais ferozes.

Não concorda? Por que, então, o ser humano discrimina o outro ser humano? Jamais deveria humilhá-lo por causa de o outro ser pobre, afrodescendente, andar malvestido, ser estudioso, não usar drogas, respeitar as pessoas, os professores, não tolerar injustiças.

Pois é o que ocorre com o protagonista da história, o “nosso” Camilo. E será logo “seu”, pois, à medida que a leitura for se sucedendo, o leitor torcerá para que o seu rival, o Alemão, cara supermalvado, entre pelo cano, pague por todas as brigas levadas a cabo. Camilo, garoto brilhante, após ser constantemente humilhado, resolve ir à luta. Mas a sua arma não é a violência, num contexto de mais violência, e sim a inteligência: resolve denunciar as injustiças, não só pessoais mas de sua comunidade, publicando um jornal.

A força do jornal, naquela comunidade pobre em todos os sentidos, é avassaladora. E... E o leitor precisa ler, vai se obrigar a ler até o final.

Pascale tem uma narrativa fluida, não escreve para encher linguiça, utiliza diálogos rápidos e cortantes, com sabedoria, vai direto ao ponto, dá a sua mensagem.

E a mensagem que o livro traz é a de esperança.

Ainda existem pessoas boas no mundo.

Ainda prevalece o Bem, apesar do cenário de violência, injustiça, desordem, desumanidade, caos.

Mas antes que o Bem prospere, ele deve vir de dentro das pessoas.

Sérgio Simka

Mestre e doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP, é professor universitário desde 1999. Autor de mais de cinco dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil.

ADQUIRA JÁ. ACESSE





Por Marcos Pereira dos Santos

Educação escolar de jovens, adultos e idosos no Brasil atual: aportes legais, didático-pedagógicos e metodológicos

Artigo Científico

Jovens, adultos e idosos: que educação(ões) escolar(es) lhes é(são) ofertada(s) no Brasil do século XXI?

Com base nesta indagação reflexiva proposital inicial, torna-se relevante esclarecer, *a priori*, que o presente artigo acadêmico-científico tem como objetivo principal trazer a lume alguns (breves) apontamentos concernentes aos ditames legais e pressupostos didático-pedagógicos e metodológicos que norteiam a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil contemporâneo, a qual, mediante recentes alterações legais-jurídicas, incorporou também a educação escolar de pessoas idosas, configurando-se assim o que atualmente tem se convencido denominar *Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI)*.

Em termos de escolarização básica, isto é, mais precisamente no âmbito do Ensino Fundamental de Nove Anos (1º ao 9º ano do Ensino Fundamental), categorizado como Ensino Fundamental I ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental [1º ao 5º ano - antiga pré-escola e 1ª a 4ª série do ensino primário] e Ensino Fundamental II ou Anos Finais do Ensino Fundamental [6º ao 9º ano - antiga 5ª a 8ª série do ensino colegial/ginásial] (BRASIL, 2009), e da reforma curricular do novo Ensino Médio

(BALD; FASSINI, 2018), pode-se observar que a EJA, nos dias atuais, tem sofrido profundas modificações em seus constructos conceituais, jurídicos, didáticos, pedagógicos e metodológicos, tendo em vista se adequar às novas propostas político-educacionais apresentadas, por exemplo, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual, segundo Cury, Reis e Zanardi (2018), devido à sua recente implantação nas escolas brasileiras de Educação Básica – abrangendo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (BRASIL, 1996), é alvo de severas críticas, por um lado, e também de elogios sobressalentes, de outro.

Partindo-se da concepção antropológica educacional de Brandão (1981, p.63-64) ao afirmar que a educação, termo derivado “do latim *‘educere’*, que significa extrair, tirar, desenvolver, [...] é um processo vital, [...] atividade criadora, [...] processo contínuo que começa nas origens do ser humano e se estende até a morte”, não há como desconsiderá-la como parte integrante e essencial da vida de todas as pessoas, sejam elas crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos.

Dentre todas as modalidades de ensino existentes no Brasil (Educação Profissional, Educação Especial/Inclusiva, Educação Indígena, Educação Quilombola, Educação no/do Campo, Educação a Distância, etc.), a EJA ganha destaque exclusivo no cenário educacional brasileiro por ter suas bases didático-pedagógicas e metodológicas alicerçadas nas concepções filosófico-educacionais do renomado educador brasileiro Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), que apregoava uma metodologia de alfabetização e escolarização baseada em temas geradores diretamente atrelados à realidade vivida pelos educandos, à conscientização política, à problematização e contextualização dos conteúdos programáticos curriculares das disciplinas/matérias escolares, à educação libertadora e à emancipação dos sujeitos sociais em sentido amplo. (BATISTA *et al*, 2018)

No que tange, especificamente, à educação escolar de jovens e adultos, o Artigo 37, Parágrafo 1º, e o Artigo 38, Parágrafo 1º, Incisos I e II, da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecem o seguinte:

Art. 37 – A educação de *jovens e adultos* será destinada àqueles que *não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria*.

§ 1º - Os sistemas de ensino assegurarão *gratuitamente* aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, *oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho*, mediante cursos e exames.

[...]

Art. 38 – Os sistemas de ensino manterão *cursos e exames supletivos que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular*.

§ 1º - Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

- I - no nível de *conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos*;
- II - no nível de *conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos*.
(BRASIL, 1996; destaques nossos)

Portanto, cabe ao Estado, aos governos (federal, estadual e municipal), aos governantes em geral (presidente da República, senadores, deputados, governadores, prefeitos, vereadores, dentre outros) e às autoridades judiciais assegurar, de forma gratuita e sob o amparo legal-jurídico, uma educação escolar de qualidade para todos os alunos e garantir o acesso e a permanência de estudantes jovens e adultos na escola de Educação Básica, principalmente àqueles que, por diversos motivos alheios, não tiveram condições de estudar ou de continuar seus estudos referentes ao Ensino Fundamental e/ou ao Ensino Médio na idade própria regular.

Grosso modo, isto implica dizer que, de acordo com o Artigo 37, Parágrafo 2º, da LBDEN/1996 atualmente em vigor, compete ao Poder Público viabilizar e estimular “[...] o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”. (BRASIL, 1996)

Contudo, torna-se essencial que na EJA e na escola de ensino supletivo sejam adotados procedimentos educacionais didático-pedagógicos e metodológicos diferenciados, voltados prioritariamente ao alunado jovem e adulto, respeitando e valorizando as suas características, necessidades, interesses, concepções de mundo e de sociedade, filosofia(s) de vida, condições de trabalho ou de não trabalho, particularidades, singularidades, excentricidades, religiosidade(s), identidade(s) cultural(is), conhecimentos prévios (tanto de senso comum quanto de cunho científico) e experiências de vida. Dizemos isto, porque a própria LDBEN/1996, em seu Artigo 38, Parágrafo 2º, assim se reporta a estas questões anteriormente pontuadas: “Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1996); visando assim realizar um diagnóstico, valorar e avaliar os saberes prévios (formais, informais e não formais) trazidos pelos estudantes jovens e adultos para dentro das escolas e das salas de aula.

Nesse contexto, é pertinente também refletir de modo crítico e analítico sobre o (des)uso de diferentes recursos didático-pedagógicos e tecnológicos (livros didáticos, apostilas escolares, calculadoras, computadores, *notbooks*, *tablets*, telefones celulares, televisão, vídeos didáticos, etc.) e a formação inicial e continuada de docentes para atuarem no contexto da EJA. As faculdades e universidades brasileiras, sejam elas públicas ou privadas, devem em seus cursos de graduação (licenciaturas – formação de professores) e de pós-graduação *lato sensu* (cursos de especialização) e *stricto sensu* (cursos de mestrado, doutorado, pós-doutorado (PhD) e livre-docência) na área educacional trazer à tona tais apontamentos; bem como promover debates, realizar análises crítico-reflexivas e incentivar o desenvolvimento de leituras acadêmico-científicas dirigidas acerca da temática *Educação de Jovens e Adultos* em termos de potencialidades, possibilidades, limitações, desafios e perspectivas, dado o fato de que esta se difere, sobremaneira, de outras modalidades de ensino de forma deveras pontual/singular e plural/global, concomitantemente.

A respeito da educação escolar de idosos, ou seja, pessoas que possuem idade igual ou superior a sessenta anos (BRASIL, 2003), faz-se mister respeitar e valorizar a sua (ampla) bagagem cultural e suas experiências de vida, compreendendo que elas também são capazes de aprender e de continuar aprendendo durante toda a sua existência, de múltiplos modos e em ritmo(s) diferente(s), porém num *continuum* processo de *educação contínua e permanente*.

Todavia, é salutar levar em consideração as suas (possíveis e parciais) limitações fisiológicas e psicológicas que o são próprias da idade já avançada. Afora isto, as escolas de ensino supletivo, as universidades andragógicas (ROMUALDO, 2002) e as Universidades Abertas para a Terceira Idade (UATIs) em geral devem ofertar às pessoas idosas uma educação de qualidade, eficaz, eficiente, significativa e atualizada, entendendo-as como sujeitos sociais de direitos e deveres e que são dotados de plenas capacidades, habilidades e competências (éticas, morais, cognitivas/intelectuais, afetivas, sentimentais, emocionais, políticas, culturais, etc.).

Para tanto, deve-se, também, re-pensar a formação acadêmico-científica de cuidadores de idosos e de docentes que trabalham junto aos mesmos em escolas de Educação Básica e instituições de Educação Superior, a fim de não desprezá-los como se fossem pessoas inúteis, rebaixá-los em sua integridade moral, infantilizá-los ou ofertar-lhes uma educação escolar e/ou universitária com caráter de mero assistencialismo ou obrigação legal-jurídica.

Sem a pretensão de esgotar o assunto em pauta, consideramos profícuo mencionar ainda que a EJA tem ganho cada vez mais espaço/território no cenário educacional brasileiro, embora as políticas públicas educacionais e sociais voltadas a esta importante modalidade de ensino apresentem avanços e recuos de viés sinérgico-dialético, em face aos interesses particulares e político-ideológicos das elites dominantes do poder econômico. Entretanto, é preocupante e, ao mesmo tempo, urgente e necessário pensar-refletir, com criteriosidade e rigorosidade científica, que ainda existem milhões de pessoas analfabetas, analfabetas funcionais e não letradas (iletradas) no Brasil contemporâneo. Situação grave e alarmante em pleno Terceiro Milênio!

Quiçá que todos nós possamos, paulatinamente, conhecer um pouco sobre Gerontologia, Andragogia, Estatuto do Idoso e pedagogia educacional freireana, e atentar para as questões elencadas neste trabalho científico, ressignificando e redimensionando a EDUCAÇÃO e a EDUCAÇÃO ESCOLAR em sua função social permanente, tal qual como assevera Vieira Pinto (2010) em seus estudos e pesquisas acadêmico-científicas atinentes à área de EJA.

É o que sinceramente almejamos!!!

Referências:

BALD, V. A.; FASSINI, E. **Reforma do ensino médio: resgate histórico e análise de posicionamentos a respeito da lei nº 13.415/17 por meio de revisão de literatura.** 19 f. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdweb/bitstream>>. Acesso em: 16/12/2018.

BATISTA, R. S. *et al.* A importância da perspectiva educacional de Paulo Freire na educação de jovens e adultos. In: **Anais do V Congresso Nacional de Educação (CONEDU)**. Olinda, 2018. 8 f. Disponível em: <www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos>. Acesso em: 17/10/2018.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos – v.20).

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.

_____. **Lei federal nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, de 03/10/2003.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

CURY, C. R. J.; REIS, M.; ZANARDI, T. A. C. **Base nacional comum curricular: dilemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2018.

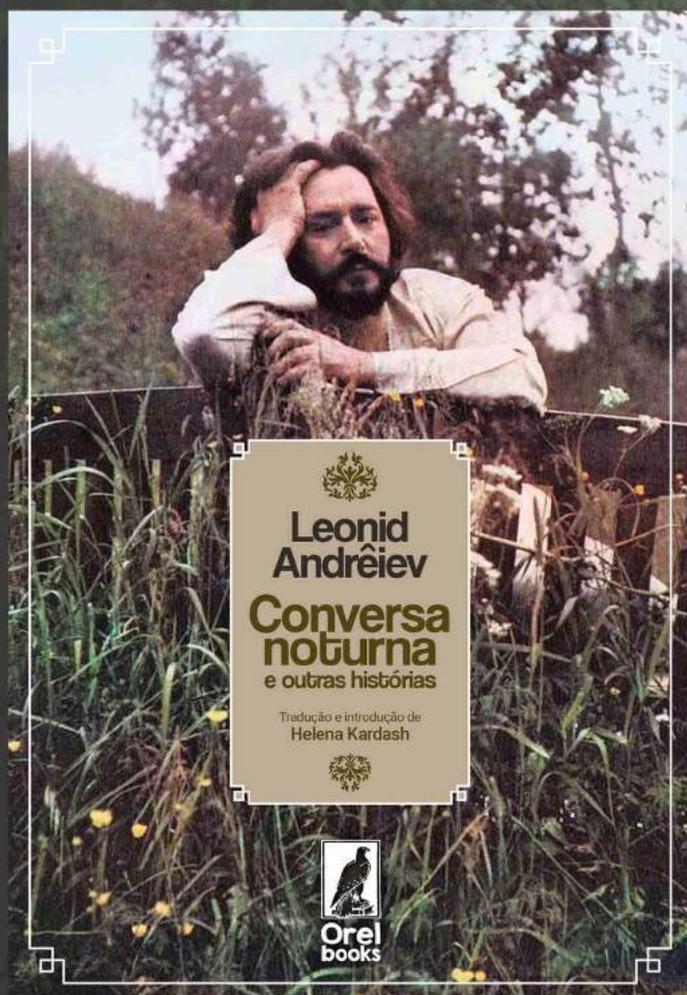
ROMUALDO, C. Universidade andragógica. In: UTSUMI, M. C. (Org.). **Entrelaçando saberes: contribuições para a formação de professores e as práticas escolares**. Florianópolis: Insular, p.39-52, 2002.

VIEIRA PINTO, Á. **Sete lições sobre educação de adultos**. 16.ed. São Paulo: Cortez, 2010.



Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Pesquisador em Ciências da Educação. Príncipe Real. Docente adjunto da Faculdade Rachel de Queiroz (FAQ), junto a cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e de tecnologia) e pós-graduação *lato sensu*, em Ponta Grossa/PR. E-mail: mestrepedagogo@yahoo.com.br

OREL BOOKS LANÇA "CONVERSA NOTURNA E OUTRAS HISTÓRIAS" DE LEONID ANDRÊIEV



Leonid Andréiev foi um dos maiores escritores da chamada Era de Prata da literatura russa, entre o fim do Século XIX e início do Século XX. Embora muito famoso e popular em seu tempo, Andréiev não desfruta hoje do reconhecimento e da divulgação que merece junto aos leitores lusófonos. Este livro visa preencher esta imensa lacuna editorial, oferecendo aos leitores brasileiros um volume exclusivo e inédito em português de obras de Andréiev, em cuidadosa tradução direta do russo. São ao todo 19 textos, sendo 18 contos e novelas e uma peça de teatro, em mais de 400 páginas, com esmerada produção editorial e gráfica. O leitor encontrará nos textos desde a ternura e compaixão de Andréiev pelas pessoas simples do povo russo, como também reflexões filosóficas sobre o sentido da vida, passando, ainda, pelo lado sombrio e soturno característico de sua obra e finalizando com um toque de humor.

Dados técnicos:

Título: Conversa noturna e outras histórias

Autor: Leonid Andréiev

Tradutora: Helena Kardash

Capa: brochura

Páginas: 417

Editora: Orel Books

Edição: 1ª (agosto de 2019)

Idioma: Português

ISBN: 978-65-80695-00-3

Formato: 23 x 16 x 2,5 cm (sem embalagem)

Peso: 800g (com embalagem)

ADQUIRA JÁ. ACESSE



HOMILIA SOBRE CLAÚDIA LESSIN & ÂNGELA DINIZ POR JACKMICHEL



Biografia da autora:

JackMichel é o primeiro grupo literário da literatura mundial, composto por duas escritoras: Jaqueline e Micheline Ramos. São irmãs e nasceram em Belém – PA (Brasil). O tema de sua obra é variado visto que têm livros escritos nos gêneros ficção, poesia, romance, fábula e conto de fadas. Publicações: Arco-Jesus-Íris (Chiado Editora, 2015), LSD Lua (Drago Editorial, 2016), 1 Anjo MacDermot (Drago Editorial, 2016), Sorvete de Pizza Mentolado x Torpedo Tomate (Drago Editorial, 2016), Ovo (Drago Editorial, 2016), Papatiparapapá (Editora Illuminare, 2017), Sixties (Helvetia Edições, 2017), Tim, O Menino do Mundo de Lata (Helvetia Edições, 2017), Anotações Da Lagarta Papinha (Editora Leia Livros, 2018), O Príncipe Milho (Editora Leia Livros, 2018) e Lobistratusdilapirulobis (Editora Illuminare, 2019). É associada em ACIMA (Associazione Culturale Internazionale Mandala), LITERARTE (Associação Internacional de Escritores e Artistas), AMCL (Academia Mundial de Cultura e Literatura), UBE (União Brasileira de Escritores) e Movimento Poetas del Mundo. Seus contos e poemas constam em antologias internacionais bilíngues. Também foi destaque em diversos jornais e revistas on-line de literatura, artes e cultura. Participou de salões literários na Europa e no Brasil. Conquistou o Prêmio Talentos Helvéticos-Brasileiros IV, o 3º lugar no Concurso Cultive de Literatura "Prix ALALS de Littérature" e no I concurso literário da Casa Brasil Liechtenstein e o 1º lugar no II Festival de Poesia de Lisboa. Seu slogan é "A Escritora 2 Em 1."

Website Oficial da JackMichel A Escritora 2 Em 1
<https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com>



Sê simples como as aves do céu
Que voam buscando pouso!
Mulher é abelha e mel...
Homem é zangão e esposo.

Feminina feito uma flor
Assim era a bela carioca...
Não a julguem, por favor!
De todos era benzoca.

Sê como os lírios do campo
Que nascem em todo lugar!
Mulher é deusa com manto...
Homem é herói a lutar.

Feminil mais que as outras
Assim era a linda mineira...
Não a condenem, por estar noutras!
Esta era sua maneira.

Atire a primeira pedra
Quem nunca errou na vida!
A tentação sempre medra
Nos deixando sem saída.

Contudo, coisas alheias
Não devemos cobiçar...
Feminicídios, voltas e meias,
Jamais deveis praticar!.

Poema publicado no evento III Ano AMCL (Academia Mundial de Cultura e Literatura) da qual JackMichel é membro perpétuo e ocupa a cadeira 31 tendo como patrono o cantor Mario Reis.

Leonencio Nossa

ROBERTO MARINHO O PODER ESTÁ NO AR

Do nascimento ao
Jornal Nacional



Por Rafael Botter

ROBERTO MARINHO O PODER ESTÁ NO AR

Autor: Leonencio Nossa

Sinopse:

"Roberto Marinho, o poder está no ar" mergulha na vida do criador do maior império de comunicação da América Latina, o brasileiro mais poderoso de seu tempo. Ao herdar na juventude um jornal criado havia 23 dias pelo pai, Marinho buscou a sobrevivência do negócio que sustentava a mãe viúva e os irmãos menores. Era véspera da ditadura Vargas. Teve de aprender logo a se movimentar num Rio de Janeiro de agentes da repressão, espões estrangeiros, militares afoitos, agitadores da direita e da esquerda, capitalistas em formação, lobistas, dançarinas de cassinos e compositores dos primeiros sambas. Aos 60 anos, criou a TV Globo sem apoio dos irmãos. Quando levou ao ar o Jornal Nacional, a 1º de setembro de 1969, tinha vivido bem de perto 18 golpes ou tentativas de tomada à força dos palácios do governo. Uma aventura épica para erguer e expandir, nas ventanias da instabilidade, a obra que até hoje desperta sentimentos distintos entre os brasileiros. Com documentos inéditos colhidos em arquivos do país e do exterior e depoimentos de figuras dos bastidores que por décadas se mantiveram em silêncio, o livro descreve a intimidade do biografado e o Brasil da transição do rural para o urbano, tempo de sucessivas rupturas das regras do jogo político.

Resenha

Impressões:

Roberto Marinho foi um empreendedor e visionário, mudando de uma forma intensa todo o jeito de se fazer jornalismo, desde o rádio, mídia impressa até chegar na televisão. Fazendo uma revolução.

“Roberto Marinho – O Poder Está no Ar” do escritor Leonencio Nossa, traz uma biografia completa da vida de Roberto Marinho, traçando uma parte de sua época, começando pelo seu

nascimento até o período da criação do “Jornal Nacional”.

Leonencio Nossa traz um panorama geral do Brasil do final do século 19 e início do século 20, mostrando de forma minuciosa, todo o período político do país. Esse é um dos pontos positivos da obra.

Irineu Marinho, pai de Roberto, foi o principal protagonista por entrar de cabeça no mundo jornalístico, sendo assim, deixando uma vida mais

confortável para sua esposa e filhos no Rio de Janeiro.

O autor mostra uma escrita técnica bem nos moldes jornalísticos, porém é uma leitura fluída e dinâmica, trazendo inúmeros depoimentos de pessoas da qual conviveram com Roberto Marinho, principalmente seus filhos.

O leitor vai acompanhar em cada capítulo, todo o início e evolução do jornal “O Globo”, sendo criado pelo patriarca da família Marinho, até o dia em que o próprio Roberto assume os negócios do pai.

Título: Roberto Marinho – O Poder Está No Ar
Subtítulo: Do Nascimento ao Jornal Nacional
Autor: Leonencio Nossa
Páginas: 543



Rafael Botter nasceu lá pelas décadas de 80/90. Vive em Ibitinga interior de São Paulo. É apaixonado por literatura e pretende seguir carreira como escritor e crítico literário. Escreve para o blog literário Livreado e participa do Podcast Edição Rápida. Suas outras paixões são tudo sobre astronomia, cosmologia e astrofísica, além de ser viciado em jogar xadrez. E-mail: botter.rafael@gmail.com



Morte humana, luto, culto aos mortos e educação (pedagógica) tanatológica: breves prolegômenos

**Por Marcos Pereira dos Santos;
Jovita Aparecida Kinkoski e Dalton César Zimmermann**

Artigo Científico

Vida e morte: realidades humanas paradoxais e complementares!?
Duas faces da mesma moeda!!!

Uma vez que, tanto na escola da vida quanto na vida na escola, a temática morte humana nem sempre é encarada com “bons olhos” pelos sujeitos sociais e nem tampouco é tida como um assunto de investigação relevante para estudos, pesquisas científicas, debates, discussões e análises crítico-reflexivas por determinada parcela de estudiosos(as) e pesquisadores(as) do campo das Ciências da Religião, Ciências Humanas e Ciências Sociais, tendo em vista o teor gélido, o aspecto temeroso e o silêncio sepulcral que a circunda, optamos, dentre outros fatores atrelados, redigir este artigo acadêmico-científico objetivando trazer a lume alguns breves prolegômenos atinentes à morte humana, ao luto, ao culto aos mortos e à educação (pedagógica) tanatológica em sentido amplo.

Trata-se, pois, de uma temática deveras atual, significativa e de extrema relevância para as áreas de Teologia, Filosofia, Logosofia, Tanatologia, Andragogia, Antropologia,

Gerontologia, Enfermagem, Educação Tanatológica, Ciências Médicas, Ciências Jurídicas e Ciências da Religião, em específico, cada qual abordando o tema morte humana sob diferentes ângulos, particularidades, singularidades, facetas, matizes e nuances.

Pensar, falar e escrever cientificamente sobre a morte de modo geral e, em particular, a respeito da morte humana é uma tarefa deveras complexa, polêmica e desafiante para muitas pessoas, haja vista que ao entorno deste tema (ainda) gravitam inúmeros tabus, mitos, estereótipos e preconceitos de todos os tipos e gêneros; os quais são oriundos de fatores sociais, culturais, religiosos, políticos, econômicos, ideológicos, epistemológicos, te(le)ológicos, logosóficos, históricos, sociológicos, psicológicos, antropológicos e axiológicos.

Dizemos isto, porque há uma forte tendência de, sempre que possível, os sujeitos sociais procrastinarem, negligenciarem, ocultarem ou relegarem a segundo plano as conversas, reflexões, análises e interpretações concernentes à morte humana, ou seja, à finitude terrena do ser humano, o qual, conforme postula Kardec (2013), é possuidor de matéria corpórea, alma (*psyché*) e espírito (fluido cósmico vital), cujo envólucro deste último seria o corpo físico, a ‘roupagem carnal’. Portanto, para a doutrina espírita kardeciana e muitas outras religiões cristãs espiritualistas, sejam elas provenientes de matrizes africanas ou não, acredita-se em experiências de quase-morte e em vida além-túmulo (vida pós-morte no plano ou mundo espiritual, que seria a “verdadeira pátria celeste” dos espíritos em geral).

Sendo assim, a morte humana e(m) suas diversas formas de manifestação e ocorrência na vida em sociedade nem sempre é entendida de maneira consensual e convergente em termos de pontos de vista, concepções, ideologias, definições conceituais, características, fases, tipificações, aspectos religiosos atinentes e tradições socioculturais. Contudo, “[...] a morte é um fenômeno natural e inerente aos seres humanos (sujeitos históricos, sociais e racionais; por excelência), bem como aos vegetais, minerais e animais irracionais que povoam o globo terrestre”. (MORIN, 1988, p.35)

Nesse contexto, ao efetuamos um “estado da arte” (ou “estado do conhecimento”) referente ao tema morte humana e tudo o que concerne a ela, observa-se que ainda existe, no Brasil, uma significativa escassez de produções acadêmico-científicas (obras de cunho literário em geral, livros didáticos e paradidáticos, apostilas escolares, trabalhos de conclusão de curso, monografias de especialização, dissertações de mestrado, teses de doutorado, ensaios e artigos científicos, etc.) versando sobre assuntos alusivos a Tanatologia, Criminologia, Educação Tanatológica Escolar, pedagogia da morte, arte (arquitetônica) cemiteral, luto, morfologias de morte, culto aos mortos, dentre outros verossimilhantes.

Isto implica afirmar que há um “relativo silêncio e silenciamento sepulcral”, política, consciente e ideologicamente proposital ou não, a despeito da temática morte humana por alguns ramos e sub-ramos do saber científico, direta ou indiretamente veiculados a este fenômeno (Tanatologia, Teologia, Direito Penal, Criminologia, História, Literatura, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Biologia, Enfermagem, Medicina Forense, dentre outros). Assim sendo, corroboramos com Carneiro (2016) ao asseverar que o tema morte humana deve ser abordado dentro e fora do âmbito escolar com naturalidade e (relativa) simplicidade, porém não de forma estanque, pejorativa,

simplificada, depreciativa ou ‘vazia de conteúdo, sentido e significado em si’; mas com perspicácia e respeitando-se a diversidade cultural, a multiplicidade de opiniões, as diferentes crenças religiosas e as questões psicológicas e afetivas (emoções e sentimentos) atreladas à personalidade, identidade, singularidade e particularidade de cada sujeito histórico e sociocultural.

A morte é algo inerente ao ser humano, necessitando ser encarada pelas pessoas como algo natural, próprio da espécie humana e de outros animais que nascem, crescem, se desenvolvem e morrem. Nascemos para a vida, mas também para a morte! Envelhecemos e morremos a cada dia, paulatinamente, desde o momento de nossa concepção no útero materno. Isto é fato, e como tal não pode e nem deve ser omitido, secularizado, negligenciado e nem ‘descartado’. Morte e vida se complementam, mesmo que paradoxalmente, configurando-se como um “jogo de encaixe”, um “quebra-cabeça” abstrato e confuso, embora isto, em certa medida, nos pareça um tanto quanto absurdo, incoerente e até surreal. Entretanto, é uma realidade objetiva existencial concreta, uma vez que ninguém escapa da morte, da mesma forma que também “ninguém escapa da educação” (BRANDÃO, 1981, p.7). Eis a única certeza *na/da* vida!!!

Posto isto, cabe-nos apresentar aqui quatro assertivas exclamativo-indagativas basilares de viés problematizador crítico-reflexivo, filosófico, escatológico, hermenêutico e exegético que nos assolam desde longa data e que, em linhas gerais, também contribuíram, sobremaneira, para o desenvolvimento deste trabalho científico, quais sejam: *Nascemos para a vida!?* *Nascemos para a morte!?* *Vivemos para morrer!?* *Morremos para (re)nascere e (re)viver!?*

Além dos fatores enunciados até então, vale frisar ainda que outro motivo salutar que nos levou a abordar o tema morte humana como principal objeto de estudo do presente artigo científico diz respeito ao fato de na atual escola brasileira de Educação Básica, notadamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ou Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de Nove Anos – antiga pré-escola e 1ª a 4ª séries do ensino primário tradicional), tal assunto, quando abordado, é tratado de maneira deveras superficial, temerosa e repleta de meandros, engendramentos, receios, tabus, mitos, preconceitos e estereótipos de toda ordem; haja vista que, segundo Kopeska (2014) e Souza e Santos (2015), as pessoas em geral não estão devidamente preparadas para aceitar e lidar com a morte humana e com o luto em suas diferentes formas de manifestação e fases (de choque traumático, de lástima ou lamentação, de inércia, de profunda solidão sepulcral, de revolta contra tudo e todas as pessoas, de especulação indagativa (“por quês”), de acomodação ou internalização (reflexão interior e encontro consigo mesmas) e de aceitação aparente). Acrescente-se a isto, o fato de os cursos de formação inicial e continuada de docentes não trazerem em seu bojo disciplinas curriculares ou conteúdos programáticos que tratem desta temática com a devida atenção, valoração e respeito.

Portanto, faz-se urgente e extremamente necessário que tenhamos nas escolas de Educação Básica (desde a Educação Infantil até ao Ensino Médio), faculdades e universidades brasileiras uma sólida e autêntica *Educação Tanatológica*, inclusive como disciplina curricular obrigatória, bem como a criação e o desenvolvimento de grupos de estudos e pesquisas acadêmico-científicas que abordem a temática morte humana e sua(s)

pedagogia(s) como um todo (MARQUES, 2013), preparando desde a tenra idade todas as pessoas para encarar a morte como algo natural, a qual é inerente a todos os seres humanos detentores de corpo físico/carnal mortal. É preciso, pois, ensinar e aprender para a morte. Profícuo se faz que tenhamos, enfim, uma eficaz e eficiente educação para a *Pedagogia Tanatológica*, ou melhor, uma consistente *pedagogia educacional tanatológica* ou *educação pedagógica tanatológica*. (KOVÁCS, 2005; MARQUES, 2013)

Daí a relevância da problemática de investigação científica em pauta para os dias atuais e os tempos vindouros. É de importância capital, pois, efetuar uma minuciosa análise de conjuntura, análise de conteúdo, análise de discurso e/ou leitura de imagens acerca da(s) abordagem(ns) sobre a morte humana em livros de literatura (infantil, infanto-juvenil, médica, tanatológica, filosófica, teológica, andragógica, gerontológica, logosófica, antropológica, etc.), tendo como eixo central e gerador de análises interpretativas a Teoria das Representações Sociais (TRS), cunhada por Serge Moscovici (1925-2014); por exemplo.

Outrossim, trata-se, em suma, de um tema atual, interessante, polêmico, curioso, problematizador, interdisciplinar, transversal, instigante e desafiador que merece ser estudado e pesquisado acadêmica e cientificamente com afinco pelos(as) pesquisadores(as), educadores(as), educadores(as), professores(as) e demais profissionais em geral oriundos(as) de diferentes áreas do conhecimento científico que abordem o tema morte humana como um dos escopos estruturais de suas investigações científicas.

Cada cultura (oriental e ocidental), país, região e território habitado compreende a morte humana e tudo o que a ela é inerente (epitáfios, funerária, funeral, necrotério, tipo de caixão ou urna mortuária, velas, flores, cruz, símbolos, indumentárias, preparação do corpo do(a) defunto(a), forma de velório e sepultamento, jazigo, cemitério, celebrações religiosas, etc.) de modos notadamente distintos, a depender das concepções, ideologias, valores e crenças religiosas subjacentes de cada pessoa. São, porém, maneiras diferentes de encarar o mundo, a vida, a morte, a pós-morte e o além-túmulo (a vida sobrenatural, o espírito e a imortalidade d'alma humana).

Tanto esta afirmativa é tautológica que basta observar como as inúmeras culturas se posicionam face à realidade de morte humana, seja ela causada por circunstâncias naturais (velhice, doenças invasivas e degenerativas, etc.) ou acidentais (morte repentina, acidente automobilístico, mal súbito, homicídio, suicídio, afogamento, estrangulamento, asfixia, dentre outras). São diversas as formas de ritos, rituais e ritmos religiosos atrelados para expressar sentimentos, emoções, homenagens, celebrações e credências culturais (folclóricas e populares), buscando assim cultuar os(as) entes queridos(as) falecidos(as), tendo fé e esperança de, quiçá, um dia, poder reencontrá-los(as) na eternidade (plano/esfera/mundo/pátria espiritual celeste), ou acreditando na gloriosa ressurreição ou na dádiva da reencarnação dos(as) mesmos(as) no porvir, no futuro desconhecido e, de certa maneira, incerto (!?), tendo em vista a religião e a religiosidade de cada povo, cultura e pessoa.

A cada ano, no Brasil, na *data de 02 de novembro*, celebra-se o “*Dia dos Mortos*” ou o “*Dia de Finados*”, conforme estabelece o calendário civil vigente, inclusive como dia de feriado nacional. Trata-se de uma data célebre em que muitas pessoas rememoram os(as)

seus(suas) entes queridos(as) já falecidos(as), prestando-lhes diferentes homenagens em igrejas, capelas, templos, abadias, mesquitas, mosteiros, santuários e cemitérios. É um dia dedicado, especialmente, a todas as pessoas falecidas. Por este motivo tão nobre e meritório, é uma data em que devemos silenciar o coração, prestar nosso sincero respeito e admiração àqueles(as) que um dia estiveram vivos e presentes no meio de nós (familiares, amigos, colegas, etc.), cumprindo, com êxito ou não, a sua jornada terrestre enquanto espírito encarnado.

Que possamos, verdadeiramente, atentar para isto e cultuar os mortos, do Brasil e do mundo, próximos ou distantes de nossos enlances familiares, com profundo sentimento respeitoso por tudo o que eles fizeram na Terra, seja de bom ou de ruim, sabendo que não cabe a qualquer um de nós, (“simples”) mortais de carne e ossos, julgar e/ou condenar ninguém por seus atos falhos, pois todos somos seres humanos, irmãos em Cristo, passíveis de erros e iguais perante o Criador do Universo.

Afinal de contas, lembremos sempre, conforme enuncia a Bíblia Sagrada (2012) em um de seus versículos canônicos, que: *fomos criados do pó da terra e a ele voltaremos!*

Recordemos, então, das pessoas falecidas com imenso carinho, respeito, admiração e gratidão, agradecendo ao Pai Maior por elas terem, direta ou indiretamente, sido parte integrante de nossa existência terrena, seja a curto, médio ou longo prazos. Rememoremos aqueles(as) que jazem no sono da morte, não com tristeza; mas com saudades eternas e boas lembranças.

Oxalá que isto, de fato e de verdade, seja possível: hoje, amanhã e sempre!

Portanto: Psiu, silêncio!!! Os túmulos (ainda) estão fechados, lacrados!

Referências:

- BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. 23.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 2012.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos – v.20).
- CARNEIRO, M. **Desnudando a masculinidade**: representações de nudez e seminudez na estatuária funerária paulistana (1920-1950). Goiânia, 2016. 349 f. (Tese de Doutorado em História – Universidade Federal de Goiás). *mimeo*.
- KARDEC, A. **O que é o espiritismo**. 56.ed. Brasília: Editora da FEB, 2013.
- KOPESKA, M. **Superando a dor do luto**: quando vai passar? Curitiba: Editora A. D. Santos, 2014. (Coleção Série Superando as Crises da Vida).
- KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. In: **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília: Editora da UnB, v.25, n.3, p.484-497, jul./set., 2005.
- MARQUES, P. R. M. **Pedagogia da morte**: a importância da educação sobre luto nas escolas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- MORIN, E. **O homem e a morte**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.
- SOUZA, A. S. S. S.; SANTOS, F. S. Histórias de morte e luto: um estudo socioantropológico da vivência da morte em um grupo operativo no CRAS. In: **Revista de Psicologia**. Fortaleza: Editora da UFC, v.6, n.2, p.50-58, jul./dez., 2015.



Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Pesquisador em Ciências da Educação. Príncipe Real. Docente adjunto da Faculdade Rachel de Queiroz (FAQ), junto a cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e de tecnologia) e pós-graduação *lato sensu*, em Ponta Grossa/PR. *E-mail:* mestrepedagogo@yahoo.com.br

Jovita Aparecida Kinkoski – Brasileira. Bacharela em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) - Ponta Grossa/PR. Conselheira tutelar eleita por voto direto, assistente social (contratada) em uma instituição religiosa diocesana e catequista católica em Ponta Grossa/PR, cidade na qual reside nos dias atuais. *E-mail:* jovitaapkinkoski@ig.com.br

Dalton César Zimmermann – Brasileiro. Bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) - Ponta Grossa/PR. Funcionário público concursado da Receita Estadual e catequista católico em Ponta Grossa/PR, município onde tem residência fixa. *E-mail:* dalton_cz@hotmail.com

—ENTREVISTA COM RICARDO MONTEIRO LOBATO—



Foto divulgação

Por Ademir Pascale

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ricardo Monteiro Lobato: Sou do comércio e tenho uma loja de automóveis. Faz 30 anos que estou nessa área, não sou escritor. Muitas pessoas fazem essa pergunta. Tenho vontade de começar a escrever, na realidade já tenho alguns textos escritos e penso em mais pra frente colocar isso em prática.

Conexão Literatura: Como bisneto de Monteiro Lobato, quando e como foi o seu primeiro contato com o Sítio do Picapau Amarelo?

Ricardo Monteiro Lobato: Meu primeiro contato com o Sítio do Picapau Amarelo foi pela Rede Globo, na década de 70. Sou de 71 e assisti o sítio pela tevê. Tive contato antes através dos livros com a minha mãe me contando

as histórias do Lobato, mas o contato que tenho mais de memória afetiva foi realmente do Sítio do Picapau Amarelo da Globo, entre os anos 77 e 84, se não me engano.

Conexão Literatura: Poderia comentar sobre a importância das obras de Monteiro Lobato?

Ricardo Monteiro Lobato: Lobato é fundamental para a literatura brasileira como um todo, ele escreveu

tanto para criança como para adulto, mas a obra infantil dele é um marco na história literária do Brasil. Ele foi o precursor para escrever para as crianças. Foi o primeiro a escrever diretamente para as crianças se preocupando com elas e simplificando a escrita. Lobato foi um visionário nesse sentido, ele fez muito pelo Brasil de um modo geral e a importância dele é fundamental para a formação de diversas gerações, pensamento crítico, desenvolvimento das crianças, desenvolvimento intelectual e emocional. A leitura de Lobato é fundamental, suas obras também misturam ficção com realidade e é uma obra única que todos deveriam ler.

Conexão Literatura: Lobato também foi editor?

Ricardo Monteiro Lobato: Sim. Lobato foi o primeiro editor brasileiro a editar livros no Brasil, pois antigamente os livros eram importados da Europa. Lobato foi a primeira pessoa a montar uma editora aqui, isso em 1920. Ele criou a Monteiro Lobato & CIA. Em 1918 ele comprou a Revista do Brasil e depois ela se tornou a Monteiro Lobato & CIA. Ele importou todo o maquinário e começou a produzir livros e com isso reduziu o custo dos livros, deixando mais acessíveis para a população, pois eles eram caros justamente por serem importados. Além disso ele modernizou as capas, ele era também visionário na área de marketing.

Antes as capas eram sem graça, em tons pastéis e sem ilustrações, então ele modificou isso para as pessoas se interessarem ainda mais pelos livros também pela capa, colocando ilustrações e cores chamativas nelas. Ele foi muito importante nessa área.

Conexão Literatura: Você possui alguns objetos importantes de Monteiro Lobato em sua coleção. Qual deles mais desperta a sua atenção e por quê?

Ricardo Monteiro Lobato: Tenho vários objetos importantes dele. Tenho uma máquina filmadora a corda. Ela é linda. Ele era uma pessoa à frente do seu tempo, pois naquela época ele já fazia filmes. Tenho também um jogo de xadrez lindo que era dele, datado do ano de 1900, todo feito a mão. Tenho também aquarelas, quadros pintados por ele e vários livros antigos que era da sua coleção. Mas a peça que mais desperta minha atenção é a máquina de escrever que foi dele.

Ela está comigo. É uma Hamilton portátil e foi com ela que ele escreveu boa parte da sua obra, ele adorava essa máquina. Lobato ganhava muitas máquinas de escrever dos fabricantes.

Ele teve muitas em sua vida, mas essa Hamilton era a sua predileta e eu a levo sempre que posso em alguns eventos em que participo.



Conexão Literatura: E sobre o concurso literário Pequenos Escritores – Lobato Para Crianças?

Ricardo Monteiro Lobato: Fizemos um piloto em parceria com a Anglo de Sorocaba e a gente abriu para as escolas também de Sorocaba. A ideia do concurso

foi a de justamente incentivar à leitura e a criatividade para as crianças. Foi um sucesso, tivemos quase 400 trabalhos inscritos num prazo de 1 mês. Fizemos a entrega dos prêmios para cada vencedor agora no começo de outubro, demos uma coleção de 8 livros do Imaginário do Lobato. Planejamos fazer um concurso semelhante no ano que vem, pois o que fizemos esse ano foi incrível, tivemos respostas muito legais das crianças. O tema era como seria o Sítio do Picapau Amarelo na atualidade. A Emília virou youtuber. A tia Nastácia virou Master Chef e assim por diante, desenhos mostrando o Sítio com árvores com wi-fi. Foi engraçado e muito legal essa experiência.

Conexão Literatura: Em Mairiporã, interior de São Paulo, existe um espaço temático do Sítio do Picapau Amarelo. Poderia comentar?

Ricardo Monteiro Lobato: Sim, é um espaço temático licenciado da Globo que a gente tem contrato. É uma réplica do Sítio que passou na televisão. É um local que a gente vai de manhã, chega às 10hs e passa o dia até às 16hs. Lá tem o laboratório do Visconde, tem a casa da dona Benta onde o visitante poderá comer bolinho de

chuva com a tia Nastácia na cozinha, a dona Benta conta uma história na varanda, tem a gruta da Cuca e o Reino das Águas Claras. É um lugar lindo na beira da represa de Mairiporã e eles abrem aos finais de semana para grupos de famílias visitarem e durante a semana para visita das escolas. Vale a pena conhecer. Fiz o aniversário do meu filho lá recentemente, em julho, e foi um grande sucesso. Convidamos 100 pessoas e todas amaram. É um programa que recomendo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado poderá saber mais sobre você e Monteiro Lobato?

Ricardo Monteiro Lobato: Os interessados poderão saber mais no meu instagram, que é @rmonteirolobato. Tenho feito um trabalho por todo o Brasil e fora dele. Tenho parceria com o Japão, Alemanha e Inglaterra de perpetuação



do legado do meu bisavô com as novas gerações e de resgate com as mais antigas. O Lobato desperta uma memória afetiva incrível nas pessoas e nos lugares em que vou elas me abraçam emocionadas agradecendo por esse trabalho, por ter levado até elas

essa recordação desse momento importante na vida delas, pois normalmente em algum momento da infância a criança leu Lobato. No meu instagram tem muitas informações e imagens, além do site que tem toda a cronologia da história do Lobato e outras informações: www.monteirolobato.com. Tem também o meu projeto "Viva Lobato", que lancei agora em outubro de perpetuação de Lobato que estou levando nas escolas, uma palestra de contação de histórias com música e uma palestra feita por mim. É um projeto interessante que também estou divulgando em meu instagram: @rmonteirolobato.

Conexão Literatura: Tanto em livros como na tevê, existem novos projetos em pauta?

Ricardo Monteiro Lobato: Sim, como acabei de dizer, tem o meu projeto Viva Lobato, que tem algumas frentes, sendo que uma delas é a parte lúdica para as crianças onde envolve uma palestra com fotos mostrando a vida do Lobato, uma contação de histórias baseada no Sítio, com música e com os personagens. Fazemos algo bem divertido. E tem também um curso para formação

de professores de contação de histórias. Minha parceira nesse projeto é uma pedagoga, que é a Monisa Maciel que é de Sorocaba, ela é especialista em contação de histórias. Ela faz o curso de contação e eu faço uma palestra de mais ou menos uma hora e meia e bem recheada falando bastante sobre vários temas da vida do Lobato. Esse curso é baseado na obra do Lobato para os professores aprenderem contação de histórias baseadas no Sítio. Tenho também outros projetos para o ano que vem que ainda estão no forno, mas que por enquanto não posso comentar.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Reforma da Natureza, de Monteiro Lobato.

Um (a) autor (a): Monteiro Lobato, sou fã nº 1 dele.

Um ator: Robert de Niro.

Um filme: O poderoso chefão.

Um dia especial: O dia em que fui no Sítio do Picapau Amarelo e fizemos o aniversário do meu filho. Foi um dia muito especial e que guardarei em minha memória com muito carinho.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ricardo Monteiro Lobato: Agradeço pela oportunidade de levar um pouquinho de Monteiro Lobato para os seus leitores.



No Espaço Temático do Sítio do Picapau Amarelo - Foto divulgação

Visite:

<https://www.instagram.com/rmonteirolobato>
www.monteirolobato.com

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 85 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 38 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES
SITE: + DE 1 MILHÃO DE ACESSOS

**ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:
[CLIQUE AQUI]**

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publiteditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com

“FEICE” SEM FACE

por Roberto Schima



Conto

A noite avançara inevitavelmente. José Maria, olhar dolorido, estava só no escritório em sua casa, diante do *laptop*.

A fraca luz da tela iluminava o seu rosto, afugentando a escuridão.

Dez bitucas de cigarro jaziam no cinzeiro ao seu lado.

Dentro da virtualidade proporcionada pela pequena janela de vidro que se constituía o monitor, ele sentia alumiar também a penumbra de sua alma e suas esperanças.

Estava sozinho, imerso no silêncio, postando no *Facebook* uma cornucópia de carências e vaidades.

"Meu passeio na Praça da Matriz", anotou sob a foto.

Enviou.

Um pequeno vídeo feito na firma com seu *smartphone*:

"Despedida de solteiro do Mané. Parabéns, Mané!".

Enviou.

Em resposta a uma postagem sobre as urnas eletrônicas, escreveu:

"Seria suficiente ter o voto impresso? Se o software estiver adulterado, o que garantiria que a fraude não persistiria? Não seria o caso de investigar-se também o software por trás dessas bugigangas?"

Enviou.

Era tão reconfortante bradar seus pontos de vista sem ter de encarar ninguém.

Uma imagem aqui, um desabafo ali, uma esperança não concretizada acolá.

E foi iludindo-se nessa sensação de privacidade e de estar postando tão somente para os "amigos", cujos rostos não percebia.

Ah, José Maria, a penumbra e as sombras permaneceram ao seu redor feito uma matilha esfaimada. Você fugia das trevas para essa pequenina luz. Era um anseio antigo, ancestral, mas também era o anseio de todos aqueles que, gerados na escuridão do oceano amniótico, de repente, viram-se lançados para a claridade sem fim.

A luz no fim do túnel.

Mas as trevas, de um jeito ou de outro, sempre persistiam, de tocaia, cercando, aguardando, faminta por apagar seus tépidos devaneios e trazê-lo de volta à fria realidade.

A matilha.

A alcatéia.

Rosnando.

Então, refugiou-se mais desesperadamente na luz, nesse retângulo de luz, seu remédio, seu narcótico, sua doença.

A Luz.

E houve Luz.

Bendita seja a Luz!

Nela, José Maria depositava seus sonhos, suas decepções, suas expectativas, seu cotidiano. O que vira de engraçado. O que ouvira de interessante. O que fizera de relevante - segundo o seu ponto de vista. Ou apenas uma banalidade mais ou menos grosseira para rir, na esperança de que, do outro lado daquele retângulo de luz, alguém sorriria

também... e fizesse-o saber. Sim, a espera do retorno, do "curtir", do reflexo da luz, era a mola propulsora desse moderno altar ao qual rezava, do divã sem qualquer especialista a atendê-lo ou ajudá-lo. O número de curtidas era o seu medidor de sucesso e felicidade... ou fracasso e tristeza.

A alcatéia das trevas possuía uma paciência ilimitada.

Por maior que fosse a claridade, a escuridão sobrepujava.

A luz... Todo o universo estava contido no retângulo de luz.

Mas a luz necessitava de energia, enquanto a escuridão sobrevivia por si.

Por ora, a luz era quase onipresente. Estava em toda parte, em todo canto, em toda esquina, em todas as casas, nos ônibus, nos vagões de metrô. Milhões de retângulos de luz de diferentes dimensões: *laptops*, *smartphones*, *desktops*, *tablets*. Uma constelação cintilando fria e distante num límpido céu de inverno.

Imaginem o corredor na entrada do edifício em que José Maria trabalha, por onde passam os seus colegas e estranhos de toda sorte, e pensem que nesse corredor há um mural onde José pode fixar com "percevejos" o que bem entender: fotos de famílias, divagações, dicas sobre um determinado assunto, decepção amorosa, ilusão amorosa, qualquer coisa. Suponha, então, que nem todos os que caminham por tal corredor são do escritório de José, sequer são seus amigos. Aliás, a vasta maioria não o é. Muitos nem trabalham no edifício e só estão de passagem. Entre toda essa gente, pode haver, inclusive, criaturas de má índole, de mentes tão distorcidas quanto normais são as suas aparências. Então, o que José Maria fixaria nesse

mural para TODOS verem? As fotos do interior de sua casa, cercado pela família, ou mostrando seus passeios, seus bens pessoais, suas realizações? Revelaria seus pensamentos mais íntimos, sonhos, alegrias e desapontamentos? Daria pistas sobre onde mora, como é sua residência, o seu trabalho, qual ou quais automóveis possui? Exporia sua intimidade à admiração, indiferença, escárnio ou inveja?

José Maria fez e faz isso.
Era o seu confessionário.
Era a sua oferenda.
Era o seu divã.
O seu altar.

Em um mundo tão cheio de tecnologias e comunicação, a humanidade isolara-se. Seus contatos divorciaram-se da realidade. O palpável cederia lugar ao etéreo. Aquilo que era real fora substituído pelo virtual.

Confiara seu eu para uma tela de vidro iluminada, todavia, mantivera ambos os pés atrás para com o vizinho da casa ao lado, cujo nome sequer tinha idéia. Construíra uma prisão ao seu redor, acreditando-se livre.

No interior de uma sociedade havia décadas doente, o *Facebook* tornara-se a pista onde desfilavam-se vaidades, hipocrisias, ingenuidades, mensagens de ódio e mil trivialidades.

Através de seus dedos, José Maria cintilava a sua "voz" muda para milhões. Despejava as suas angústias, as suas esperanças, a sua fraqueza. Vertia desde o que havia de mais arrogante até o de mais humilde dentro de si; do mais superficial ao mais íntimo; do mais sincero à mentira deslavada.

Queria aparecer.
Queria impressionar.
Queria ter alguma atenção.

Esperava resposta. Esperava **RESPOSTAS**.

O *Facebook* era o corredor de um edifício por onde trafegavam não dezenas, centenas ou milhares funcionários, mas milhões de indivíduos.

De todos os tipos.
De todos os credos.
Da apatia a psicopatia.
De variadas formações...
... a profundas deformações.

Todos a observar o mural, os "percevejos" e aquilo que fora afixado.

Questionando.

Analisando.

Bocejando.

Julgando.

Talvez um *hacker* desejasse utilizar os dados de José Maria para uma brincadeira vulgar, criar um perfil falso, fazer montagens pervertidas com suas fotografias.

Talvez um assaltante ou um *serial killer* procurasse a futura vítima que postara um *tour* pela própria casa, expondo seus bens e suas vulnerabilidades.

Talvez Maria José, aquela cara metade que, nos meandros da informática, poderia concretizar de fato seus sonhos só aguardasse por ser adicionada ao seu círculo de "amizade".

Era uma roleta russa, nessa montanha russa onde a coisa poderia sair bem ou ficar... russa!

Às vezes, José Maria comportava-se como se a luz fosse um balcão de bar. Enchia a cara, esparramava suas mágoas, sua busca por elogios para acarinhar o ego, tentava dar uns safanões na solidão. Quem dar-lhe-ia atenção? A solidão era a irmã mais triste da carência. Sua substância eram as trevas e estas faziam par à escuridão da realidade. Ambas

formavam uma matilha de tocaia, uniam
forças, cercavam-no de goela
escancarada, caninos à mostra,
aguardavam famintas, lambiam os beijos
na trágica certeza de que, cedo ou tarde,
o retângulo de luz extinguir-se-ia. Então,
viria o silêncio, o vazio, a verdade.

As pontas de seus dedos
gritavam... Gritavam!
Milhões escutavam-no.
Poucos ouviam.
Menos ainda refletiam à luz, o som
de sua "voz" perdida entre *bits* e *bytes*.
Nada de "curtir", muito menos
"compartilhar".
A luz era fria.
Era feita de ilusão.
Iluminava seu rosto...
... com sua face sem face.
A noite avançava, sedimentando a
penumbra e as sombras.

O cinzeiro era um cemitério de
bitucas.
Trevas externas.
Trevas internas.
Sem respostas, sem satisfações.
Com "amigos"... sem amigos.
Com "amigos"... e amigos?
Olheiras pronunciadas.
Olhos doloridos.
Alma sufocada.
Era muito tarde, José Maria tinha
de partir da ilusão virtual.
A Luz - com "L" maiúsculo - se
apagou, trazendo de volta o pavor da
Realidade - "R" idem.
A alcatéia.

A matilha.

Correu para a cama, orando por
um sono rápido e sonhos benignos.

Assim, mais uma noite avançou
madrugada adentro como tantas e tantas
outras.

Sob as cobertas, pálpebras
cerradas, José Maria sabia, ainda que
relutasse em colocar em palavras:

A alcatéia vencera, pois pior do
que a escuridão da realidade e aquela
dentro de si eram as trevas
paradoxalmente originárias do próprio
retângulo de luz. A luz que tudo
permeava, nada iluminava e tampouco
preenchia, pois o vácuo era a sua
essência.

E o silêncio...

... Quão grande era o silêncio do
retângulo de luz!

*Antigamente - e nem fazia tanto tempo
assim -, a vida privada era zelada como um bem
precioso, reservada a poucos tidos realmente como
amigos íntimos, de confiança, de carne e osso.
Hoje, ela é escancarada (arreganhada?) para
quem quiser ver, ler, participar, compartilhar.
O essencial tornou-se banal.
O conteúdo tornou-se (mais) vazio.
A vida privada tornou-se... a privada da
vida.*

NOTA DO AUTOR: O presente texto é uma colcha de retalhos de reflexões esparsas que tive sobre o assunto. Quanto a questão da privacidade, para se ter uma noção do quanto isso mudou, basta, por exemplo, assistir ao episódio intitulado "A Tragédia" do seriado nacional "Confissões de Adolescente". Pode-se verificar o quanto certos valores foram deixados para trás em um curto intervalo de tempo.



Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

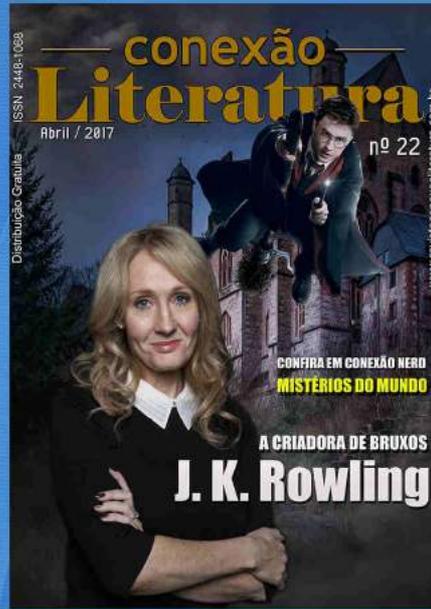
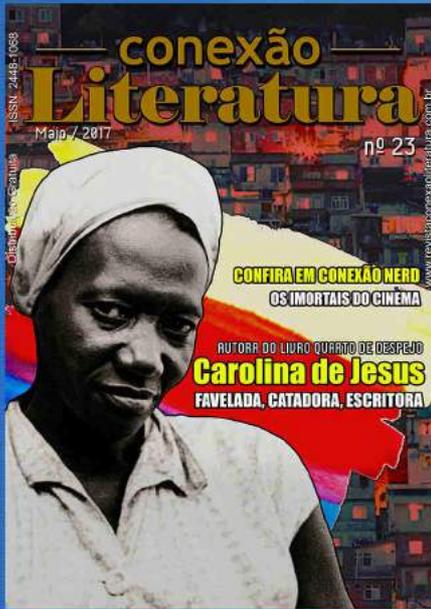
<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br

Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE
<https://apoia.se/conexaoliteratura>



VIDA

por Rogério Macedo

Conto

Sara tinha 15 anos quando engravidou, ela até pensou em tirar, mas o aborto é ilegal e sua família, fundamentalmente evangélica, brigou com ela por ter esse tipo de pensamento, o que mais ouviu foi “se fez agora tem que assumir a responsabilidade”, “mulher só tem filho por que quer”, “abriu as pernas por que quis” entre outras pérolas de sabedoria popular.

Teve o seu filho em um hospital público, onde escuta mais pérolas de sabedoria popular dos médicos e enfermeiras e depois de 24 horas em trabalho de parto, cenas de violência obstétrica (comuns em alguns hospitais públicos) nasce o menino João.

Os pais não a queriam em casa, o pai também adolescente de nome José, alugam uma quitinete em uma comunidade carente. Eles sabem que tiroteios são frequentes nesse lugar, mas é o que podem pagar com o salário do rapaz, dormem mais embaixo da cama do que em cima.

O pai, que mal terminou o segundo grau consegue trabalhar de peão de obra ganhando pouco mais de um salário mínimo, com a ajuda de parentes que doaram diversos móveis (claro que muito usados e que seriam descartados), conseguem comer e pagar o aluguel. Algumas vezes José dorme na obra para

não gastar o dinheiro com a passagem para voltar.

Quando a criança desmama, a mãe consegue trabalhar em uma “casa de família”. Mas eles não ganham o suficiente para pagar uma creche particular e a fila de espera da creche do governo é de 3 anos. Por “sorte” eles têm uma vizinha que “cuida de crianças” a um bom preço.

Como eles moram nos casebres mais afastados, aqueles do fim da rua que ninguém quer chegar perto, que por pouco não eram de madeira. Eles têm o pacote completo: chão de terra, vala negra, e posto de observação do tráfico, que depois virou uma boca de fumo ou de distribuição.

A criança João cresce, a cada vez que seus pais passam por apertos a família de seus pais “cansada”, já não os ajuda mais. Nem sempre tem obras para trabalhar. Por vezes falta comida. Outras vezes falta gás. E quem os ajuda? Os vizinhos traficantes, com gás, comida e remédios até. O pai, sentindo-se em dívida, ocasionalmente faz uma entrega para eles. Afinal, tem que colocar comida na mesa.

Vários meninos da vizinhança já trabalham de aviãozinho. O coleguinha de João, filho da vizinha que toma conta de crianças, já brinca de polícia e ladrão. Mas ali o herói é o ladrão, e a “poliça” ou “os milico” são pessoas que entram atirando e matando todo mundo. Esses são os vilões.

Os heróis para aquela criança são os que não deixam sua mãe chorar quando serve apenas uma batata para o filho e fica apenas olhando e o mandando comer. Ele come chorando por saber que só o que se tem em casa.

E quem são os que vivem no asfalto? Quem são aqueles que andam de carro e usam roupas de marca igual ele viu na tv? De acordo com seus “amigos”, aqueles são os “praiboizim”, os “vacilão”. Os que papai deu tudo e que não precisam se esforçar para nada.

Um pouco mais velho e a única coisa que João recebe quando vai à uma praia ou desce para o “asfalto” é ser chamado de pivete e colocado para fora das lojas. Mesmo sem nunca ter estado ali ou roubado nada é perseguido pelos seguranças no supermercado. Seja pela sua cor ou suas roupas. Ou seu cabelo sem cortar, ou seu chinelo velho.

Ele consegue estudar em uma escola pública, mas tem que usar material doado, as outras crianças riem dele por isso ou por ir para a escola de chinelo, camisa rasgada e remendada ou ainda suas calças curtas pois cresceu rápido demais e seus pais ainda não conseguiram comprar outra.

Enquanto isso o coleguinha de João, filho da vizinha que tomava conta dele, está andando de tênis de marca, roupa nova, tem videogames de última geração e churrasco na casa dele quase todo fim de semana. Tudo graças ao irmão traficante. E até ao próprio colega, que já aproveita a mochila da escola para entregar algumas coisas para ajudar também.

Por que não? Por que não fazer umas entregazinhas, andar de roupa de marca, aí vão olhar para ele como gente. Assim ele começa, mas a mãe descobre e briga com ele. É uma luta desigual, ela mal o vê e os “amigos” estão sempre ali. O pai, esse já chega em casa bêbado de cachaça. Mas ele atende a mãe. Afinal ela é a mãe dele.

Alguns anos depois, na adolescência, as meninas bonitas só olham para ele para rir. Quando mal se tem dinheiro para comer, desodorante é luxo. Leite de rosas só ajuda, polvilho resolve, mas não cheira bem, e até isso vira motivo de chacota.

Mesmo na escola pública tem garotos de tênis importados, os “filhinhos de papai”, fazem cursinho de inglês e tudo. E é para esses que elas olham.

A situação fica pior quando o pai some, ou é morto pela polícia. Então contrariando sua mãe, larga a escola para se dedicar a “profissão” de aviãozinho, afinal como disseram os “amigos” da boca, “estudar pra que? Pra ganhar salário mínimo igual ao seu pai?”

Consegue algum dinheiro, mas quando a polícia aperta o cerco não tem entrega a fazer. João sabe que sem o dinheiro do pai vão voltar a passar fome. Consegue uma arma emprestada com os “amigos”, um revólver 38, velho, enferrujado, mas que ele sabe que atira, afinal “treinou” com ele.

Faz seu primeiro assalto, um praiboizinho bobo no asfalto, bem longe de casa como os “amigos” ensinaram, deu sorte o tênis que levou era o número dele. O celular valia 5 meses ou mais de salário da mãe, consegue vender por 2. A comida na mesa está garantida.

Apesar do coração disparado, do nervosismo. Ele achou que foi fácil. E é fácil, aponta a arma e a pessoa faz tudo que você manda. Então ele decide repetir. Assalta mais algumas vezes e quando a boca volta a funcionar ele vira um soldado do tráfico. Quando o cerco aperta ele assalta.

Mais velho já tem muitos assaltos, finalmente faz sucesso com as meninas,

tem cordões de ouro, pulseiras, até celular do bom.

Peso na consciência? Por quê? Para os que estão no asfalto tudo vem fácil, eles têm de tudo, porque iria me preocupar com isso?

Como dizem os “amigos”: “é nós contra eles” e ainda: “Ninguém olha pra gente, ninguém se importa, por que deveríamos nos importar com eles?”

Até que alguém reagiu a um assalto. A arma disparou, não acertou ninguém, mas ele não esperava aquilo. Por que alguém reagiria por causa de um telefone? Ou por uma bolsa ou um carro até?

João correu, mas seu “amigo”, que deveria estar esperando com a motocicleta ligada, fugiu ao ouvir o disparo. Correu e correu, mas estava a pé e logo foi alcançado pela polícia.

Deu sorte, foi preso. Mas aprendeu que na prisão você entra ladrão e sai assaltante de banco, sequestrador e outras coisas. Aprende com os mais experientes, com os mais velhos. Todos querem sair dali e voltar á atividade, serão mais expertos na próxima, “o segredo é não ter pena” diziam alguns, “não deixe testemunhas mate logo” diziam outros. Poucos são os que realmente se arrependem por ali.

A prisão não lhe mostra outra forma de vida, é apenas uma extensão da sua realidade. Mesmo ali, continua sendo o “nós contra eles”, a única coisa que aprende ali é que o “nós” é ainda maior do que imaginava.

Recebe a notícia de que sua mãe faleceu, sem dinheiro para comprar remédios, passou mal, caiu e bateu a cabeça foi o que disseram. O dinheiro que tinha deixado em casa os “polícia” levaram, junto com outras coisas, e pelo

visto isso aconteceu ao mesmo tempo em que sua mãe morreu.

Menor, réu primário, volta para a rua em pouco tempo. Arruma outra arma. Não tem mais a mãe para sustentar. Porém tem o seu ódio.

A primeira pessoa que ele matou foi o “amigo” da motocicleta. Afinal, a mãe dele morreu por causa dele, não foi?

Em seguida vai atrás dos policiais que roubaram sua mãe. Os dois não tiveram chance quando ele os esperou vir pegar o “arrego”. O problema foi que isso gerou indignação, virou notícia. João está morto.

Foi morto pelo amigo de infância, seu vizinho, que depois da morte do irmão havia virado o novo chefe da boca. O “amigo”, o matou para satisfazer a sede de sangue da polícia. Após o fato, dois novos foram escolhidos para receber o arrego.

“CPF cancelado”, “foi pra vala”, “menos um”, “bandido bom é bandido morto”, “tem que matar essas pragas”, “joga uma bomba na favela”, “por mim eu tinha matado 30 mil e se morressem alguns inocentes seria efeito colateral, acontece”.

Quem nunca ouviu essas frases? Ou até mesmo falou alguma dessas? Em um momento de raiva ou sem pensar? Bebendo com os amigos ou logo depois de ser assaltado?

Saint-Exupéry escreveu que:

“Apesar da vida humana não ter preço, agimos sempre como se certas coisas superassem o valor da vida humana”.

O que faz com que certas pessoas achem que a vida de uma criança por ser neta de político valha menos? Ou então a de uma pessoa que more em uma área pobre valha menos? Ou tirando os inocentes, mesmo que a de criminosos valham menos?

Como se mensura o valor de uma vida? Pelo que ela já fez ou pelo que ela pode fazer?

Muitas perguntas e poucas respostas, cada vida tem o seu próprio valor. Temos consciência de que quando falamos: “temos que dar valor a vida” nos referimos a nossas próprias vidas, à infinidade de coisas que podemos fazer no presente e no futuro. Coisas boas, divertidas, coisas que ajudem o próximo, com nossas famílias e amores. Também que significa agradecer ao tempo já vivido, às coisas boas que fizemos e recebemos no passado.

Não somos absolutamente ninguém para julgar o valor de uma vida além da nossa, o que se sabe sobre aquele garoto que assalta? O que sabemos da vida dele? E o desesperado que sequestra um ônibus? Passa necessidade? Tem alguma doença? Teve alguma chance na vida?

A necessidade é um dos maiores motivadores para o início da vida do crime e também da prostituição, e existem muitos tipos de necessidade.

Rogério Macedo, nascido em 1976 em Nova Iguaçu no Rio de Janeiro, formado em tecnologia, perambulou por alguns estados e agora mora na cidade do Porto em Portugal. Trekker com formação em tecnologia. Fã de Neil Gaiman, Eduardo Spohr, Isaac Asimov, Richard Morgan, Stephen King, José Saramago e muitos outros.

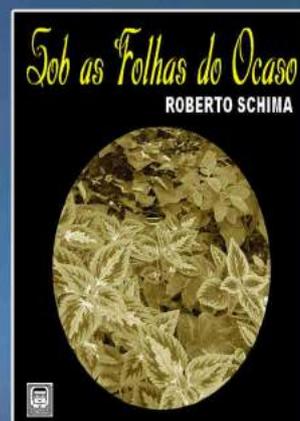
Autor do livro: Nossos Mundos, disponível na Amazon em <https://amzn.to/2kwF1b9>

Email: rogerio.macedo.autor@gmail.com

Página do Facebook sobre o seu livro: <https://www.facebook.com/rogerio.macedo.autor>

Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

**PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES**



SEXTA-FEIRA 13 EM NOITE DE LUA CHEIA

por Míriam Santiago

De acordo com informações da Nasa, a Lua aparecerá cheia na sexta-feira do dia 13 de dezembro de 2019. A última vez que o satélite natural surgiu nesta data foi em 13 de outubro de 2000, uma coincidência que não era registrada há quase duas décadas!

Revista Exame de 13 set 2019

Conto

A noite de lua cheia estava esplêndida! Soberana num céu onde víamos poucas estrelas por conta da poluição, mesmo assim não excluiu o seu fascínio que o Satélite natural da Terra pode nos proporcionar quando a observamos por completo. E me guiando em tamanha claridade consegui chegar à casa de meus pais. Fui logo entrando, estava radiante! Mas a alegria durou pouco ao ver que o local apenas permanecia mobiliado. Percebi que outrora o perfume dos

cômodos era motivo de orgulho da mãe, porém, a realidade era outra; difícil de acreditar.

Na ânsia de encontrar alguém subi as escadas e fui ao quarto de meus pais. A mãe estava dormindo achei melhor não acordá-la. Aproximando-me da cama pude notar a fisionomia engelhada de dona Judith. — Nossa, pensei, fiquei fora tanto tempo?

Acho que sim, respondi a mim mesma. Dona Judith que outrora chamava a atenção pela alegria e boa aparência era

agora uma pobre senhora muito envelhecida, magra, pálida e com semblante sofrido de uma pessoa com 80 anos de idade. Chorei ao vê-la desse jeito. Ao tentar sair de fininho para deixá-la descansar, ela abre os olhos.

— Quem está aí? – Pergunta ela já se sentando na cama.

— Sou eu mãe, a Flávia.

— Quem? Não pode ser.

— Sim, sou eu, retornei da viagem, estive muito tempo fora de casa, não é?

— Se aproxime que minha visão não é mais a mesma, vejo apenas vultos.

Sentei-me na cama e lhe estendi as mãos.

— Meu Deus, é você mesma! – Grita a mãe em prantos.

— Mãe não chore, por favor! E ficamos abraçadas por um bom tempo.

— Onde estão todos?

— Seu pai faleceu há dez anos e seus irmãos compraram um restaurante em Porto de Galinhas e estão se dando bem, pois Pernambuco tem turismo o ano todo. E você sabe que eles não se desgrudam, gêmeos são assim! Um não fica sem o outro.

— Nossa! – Não me dei conta que fiquei fora tanto tempo assim e ninguém me falou nada da morte do pai? – Responde Flávia rispidamente. – E como a senhora pode viver aqui sozinha sem enxergar quase nada?

Flávia levanta-se da cama e começa a lembrar do passado olhando os quadros com fotos preto e branco na parede e nos portas-retratos. Nas imagens, a mãe sempre ao centro, sentada, e de um lado Flávia e o marido, o pai Pedro, e do outro, os filhos gêmeos Arthur e Gidion, cinco anos mais novos que Flávia. A moça assopra as fotos para retirar a poeira dos objetos, que não são limpos há tempos. Aliás, a casa toda se

encontrava deteriorada, sem pintura, manutenção e conservação.

Com o coração apertado por tantas lembranças, a moça caminha até seu antigo quarto. Ao entrar, as fotos de amigos, da família e parentes permaneciam na mesma parede, assim como tudo estava exatamente do mesmo jeito, nada fora modificado ou alterado de lugar. A mãe manteve o local intacto! Ao andar de um lado a outro, tropeça em um fio, que fica preso em seu sapato. Ao se abaixar para verificar Flávia puxa o fio, que preso a um interruptor uma luz se acende. Para sua surpresa, a claridade marca um ponto em um enorme mapa do Estado de São Paulo. Esse ponto assinalava a Via Anchieta.

— Não compreendo, o que é isso tudo?

— Indaga Flávia.

Se amparando em uma bengala a mãe logo entra no quarto.

– Vou te ajudar a recordar com minha energia, segure minhas mãos.

E assim a moça foi recuperando a memória adormecida de quase 20 anos! Era sexta-feira treze de outubro de 2000. Flávia sempre fora supersticiosa e mantinha crendices, como não quebrar espelho nesse dia, não derrubar sal, não abrir guarda-chuva dentro de casa, entrar com o pé direito, não passar por baixo de escada e por aí vai! E calhou ainda que neste dia a lua cheia brilhou como nunca no céu! Mas logo cedo Flávia, que já tinha lido o horóscopo e as fases da lua no jornal, sabia do duplo azar, dizendo que não sairia de casa por nada, faltaria ao serviço e à faculdade.

Mas a mãe insistiu muitíssimo dizendo que tudo era uma tremenda bobeira, e que precisava ao final da tarde ela levasse uma encomenda para uma cliente, bem no início da Via Anchieta. Tanto fez que

conseguiu com que Flávia pegasse o pacote e fosse até o local.

— Agora me lembro de tudo — diz Flávia com lágrimas ao rosto.

Estava com o endereço na mão procurando a rua, bem próxima dela, mas não sabia.

— O meu erro foi não ter parado o carro para ver a placa ou ter perguntado sobre o endereço, mas não, quis continuar dirigindo e lendo os nomes das ruas ao mesmo tempo, nisso, ao terminar de passar por uma rua, não percebi quando entrei na Via Anchieta, e não deu tempo de nada, ao ver o clarão, o caminhão-cegonha já estava em cima, mesmo freando, com o peso, o motorista não teve o que fazer.

Flávia gritou e desmaiou.

A mãe chorando muito conseguiu reanimar a filha.

— Foi tudo culpa minha, eu sei, você não queria sair de casa.

— Mãe, não se culpe, só me diz uma coisa, como você consegue me ver? Eu morri naquele dia, não foi? E o que estou fazendo aqui depois de todo esse tempo?

— Sim, infelizmente faleceu na hora, foi horrível reconhecer seu corpo. Depois disso nunca mais fui a mesma pessoa, adoeci e me entreguei de corpo e alma queria morrer também a todo custo e assim adquiri anemia, que foi me consumindo pouco a pouco até eu me desligar por completo deste mundo. Mas o meu falecimento custou a chegar, seu pai acabou partindo antes, o que me deixou mais triste ainda. Só que um ano depois foi minha vez e desde então, seus

irmãos mantêm a casa intacta, fechada, pois foi um pedido meu. Aproveitando que hoje é dia 13 de dezembro de 2019, sexta-feira de lua cheia, coincidência que não era registrada há quase duas décadas, consegui voltar para cá e atrair você também. Minhas preces foram atendidas com a força da lua.

— E para que tudo isso? Está agora acreditando nessas coisas?

— Eu precisava pedir perdão à você minha filha, precisava libertar minha consciência da culpa, que me levou a habitar um mundo sombrio, já que praticamente me deixei morrer, o mesmo sentimento de quem comete suicídio, embora não tivesse coragem para isso, mas me deixar adoecer e nada fazer teve o mesmo peso.

— Realmente me senti atraída pelo passado e num piscar de olhos já estava aqui na porta.

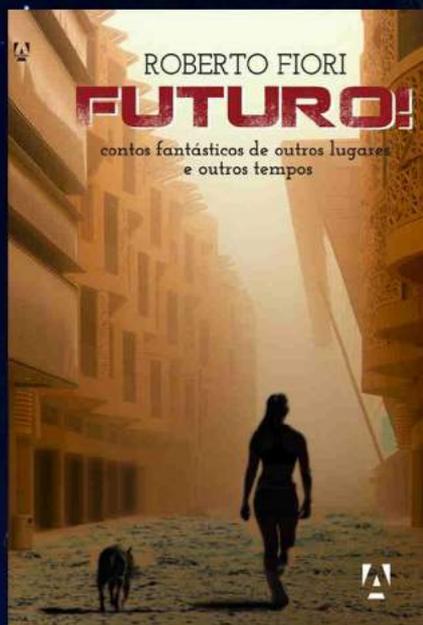
— É que a lua cheia atinge toda a natureza. Animais podem passar por uma fase de transformação, as plantas podem ficar mais iluminadas, de tudo pode acontecer. Um estado de inquietação de espírito, inspirado pela influência da lua cheia, é um tempo de respostas e realizações e consegui fazer com que viesse para cá, pois meus pensamentos até hoje sempre estiveram em você. E as duas se abraçaram no maior amor do mundo terminando um ciclo de existência para que uma próxima possa retornar com o mínimo de pendências possível, é a Lei do Retorno exercendo seu esplendor.

Sexta-feira Treze: de qualquer mês é considerada popularmente como um dia de azar. Triscaidecafobia é um medo irracional e incomum do número 13. O medo específico da sexta-feira 13 (fobia) é chamado de Parascavedecatria fobia ou Frigatriscaidecafobia. Em

algumas culturas ele pode ter sido considerado número de sorte, pois para muitos povos é um número sagrado. Para os egípcios, a vida era composta por 12 diferentes estágios para que o ser humano alcance o 13º, a vida eterna. Dessa forma, o número 13 foi assimilado com a morte, mas não com uma conotação negativa, mas como uma gloriosa transformação. Essa ligação com a morte permaneceu e foi distorcida por outras culturas que nutrem o medo da morte e não como algo presente no destino de qualquer vida.



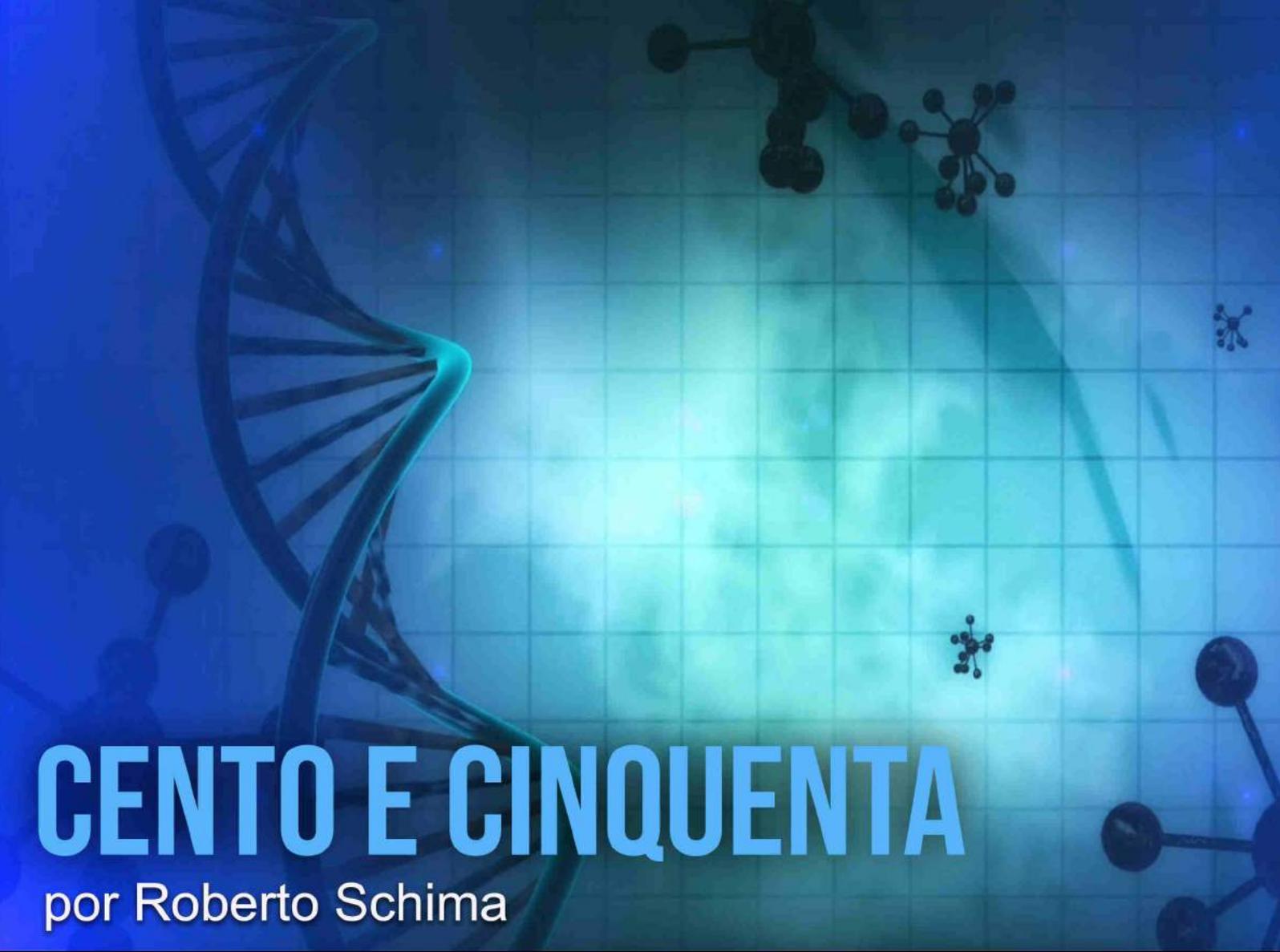
Míriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.
Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



CENTO E CINQUENTA

por Roberto Schima

Conto

PRÓLOGO

Extraído de "AS CRÔNICAS DA NAÇÃO HANA":

A era dos milagres começara.

A luz do conhecimento iluminara a Terra.

Ciência e Tecnologia alargaram os horizontes.

Alteraram os territórios e a composição atmosférica

Arrancaram miríade de riquezas do interior do planeta.

Flutuaram sobre os oceanos ou acumularam-se nas profundezas.

Até alcançaram a Lua, os planetas e perderam-se em direção às estrelas.

Ciência e Tecnologia, frutos do conhecimento, da criatividade e da descoberta.

As maravilhas da Ciência alargaram os horizontes do conhecimento humano. Das brumas da ignorância, trouxeram a luz.

Através de sua irmã caçula que arregaçava as mangas — a Tecnologia —, ambas moldaram o mundo a sua imagem e semelhança.

Finalmente, trataram de moldar também o ser humano.

A princípio, aliviaram-no do esforço físico, da fome, da sede, da falta de abrigo, do caminhar a pé, da falta de garras ou couraças. Depois, curaram suas doenças, substituíram

órgãos, aumentaram seios, fundiram-no às máquinas e aprofundaram-se em seu DNA.

Os frutos da árvore do conhecimento do bem e do mal, em vez de trazerem-lhe a morte, prolongaram-lhe a vida.

Era nisso em que acreditava a humanidade, uma parcela significativa pelo menos. E a maioria dessa parcela continuava aferrada a essa crença.

Todavia, das brumas desse passado, um homem seria confrontado com seus mais profundos conceitos, preconceitos e temores.

(Katsuo IV - Conselheiro Geral da Nação Hana - Herdeiro da Mochila Sagrada do Beato Naka)

I - DR. TANMAY

Foi o Dr. Tanmay quem, a exemplo de Prometeu, retirou mais esse fogo dos deuses e entregou-o aos homens.

Na V Conferência Internacional de Obstetrícia e Geriatria Programadas, o Dr. Tanmay anunciou a extraordinária descoberta de sua equipe.

Era um homem magro e moreno de cavanhaque. Não fosse pelo tradicional turbante, o público veria os seus cabelos ainda negros e luzidios, apesar de já contar mais de cinquenta anos. Trazia no rosto o orgulho incontido da história de seu povo e suas milenares contribuições no campo da Ciência. Agora, chegara a sua vez de fazer parte disso, deixar o seu legado a uma posteridade tolhida na incerteza:

— Senhoras e senhores, doutores e doutoras, temos a satisfação de informar a todos que um dos maiores temores da espécie humana foi finalmente domado. Desde o princípio,

questões fundamentais ecoaram em nosso cérebro. E quais seriam essas questões? — Fez uma ligeira pausa, caminhando de um lado a outro como se aguardasse uma resposta. Velho hábito adquirido nos tempos em que lecionava. — De onde surgiu a vida? O que são as estrelas? Quem somos nós? Para aonde iremos? Obviamente, não temos a pretensão de respondê-las, porém, ao menos uma das perguntas, aquela que, não obstante a dúvida, tememos no mais íntimo de nossos instintos formular, agora, podemos dar a resposta. Qual seria essa pergunta?

— "Será que ela está a fim de mim?" — gritou um dos cientistas.

A multidão pôs-se a rir.

Dr. Tanmay sorriu.

— Ah, de fato, é de uma importância fundamental! Pode-se dizer que toda a confusão do mundo iniciou-se aí. Ora, senhoras e senhores, disso nós entendemos, afinal, foi nosso povo que escreveu o *Kama Sutra*!

Risos transformaram-se em gargalhadas.

Paciente, Dr. Tanmay aguardou o alarido terminar.

Houve inúmeros comentários maliciosos e troca de olhares em cada mesa ou entre diferentes mesas.

Quem acreditava que os cientistas não passavam de pessoas velhas, sérias, chatas e caladas, jamais os vira na informalidade de um encontro regado a taças de champanhe.

Quando o silêncio retornou ao enorme salão, Dr. Tanmay, agora sério, continuou:

— Se ela estiver a fim ou não, poderá definir não somente o destino de ambos, mas daqueles que virão. E o que nós trazemos para vocês tem justamente

a ver com as próximas gerações e seus efeitos perante toda a humanidade. — Mais uma pausa a fim de assegurar a total atenção do público. — A grande pergunta no caso é: até quando iremos viver? Sei que, igualmente, receamos pela resposta. Contudo, neste momento, atrevemo-nos a dizer: Seus filhos que estão por vir viverão quanto tempo eles quiserem!

Houve um momento de silêncio absoluto como se a platéia digerisse uma piada sem graça, então, um compreensível alvoroço tomou conta entre os presentes.

Dr. Tanmay, satisfeito por haver provocado tal efeito, prosseguiu, sem dar tempo ao seletor público de pensar:

— Sim! Com apenas dois dígitos, os computadores mudaram o mundo. Utilizando-se de somente quatro letras: C, T, A, G, a Natureza fez a Terra explodir de vida. Nos últimos anos, através dos confins dessa galáxia denominada cromossomo, a exemplo dos astronautas, nós exploramos suas constelações de DNA, seus relevos e suas intermináveis estruturas. Deciframos seus segredos. E entre a miríade de estrelas, descobrimos uma em particular, eu diria *A Estrela*: o gene responsável pelo envelhecimento e, conseqüentemente, o nosso fim natural... E conseguimos desativá-lo! Sim, doutoras e doutores, nós desligamos o interruptor da morte e acendemos para sempre a luz da vida!

Para comprovar, apresentou seu mascote, um camundongo branco chamado Matus — de Matusalém. Camundongos viviam cerca de três anos, entretanto, o pequeno roedor na gaiola possuía o triplo dessa idade.

— Nossas pesquisas avançaram o suficiente desde Matus para a aplicação *in vitro* em seres humanos.

O cientista indiano oferecia nada mais, nada menos do que a imortalidade.

A notícia varreu o planeta feito um terremoto muito além da Escala Richter.

Uma das manchetes destacava: "O dia em que a Morte teve medo de morrer".

Infelizmente, por uma dessas ironias que o destino adorava pregar de vez em quando, o Dr. Tanmay não viveu o bastante para usufruir os louros de sua glória. Foi encontrado morto em seu leito na semana seguinte, deixando esposa e três filhos. Autoridades informaram ter ele falecido de "causa desconhecida", não obstante gozasse de perfeita saúde para alguém de sua idade. Seu corpo foi rapidamente cremado. Alegaram não pretender retardar sua transcendência do existir e fazê-lo atingir o *moksha*, a completa libertação dos sofrimentos terrenos. Outros membros da equipe do Dr. Tanmay também tiveram destino semelhante ou desapareceram. O principal assistente do cientista terminou atropelado por um rabeção, enquanto atravessava uma movimentada avenida. O semáforo estava a favor do pedestre. No laboratório, um incêndio de grandes proporções destruiu amostras, equipamentos, anotações, computadores e, ainda, levou consigo o infeliz Matus.

Teorias da conspiração não faltaram, fazendo lembrar destinos análogos de supostos descobridores da cura contra o câncer ou de inventores do motor movido a água.

A inquietação de hospitais e da indústria farmacêutica amenizou.

O desespero da indústria da morte terminou e esta suspirou de alívio.

Contudo, fossem as teorias conspiratórias autênticas ou falsas, o que ninguém contava era que todas as pesquisas do Dr. Tanmay tivessem sido previamente divulgadas através da rede de computadores, encaminhadas a centros de pesquisa, a imprensa, ao público em geral. Um ato de extrema generosidade do cientista ou de premonição quanto ao seu destino? Nunca se soube. A receita da vida eterna tornou-se propriedade do mundo e não uma patente de poucos.

Inquietação e desespero ressurgiram acompanhados por uma nova e próspera indústria: a indústria da imortalidade.

A chama divina não fora apagada, porém, assim como os frutos da árvore do conhecimento do bem e do mal, não tardaria a vir acompanhada de um castigo.

Os séculos assim o demonstrariam.

II - COMUNICADO

Era noite.

Uma lua crescente brilhava entre as nuvens.

Do lado externo às muralhas, um homem corria alvoroçado através dos destroços.

Havia resíduos por toda a parte: sucatas, dejetos domésticos e industriais, escombros de antigas construções, escórias metálicas, matéria orgânica decomposta. Montanhas de um pó negro acumulavam-se em uma determinada área na qual mais e mais dessa poeira era depositada, vinda de aberturas no alto

dos paredões. Ratos percorriam sorrateiros os meandros daqueles detritos. Baratas e vermes escarafunchavam nacos pútridos. Corvos pousados nos galhos de árvores mortas a tudo observavam curiosos e famintos.

O homem nunca vira pilhas de lixo como aquela e, muito menos, sentira tamanho fedor. Na verdade, jamais observara lixo algum. Lutou contra o medo e a bile. Inalou aquela poeira preta e tossiu repetidas vezes. Continuou a correr. Temia a qualquer momento ser banhado pela luz de um holofote ou alvejado por um atirador da GEI com detector infravermelho. Suava sem parar. O terno estava imundo e não tardou a rasgar. A barba encontrava-se por fazer. Quão de repente o seu mundo virara do avesso! Como teria chegado a tamanho estado de degradação e desespero?

Takashi Nakamura — pois era esse o seu nome — não se encontrava apto a responder. Tudo em que pensava naquele momento era que precisava ficar o mais distante possível daquele lugar.

Aparentava ter por volta de trinta anos. Até recentemente, seus trajes eram impecáveis, lavados e engomados. O corte de seus cabelos pretos sempre acompanhara a última moda. Barba e unhas bem aparadas. Corpo tonificado devido a exercícios regulares na academia. Habitualmente, exalava a fragrância de sua colônia favorita, a "Flor de Cerejeira". Era um dos milhares de executivos de Nova Tóquio, a cidade-fortaleza erguida séculos atrás nas cercanias do Monte Fuji. Sentia-se no auge de sua vitalidade. Apesar da crise de desemprego aliada a superpopulação, graças aos seus conhecimentos, esforços e por manter-se sempre atualizado conseguira permanecer ativo e

competitivo. Dava-se até ao luxo de passar uma hora inteira nas máquinas de *pachinko* após o expediente.

Então, finalmente, recebera o lacônico comunicado:

"Prezado Sr. Takashi Nakamura.

"Congratulamos V. Sa. por seu aniversário, bem como o extraordinário desempenho em suas tarefas na Shiwase Corporation e uma vida inteira sem máculas ou incidentes.

"Em comemoração, solicitamos vossa presença ao Centro de Transferência mais próximo no prazo improrrogável de 05 (cinco) dias, podendo fazer-se acompanhar de amigos e familiares para as festividades correspondentes. Todas as despesas serão por conta do Estado.

"Durante a cerimônia solene, ser-lhe-á entregue o certificado de 'Honra ao Mérito Inconteste'.

"Em nome da Cidade-Fortaleza de Nova Tóquio,

"Atenciosamente..."

Nos primeiros anos, desde que se entendera por gente, Takashi jamais pensara no assunto. Sequer nas décadas subsequentes, embora soubesse a respeito do Centro de Transferência ocasionalmente, através de comentários de amigos ou algum colega de trabalho. Às vezes, ouvia trechos de conversas sussurradas nas ruas, bares ou restaurantes. De uma forma geral, porém, ninguém gostava de tocar no assunto. Era uma espécie de tabu, senão o maior deles. Todavia, como em uma peça de teatro *Nô*, o que as máscaras não revelavam, tornava-se claro através da postura e dos gestos. Nunca imaginara que esse dia fosse chegar para si. Sempre parecera tão distante! E, apesar da

suposta indiferença, tal pensamento jamais o abandonara completamente. Nos últimos cinquenta anos, então, tornara-se uma constante, uma preocupação diária a semelhança de um pavio aceso, chegando cada vez mais e mais perto do explosivo.

Lentamente.

Inexoravelmente.

Desesperadoramente.

Um momento!...

... Nos últimos cinquenta anos?

Sim, pois Takashi Nakamura, o executivo da *Shiwase Corporation* cuja aparência era a de um *sarariman* de trinta anos, contava agora cento e cinquenta anos de idade.

E ele sabia, a medida em que procurava afastar-se das muralhas de Nova Tóquio, que o comunicado, longe de ser uma solicitação, era na realidade uma convocação.

"... prazo improrrogável de 05 (cinco) dias..."

O tempo esgotara-se fazia três dias.

Juntara o que podia dentro de uma mochila e fugira.

— Enfim esse certificado no...

III - INDÚSTRIA DA IMORTALIDADE

"Centro de Transferência."

Não passava de um eufemismo.

No princípio, houve o caos provocado pela difusão da descoberta do Dr. Tanmay e sua equipe.

Ele foi louvado.

Ele foi crucificado.

Ele foi, enfim, perdoado.

Enfim, era o maior dos milagres.

De imediato, o equívoco maior foi supor que o cientista trouxera uma espécie de fonte da juventude eterna para todos imediatamente. Políticos, madames da alta sociedade, juristas, atores e atrizes, apresentadores de televisão, grandes empresários, presidentes de multinacionais, ditadores, barões do crime organizado, todos ofereceram fortunas ou fizeram ameaças pela vida eterna. Inúmeras áreas ligadas à saúde protestaram diante da possível onda de falências e desempregos. Centenas de palestras e reportagens advertiram sobre os perigos de um colapso demográfico iminente diante de um quadro por si só bastante grave. Países menos favorecidos, tão incapazes de aplicarem os recursos da descoberta quanto manterem seus melhores cérebros em suas fronteiras, clamaram ao vazio por seus direitos em participar dos benefícios da imortalidade. Ondas de crimes, sabotagens e até pequenos conflitos armados entre nações sucederam-se pelo mundo. A indústria da longevidade caminhou lado a lado à indústria de armamentos.

Uma ligeira pausa ocorreu após ficar esclarecido que nenhuma pessoa viva poderia ter alterado o próprio DNA a fim de evitar a morte. Esse privilégio seria usufruído, quando muito, por aqueles ainda por nascer, no início da fecundação.

— Como assim? — questionaram as madames.

— Pago o que for preciso — ofereceram os empresários.

— Você sabe com quem está falando? — disseram políticos e juízes.

— Faça o que eu mando ou leva chumbo! — intimaram os barões do crime.

— Não vale a pena imortalizar o meu *glamour*? — queixaram-se atores e atrizes.

Digerida a notícia, após o coro das lamentações, políticos, madames da alta sociedade, juristas, atores e atrizes, apresentadores de televisão, grandes empresários, presidentes de multinacionais, ditadores, barões do crime organizado tornaram a agitar suas fortunas e suas armas para assegurar que seus descendentes mantivessem aquilo que tão duramente conquistaram. Países menos favorecidos continuaram a esgoelar.

Nova onda de protestos, crimes, sabotagens e conflitos armados esparramaram-se por todos os continentes. Guerras civis eclodiram. Lutas de classe acirraram-se. Líderes sindicais tiraram vantagem em proveito próprio. Ditadores procederam a execuções sumárias. Reis foram depostos. Na maior parte, porém — e como sempre, a população foi a maior penalizada.

Os ventos da mudança soprados pela indústria da imortalidade não puderam ser detidos.

O mundo precisou readaptar-se à nova realidade a qualquer custo. Que outra escolha teria?

Assim, uma parcela privilegiada da humanidade passou a gozar de sua juventude mesmo após alcançar uma idade avançada. Verificou-se que, atingido os trinta anos, as pessoas cujo gene havia sido alterado na fecundação tinham o seu processo de envelhecimento interrompido, mantendo-se com a mesma aparência nos anos e décadas seguintes. Não obstante, essa interrupção não implicava

que o geneticamente manipulado estaria isento de sofrer danos que comprometessem o seu estado de saúde: doenças, acidentes, desnutrição, obesidade, assassinato. Em condições análogas, um manipulado sujeitava-se ao infarto tanto quanto uma pessoa comum, um ferimento não tratado poderia infeccionar em ambos os casos. Imortalidade não era sinônimo de invulnerabilidade.

Por volta desse período, após um longo processo e inúmeros protestos contrários e a favor, o Dr. Tanmay foi canonizado pela Santa Sé. Afinal de contas, sendo ou não da Ciência, ainda assim, tratava-se de um milagre, não?

Bustos e estátuas foram erigidos em honra a São Tanmay. Seu nome foi cultuado e acrescido às preces dos desvalidos.

Todavia, dando razão a um segmento dos protestos, a reprodução prosseguiu descontroladamente, conforme as pessoas sempre fizeram. Copular independia de situação econômica, classe social, nacionalidade, profissão, raça ou credo religioso. Como consequência, agravaram-se os problemas sociais, políticos, econômicos e ecológicos havia muito previstos, discutidos e solenemente ignorados: carência de recursos, destruição do meio ambiente, doenças, fome. Movimentos migratórios atingiram fronteiras. Novas guerras tornaram-se inevitáveis.

Guerras por clima mais ameno.

Guerras por espaço vital.

Guerras por alimento.

Guerras por água.

— Morte aos imortais! —

bradaram alguns.

As pessoas, em tese, poderiam viver indefinidamente, entretanto, em razão dos conflitos, até os privilegiados estavam perecendo tão ou mais jovens do que no tempo em que toda a humanidade envelhecia naturalmente. Rebeliões aconteceram. Países fragmentaram-se. Cidades se fortificaram. Isso levou os governos, em um momento de trégua, a adotarem medidas drásticas.

Legislações específicas foram criadas, e, as anteriores, alteradas.

Critérios internacionais foram estabelecidos em um documento intitulado *Unum tantummodo terminum vitae humanae imponimus, centum quinquaginta aetas annorum*, cujos itens principais eram:

— *A imortalidade plena é inadmissível em um mundo territorialmente limitado em seus recursos.*

— *A cada manipulado geneticamente será concedido o privilégio de usufruir o dobro da média de expectativa normal de vida, qual seja, 150 (cento e cinquenta) anos.*

— *Atingido esse limite, deverá apresentar-se às centrais de transferência para realocação.*

— *Manipulado ou não, o limite de procriação será de dois filhos por casal, impreterivelmente. Os infratores e a respectiva prole excedente serão encaminhados às centrais de detenção.*

— *Cada nação cuidará de alterar suas leis no sentido de que a penalidades de encarceramento por qualquer delito sejam substituídas para o encaminhamento do criminoso às centrais de detenção.*

Obviamente, cada país, com suas peculiaridades, levaram mais ou menos tempo para se adaptarem. Aqueles que relutaram em abrir mão da própria imortalidade, não importando a sua

posição hierárquica, tiveram de ser eliminados por uma força militar independente especialmente criada para esse fim: a Guarda Etária Internacional ou GEI, cujo símbolo era uma dupla hélice de DNA estilizada.

Viver o dobro do tempo normal.

Manter a juventude em todo esse período.

Garantir a estabilidade social e de todo o planeta.

Se não era tudo o quanto se desejava, não deixava de ser muito.

Nesse contexto, e diante do colapso, o que mais a humanidade poderia desejar?

IV - FUGITIVO

Takashi Nakamura, o ex-executivo, não saberia dizer por quantos dias vinha fugindo.

Seu senso de realidade diluíra-se em meio à imundície pegajosa, afundara-se na lama e perdera-se no mau cheiro.

"Nunca fui de pedir, nem de implorar e, tampouco orar. Mas sei xingar e amaldiçoar!"

Ergueu o punho para o ar em um gesto inútil.

Anjos e demônios fizeram-se de surdos.

E gritou em uma combinação de raiva, impotência, dor e desespero.

— Malditos!

Pouco a pouco, suas vestes converteram-se em farrapos. O tecido transformou-se em pano de chão. O sangue escorria de inúmeros arranhões, principalmente nas mãos, nos braços e nas pernas. Os suprimentos que trouxera em sua mochila, assim como a água, estavam perto do fim. Uma olhada ao

redor não estimulou em nada o seu apetite.

Nos últimos anos, tivera pesadelos sob os lençóis de seda. Sua esposa de oitenta e seis anos resmungava sobre isso sem entender os motivos, os quais ele tampouco conseguia — ou queria — traduzir em palavras. Seja como for, de que adiantaria? Ela era jovem demais para compreender. Num desses sonhos, via-se caminhando por lugares escuros, sinistros, onde mil olhos observavam-no sem serem vistos. Havia sussurros, ganidos, às vezes, algo ou alguém chorava. E ele, desorientado, punha-se a correr. Seguia em disparada ladeira abaixo, que, de tão úmida, refletia o brilho de lâmpadas solitárias. De repente, ainda durante a descida, seus pés desprendiam-se do calçamento e ele começava a voar, a deslizar pelo ar. Vuelas, becos e ruas estreitas tornavam-se cada vez mais pequeninos. O vento gelado açoitava seu rosto a ponto dele ser obrigado a cobrir os olhos. Ascendia cada vez mais e mais, fazendo distanciar o horizonte até o ponto de ultrapassar as nuvens e perceber a curvatura da Terra. Subitamente, despencava de lá do alto. E o vento surgia, desta feita, de baixo para cima, cada vez mais forte a medida em que o chão se aproximava. Fustigava e fustigava, arrancando-lhe lágrimas dos olhos e o ar dos pulmões. E quando estava prestes a ser esmagado feito um tomate maduro atirado à parede, despertava aos gritos, trêmulo e empapado de suor.

Não se sentia muito diferente agora, perdido naquela fedentina sem fim. A cada colina ultrapassada, mudavam-se os cenários, porém, o aspecto de desolação e ruína o acompanhava.

"Foi isso o que fizeram ao mundo..."

Antes, um pensamento assim jamais o incomodara.

Os meios de comunicação não informavam.

As muralhas obstruíam toda a visão.

Não havia sentimento de culpa.

Não havia questionamentos.

Não havia mundo exterior.

Não existiam dúvidas.

Só a perfeição.

Apesar de todos os regulamentos implementados, o processo de degradação tornara-se irreversível. Tudo fora dizimado. Somente cidades-fortalezas como Nova Tóquio — uma versão moderna das cidades-estados da Grécia Antiga — mantiveram a custo áreas cultiváveis e refinarias de água potável em suas fronteiras. Sua população de trinta milhões de habitantes era rigorosamente controlada. Muralhas tinham sido erguidas ao redor da cidade a fim de inibir o fluxo migratório. Havia milhares de anos que a disciplina, a obediência à figura da autoridade e o trabalho duro tornaram-se padrões fundamentais de bom comportamento e ética nessa sociedade oriental, mais arraigados em sua natureza do que qualquer mudança no DNA. Somente assim conseguiram não apenas sobreviver, mas prosperar em um planeta moribundo.

Não por acaso, a atitude do executivo Takashi Nakamura pegara a todos de surpresa.

Era uma anomalia.

A suprema vergonha.

A desonra para toda a família.

Takashi supunha ter fé na sua honra.

Takashi via-se como uma pessoa normal.

Takashi achava que acreditava na vergonha.

— A honra e a vergonha que se ferrem! — berrara para si quando o pavor atingira seu clímax.

Engolira o asco, arrombara grades e enfiara-se no labirinto das tubulações de esgoto. Sentira-se no interior de um útero repulsivo a procura do caminho até a luz. Quando, finalmente, avistara a saída, sua impressão não fora a de ser parido pela cidade-fortaleza, mas defecado por ela.

E, assim, Takashi fugira de Nova Tóquio feito um cão sarnento com o rabo entre as pernas.

Agora, do alto de um monte cravejado de árvores mortas e troncos caídos, avistou um vale distante; nele, um surpreendente trecho de tonalidade verde fazia contraste aos diferentes matizes de cinza. Era uma pequena floresta. Fora mantida miraculosamente intacta em um mundo cujos senhores, havia muito tempo, deixaram de crer em milagres. Estava longe, contudo, era o único sinal saudável de vida desse lado das muralhas. Nesse instante, deu-se conta: seus suprimentos, por fim, terminaram.

Iniciou a longa descida através do terreno pantanoso.

Observou as águas empoçadas e barrentas.

Viu as ratazanas revirando os detritos ou encondendo-se entre as pedras.

"Não vou pedir, nem implorar e, tampouco rezar."

O presunçoso Takashi Nakamura descobriria que, diante da sede e da fome, haveria muito mais a engolir além

do orgulho, do asco e de tudo o mais que pudesse imaginar.

Iria necessitar do auxílio de gente que, ainda, acreditava em milagres.

V - HAIKAI

Harumi K. Sato, líder da seção Nova Tóquio da Guarda Etária Internacional, encontrava-se visivelmente alterada. A pele de marfim estava tensa e ligeiramente ruborizada e era realçada pelo uniforme negro. Algumas mechas de cabelo haviam se soltado de seu elaborado penteado. Em sua boina e no peito, a insígnia de dupla hélice moldada em prata refletia a luminosidade das lâmpadas. Ela brandia uma espada samurai enquanto caminhava de um lado para o outro diante das tropas. A arma era herança de família, um tesouro de milhares de anos passada de mão em mão, geração após geração, desde que o *ronin* Ryotaro, o vigoroso, vingara com a própria vida a infâmia cometida contra seu falecido *daimiô*. Harumi utilizava-a não somente para fins cerimoniais, mas para reafirmar a sua autoridade, pois, mesmo nessa época de avanços científicos e tecnológicos sem limites, sua sociedade tradicionalista ainda via com reservas o papel da mulher em uma posição tão influente. Contavam-se as lendas que, em noites raramente silenciosas na cidade-fortaleza, era possível ouvir na principal escadaria do edifício da GEI o lamento de seu último opositor a medida em que a cabeça quicava degraus abaixo.

— Estou nesta divisão há quase meio século, e nunca — NUNCA! — um solicitado ao Centro de Transferência deixou de comparecer. Até os mortos

durante o intervalo entre o comunicado e o prazo limite tiveram seus restos apresentados juntamente com o certificado de DNA. Eu e minha *katana* queremos resposta!

Apontou a lâmina curva na direção de um oficial.

— Miura!

O homem empertigou-se. Tinha somente cinquenta e sete anos e era considerado um prodígio, uma jovem promessa dentro da corporação. Agora, tudo o que via diante dos olhos era uma névoa sombria, uma promessa de mau agouro.

— Sato-sama! — respondeu, olhos focados na lâmina.

— Encontre-me essa resposta.

Wakarimasu ka?

— *Wakatta*, Sato-sama!

— Não quero saber de desculpas sobre o aumento exponencial da criminalidade, que o sujeito pode ter sido morto e seu corpo desfeito. Em Nova Tóquio, sob a minha jurisdição, nada será desfeito a menos que eu assim decida. Tampouco ele pode ter fugido. Daqui, ninguém sai ou entra sem a minha autorização. Todos vocês, ouçam! Apresentem-me esse tal de Nakamura a mim no prazo de uma semana. Uma semana! Nem que seja em um potinho de sorvete, senão, irão aprender na prática o significado do *bushidô*!

Houve um coro em uníssono das tropas:

— *Hai*, Sato-sama!

Harumi descreveu um arco com sua espada e, num gesto elegante e preciso, recolocou-a na bainha. Enquanto retornava à sua sala, pensou consigo:

"Nos tempos de Ryotaro, as coisas eram mais simples. Alguns corpos fervidos em óleo, um *seppuku* aqui ou ali e pronto, logo obtinha-se o resultado. Temos leis demais e orgulho de menos."

Remoou a insolência do representante central da GEI, sediada em Nova Amsterdã.

— Resolva aí, Harumi! — falara o sujeito. — Deve saber que nenhum posto na GEI é permanente.

A líder da seção Nova Tóquio da Guarda Etária Internacional apertou o punho da espada.

"Quisera que dissesse isso na minha frente, *baka!* Esse diabo loiro veria que nenhuma cabeça sobre os ombros tampouco o é."

Para se acalmar, recitou a tentativa de *haikai* de sua segunda filha:

*O vento sopra
a neve distante.
Memórias esquecidas.*

VI - A FLOR

As primeiras coisas que seus olhos viram tão logo pôde abri-los foram as telhas de barro cozido do teto sem forro. Em seguida, sua atenção foi atraída por um ligeiro movimento em um canto entre o telhado e uma das paredes sem acabamento: uma aranha. Já ouvira falar dessas criaturas, contudo, era a primeira vez que via uma delas viva. Tecia a sua teia com a paciência de uma velha senhora e suas agulhas de tricô — atividade considerada exótica em Nova Tóquio, um *hobby* de mulheres excêntricas.

Escutou uma voz de criança:

— Ele despertou, *o bāchan*.

A voz veio de longe, abafada, como se houvesse água em seus tímpanos.

Tentou virar a cabeça e o movimento trouxe-lhe enormes ondas de dor e espasmos no estômago.

— Não se me mexa — disse-lhe outra voz, desta vez de adulto. — O senhor está muito doente.

"Doente"? Ele nunca ficara doente! Ao menos, não se recordava da última vez que passara mal. Atentar à saúde sempre fora uma prioridade em sua vida, tanto quanto à vaidade e, naturalmente, ao êxito profissional.

Quem teria falado? Poderia ser voz de mulher, mas era rouca, um tanto hesitante e demonstrava cansaço.

O rosto surgiu a seguir no campo de visão de Takashi. De fato, era uma mulher. Todavia... diferente.

A pele era flácida e bronzeada sobre o rosto redondo, maçãs muito salientes, olheiras profundas e inúmeras rugas, principalmente ao redor dos olhos amendoados e na testa. Uma rede de veias azuis mapeavam-lhe as tēmporas. Todo o conjunto era coroado por cabelos grisalhos em desalinho. Sorria.

O enfermo sobressaltou-se. Jamais vira alguém assim, de aspecto envelhecido, embora tivesse lido a respeito quando garoto nas aulas de História e Biologia. Sentiu repulsa e, instintivamente, sua nuca afundou um pouco mais no travesseiro. Procurou recompor-se, contudo, sua fisionomia já o tinha traído.

A mulher idosa prosseguiu, indiferente:

— Nosso nome é Hana. O senhor foi encontrado caído não muito longe daqui. Estava desmaiado no barro. Ardia

em febre. Nós demos banho, chá de ervas e roupas limpas, mas...

"Flor"?, pensou Takashi, confuso, pois era esse o significado do nome da velha. "Que flor seria tão horrorosa assim?"

— Pergunte-lhe! — interrompeu-a a voz de criança.

— Quieta, Mayumi! Ele está muito fraco. Só por um ato de Deus...

— Pergunta!

— *Urusa!* — E voltando-se para Takashi: — Perdoe a impertinência de nossa neta. Apenas confirme ou negue com a cabeça. O senhor é de Nova Tóquio?

Takashi confirmou num movimento que, embora lento, fez sua visão tornar-se turva por um instante.

— Eba! — gritou a neta de Hana, rindo e correndo para fora do quarto. — Ele é! Ele é! Ele é!

O enfermo escutou risadas infantis e frases que não pôde compreender. Mais crianças. A seguir, as pálpebras tornaram-se pesadas e ele caiu em sono profundo.

Quando o foragido despertou, percebeu pela escuridão que a noite havia chegado. Ouviu roncos e respirações profundas. Sentindo-se um pouco melhor, conseguiu virar a cabeça de um lado e do outro sobre o travesseiro de palha.

Apenas algumas lamparinas a óleo iluminavam o local. As janelas estavam abertas e protegidas por telas contra os mosquitos, aliviando tanto o calor quando o mau cheiro dos corpos. Havia outros leitos, a maioria ocupada por doentes ou idosos... Idosos! Viu os corpos esqueléticos e flácidos, a profusão de rugas e manchas sobre a pele de pergaminho, os cabelos brancos ralos ou

inexistentes e os rostos atropelados pelo tempo. Um deles dormia de boca aberta, quase desprovida de dentes, um fio de saliva a escorrer pelo canto. Mãos murchas e descoloridas largadas sobre a cama feito folhas secas. Luzes e sombras tremulavam fantasmagoricamente sobre aquelas pessoas.

Takashi Nakamura recordou-se do rosto da mulher. Como disse se chamar? Hana? Sim, Hana, a flor. Então, era assim que as pessoas envelheciam em Nova Tóquio antes da manipulação do DNA? Sentiu uma mistura de nojo e piedade.

"Como conseguem suportar? Que triste destino ver a juventude desmorronar e o corpo apodrecer lentamente em vida."

Observou as paredes de tijolos aparentes, alguns vasos de flores, algumas fotografias em molduras envelhecidas. O ar cheirava a mofo, suor, madeira velha e dejetos humanos. Para o padrão de vida que o ex-executivo levava em Nova Tóquio, aquilo era de uma miséria extrema, inimaginável, uma abominação jamais testemunhada por seus olhos. E, entretanto, foram as pessoas daquele lugar pestilento que salvaram a sua vida. Tateou o tecido amarelado das vestes que o envolvia, igual as das outras pessoas. O cobertor era cinzento, de lã grosseira, assim como os dos demais.

Onde estariam as suas roupas? E a mochila?

Uma palavra ecoou em sua mente, um termo que ouvira quando não passava de um estudante havia mais de um século, mas que nunca dera importância e quase perdera-se na memória:

"Aborígenes."

Era assim que, antigamente, os geneticamente manipulados referiam-se àqueles não agraciados por esse privilégio da Ciência. Devido a absoluta falta de recursos, viviam fora das muralhas em condições degradantes, dependentes dos restos despejados pela cidade.

Os aborígenes já tinham sido em muito maior número em comparação aos manipulados, todavia, viviam em precária situação econômica. A indústria da imortalidade almejava lucros, grandes lucros, o que implicava em custos aos quais eles não poderiam arcar. Esse foi o primeiro grande divisor da sociedade pós-Tanmay: uma rica minoria imortal e a grande maioria mortal. Todavia, as condições de sobrevivência em uma terra devastada, a proliferação de pestes, a falta de alimentos e água potável, carência de recursos médicos e tecnológicos aliados a uma baixa expectativa de vida, fizeram a pirâmide social inverter-se rapidamente. Os aborígenes retornaram a um estágio quase tribal de seus ancestrais. Isolados e em número reduzido, passaram a viver da cultura de subsistência e do lixo metropolitano que conseguissem reciclar.

As cidades-fortalezas espalhadas pelo mundo dependeram um dia da mão-de-obra dos aborígenes. Estes tiveram a sua utilidade. Cuidavam da limpeza, da construção civil, cozinavam, trabalhavam em fábricas, serviam drinques, dirigiam os veículos, recolhiam o lixo, faziam entregas e reparos de toda ordem. Eram menosprezados e tratados com escárnio pelos geneticamente manipulados, sempre jovens, fortes e bem nutridos. Todavia, após o predomínio da automação, gradualmente foram dispensados e expulsos do convívio entre as muralhas. O mundo civilizado não era para eles. Com o passar

das décadas e séculos, raros eram os manipulados que, agora, recordavam-se da existência dessa minoria indesejável. Chegara-se ao ponto de boa parte dos habitantes das cidades-fortalezas considerarem os aborígenes extintos ou até um mito.

Mas em pequenas e isoladas comunidades espalhadas pelo planeta, eles continuaram a existir.

Na luta diária pela sobrevivência, somente os mais aptos, fortes e resistentes sobreviveram.

Milhões sucumbiram à fome, à sede, à violência, à intempérie e às diversas doenças.

Somente os capazes de suportar as zonas mortas tiveram seus genes transmitidos.

Foi essa gente discriminada, rústica e imunizada que soube continuar humana.

O que os manipulados mais desprezavam revelar-se-ia a verdadeira força.

Isso, no seu devido tempo, decidiria os caminhos da vida na Terra.

VII - A FLORESTA

Takashi Nakamura sentia-se revigorado. Já era capaz de alimentar-se sozinho. Estava quase terminando de tomar um caldo insosso, quando a idosa surgiu.

Se não podia dizer que habituara-se a aparência dela e dos demais naquele quarto, ao menos considerava-as mais toleráveis — ou menos intoleráveis, dependendo do ponto de vista.

— Como está se sentindo? — indagou a mulher.

Diante do semblante jovial, daquele olhar e sorriso, o enfermo foi obrigado a admitir: o rosto dela não era de todo desagradável. Talvez fosse devido a alguma memória perdida ecoando em seus genes, algum instinto a evocar uma imagem maternal. Respondeu:

— Melhor, *domo*.

Ela colocou sua mão sobre a testa dele. O contato foi morno e agradável, apesar da palma calejada.

— A febre cedeu, felizmente. O senhor engoliu muita porcaria...

Ele fez uma careta à lembrança da ratazana. Jamais passara-lhe pela cabeça chegar um dia a tamanho aviltamento. A força do desespero obrigara-o ao inominável. Embora tivesse tostado a criatura a ponto de quase transformá-la num carvão irreconhecível, ainda podia sentir a coisa revirando dentro de sua boca, o estalar dos pequeninos ossos ao serem mastigados, o fedor de pêlo queimado, o gosto da carne asquerosa impregnada de impurezas. Sentiu o caldo revirar em seu estômago.

— ... e foi picado por um bocado de mosquitos — completou Hana.

Takashi tocou em seu próprio rosto. Sentiu inúmeros calombos nas faces. Pensou em pedir um espelho, mas hesitou. Sempre fora um homem vaidoso. O cuidado esmerado com a aparência também era um requisito para o seu trabalho, enquanto executivo de uma grande companhia. Sorriu amargamente ante a lembrança. O que diria o presidente da *Shianase Corporation*, a junta de diretores e os colegas se vissem-no agora?

Ante a expressão do paciente, Hana procurou tranquilizá-lo.

— O senhor está bem, melhor do que qualquer um de nós. É um milagre que esteja vivo.

— Eu não acredito em milagres.

— Pois devia.

Não era bem o tipo de encorajamento que o ex-executivo gostaria de ouvir. Para ele, tal comentário não possuía em absoluto o mesmo peso que tinha para a velha supersticiosa. Se estivesse igual ou pior do que eles, preferiria ter sido deixado para morrer!

Ela acrescentou:

— Venha, vamos levá-lo à varanda para tomar um pouco de ar fresco.

Apontou para uma cadeira de rodas improvisada. Não passava de uma cadeira ordinária onde algum artífice adaptara um enferrujado par de rodas de bicicleta.

Takashi tentou apoiar-se no colchão de tatami, mas continuava fraco.

Hana, apesar de idosa e magra, possuía um par de braços bastante rijo e ajudou-o a acomodar-se.

— Onde ele está? — indagou Takashi, apontando para o leito vizinho ao seu, à direita, onde dormira o velho de boca aberta.

Atrás dele, enquanto empurrava a cadeira de rodas sobre o piso de madeira, Hana falou:

— Fukuda-sama... Um maravilhoso professor de piano quando moço. Ensinou-nos a tocar o *Kimi Ga Yo* quando tínhamos doze anos.

— Conhece piano, Hana? — perguntou, assombrado.

— Por quê? Pensa que só tocamos *taiko*?

— Não foi isso que...

— Mas faz muito tempo... Já esquecemos. Quanto a Fukuda-sama, foi

de encontro ao paraíso... Livrou-se, enfim, dos sofrimentos terrenos.

A velha suspirou.

Não havia pesar no tom daquela voz, mas aceitação. Até mais do que isso, um certo alívio, uma certa nota de inveja como os últimos acordes de uma melodia triste a pairar ainda no ar depois que a música terminou.

Takashi Nakamura sentiu-se desconcertado.

A morte era tudo o que não somente ele, mas todos de Nova Tóquio, mais temia, não obstante a longevidade de que gozava. Qualquer espirro era motivo de alarde. Um corte no dedo causava desespero. Ser assaltado em um beco escuro constituía-se no maior dos temores. Não obstante os receios iniciais, a indústria farmacêutica ia de vento em popa diante dos novos hipocondríacos. Receitar medicamentos caríssimos que tivessem de ser utilizados por toda a vida era uma alegria.

O "hospital" dos aborígenes não passava de uma construção rústica de madeira, sucata, bambu e alvenaria, rodeado por uma varanda tão tosca quanto o resto da edificação.

Takashi foi levado até a parte de trás.

"O que essa mulher chama de 'ar fresco'? A fedentina das zonas mortas?"

Nada o preparara para a vista que teria, e, principalmente, o odor.

Em vez do cenário de desolação, viu-se diante de uma exuberante floresta que se prolongava por vários quilômetros até a encosta do Monte Fuji com seu cume coberto de neve. Havia uma cachoeira, cujas águas resultavam do degelo e davam origem a um riacho. Este serpenteava pelo vale mais abaixo onde viam-se pescadores as suas margens.

Canais de irrigação levavam a água para as plantações de arroz e alguns tanques onde, conforme explicou Hana, criavam-se peixes e lagostins. O ar gelado descia pelas encostas do vulcão e perdia-se na floresta. A brisa que chegava até a varanda trazia um aroma verde, fresco e...

— ... Delicioso! — inspirou Takashi.

Era tão diferente do fedor que sentira durante sua fuga da cidade-fortaleza e até — teve de admitir — em relação a própria Nova Tóquio, cuja atmosfera no interior dos edifícios era continuamente filtrada e os odores agradáveis vinham de perfumes sintéticos borrifados a intervalos regulares. Nunca vira tamanha abundância de vegetação. E flores. No máximo, observara alguns pinheiros, cerejeiras e ciprestes em parques e jardins onde não saberia diferenciar o que era verdadeiro das plantas artificiais.

Hana sorriu.

— É uma dádiva, uma amostra do paraíso — disse de forma simples. Semblante cansado, sentou-se em uma cadeira de vime. — E pensar que a floresta já cobriu toda essa região e mais além, a ponto de ser chamada de "Mar de Árvores". Não dá para imaginar, né?

— Para mim já é incrível observar um pomar, o que dirá essa floresta. Eu nunca vi o mar...

— Nunca?

— Não. Nunca tive tempo. Como a maioria, passei minha vida atrás das muralhas, a maior parte dela trabalhando. Ademais, a permissão para sair exige muita burocracia e interrogatórios.

— Incrível alguém como o senhor falar que não teve tempo de ver o mar.

— Alguém como eu?

Hana não respondeu.

Não era necessário e tampouco Takashi Nakamura insistiu. Ele era um manipulado geneticamente. Tempo nunca deveria ser um obstáculo.

Takashi refletiu sobre o rigor de sua educação em casa, as verdadeiras batalhas durante os exames escolares, a corrida para conquistar uma função dentro da sociedade, as milhares de transações comerciais que realizara para a companhia na qual trabalhava. Sempre estudando, deslocando-se, aprendendo, enganando. Sempre envolvido em reuniões. Sempre planejando. Sempre buscando os maiores lucros a qualquer custo. A vontade da empresa era a sua vontade. O lema dela era o seu lema: "Dividir e conquistar". O crescimento e bem-estar da empresa eram os seus objetivos. E quando estava prestes a receber a almejada promoção pela qual tanto lutara, recebera o comunicado. E a companhia, após todas as honrarias em sua homenagem, dera-lhe um cerimonioso e solene pé no traseiro.

Hana, olhar distante, falou:

— Trabalhamos a maior parte de nossa vida nos arrozais — apontou para o vale mais abaixo. — Também carregamos muita água e muita madeira para alimentar o fogo. Até pedras levamos nas costas para ajudar na construção de casas e, inclusive, deste hospital. Hoje não podemos mais. Nosso corpo não aguenta... Tivemos sorte.

Takashi observou-a esticar a coluna e a careta de dor que fez em seguida.

— "Sorte"?

— Sim, muita. Era cansativo, mas nós e nossas primas e amigas ríamos muito, contávamos histórias, fazíamos

piadas e, claro, fofocávamos bastante. Havia tristeza demais para além daquelas árvores, mas, aqui na aldeia, vivíamos contentes. A própria floresta guardou para si um passado infeliz feito de bruma, silêncio, frio e escuridão, antigos rumores aos quais relutamos em escutar, mas que não devemos esquecer. Com o tempo, todas nós aprendemos: "A vida é um dom precioso". Estamos vivas no que resta do paraíso, uma ilha incrustada em um oceano de misérias. Vimos nossos filhos crescerem e tornarem-se pessoas honradas. Tivemos netos. Atingimos idade avançada... Ah, sim, e nós até conhecemos o mar! O que mais poderíamos desejar, né?

O ex-executivo observou aquele corpo encarquilhado, curvado ante o peso da idade.

— Desculpe-me perguntar, Hana. Quantos anos tem?

— Sessenta e dois. Bastante, né?

O homem que aparentava trinta anos falou:

— Sabe quantos anos eu tenho?

— Nós vimos em seus

documentos — respondeu, acanhada. — Difícil acreditar. Como é ser assim?

— Não sei responder, pois é a única forma de ser que eu conheço.

— Já observou as *sakura*?

— Sim, há algumas cerejeiras no Jardim Central de Nova Tóquio. Mas suas flores duram tão pouco!

Hana esboçou um sorriso.

— É o que torna suas cinco pétalas tão valiosas.

— Não entendo...

— São só pensamentos senis.

— Aos sessenta e dois anos? É uma pessoa jovem para mim.

Hana sorriu timidamente e, sem o saber, repetiu um velho clichê:

— A juventude é um estado de espírito, não do corpo. Porém, confessamos que, em nós, ambos andam bastante alquebrados. A vaidade que nós não temos mais permite-nos dizer que já fomos uma garota bonita, faceira e sem juízo; e a mocidade, uma *sakura*. — Riu, cobrindo a boca com as mãos. — Mas o Outono chegou e, agora, é Inverno. A *sakura* foi arrastada pelo vento. Restaram somente traços de seu perfume: as lembranças que ficaram.

Takashi pretendia falar mais alguma coisa quando risos foram ouvidos.

Ambos viraram-se.

A poucos metros, um grupo de crianças maltrapilhas cochichava, pés descalços no chão poeirento. Uma ou outra apontava para o estranho visitante. Sorriam, escondendo os lábios nas mãos diminutas. Entre elas, estava Mayumi, a netinha de Hana, uma menina de rosto tão redondo quanto o da avó. Ao lado da timidez, todas demonstravam indisfarçável curiosidade.

Hana lançou um olhar severo para o pequeno grupo, pedindo silêncio.

Meninos e meninas dispersaram-se agitados entre risadas e gritos.

— Crianças — resmungou a idosa.

— Crianças são crianças em toda parte.

— Acho que sim, senhor...

— Nakamura, Takashi Nakamura. Mas, decerto, também viu meu nome nos documentos.

— Nakamura-san. É a primeira pessoa de Nova Tóquio que elas já viram, aliás, que a maior parte das pessoas desta aldeia viu. E, como não

poderia deixar de ser, estão saltitantes de perguntas como se tivessem pisado em um formigueiro.

— Responderei com prazer — disse, sorrindo. — E eu também tenho minhas dúvidas.

Takashi observou o trecho remanescente da outrora imensa floresta, as pessoas trabalhando na lavoura, nos tanques e nos pastos. Viu outras casas nos arredores, os animais de carga, cães dormitando. Um homem serrava bambu do diâmetro de um *tchawan* para consertar uma cerca. Do outro lado, um menino tentava montar em um porco, enquanto outros a sua volta incentivavam. Levou um belo tombo e todos — inclusive ele — riram a valer. Aquela gente simples nascia, crescia e murchava qual as flores da cerejeira.

Takashi era um homem de Nova Tóquio, um manipulado, um civilizado, alguém prático.

Acreditava em viver orgulhosamente diante de sua posição.

Acreditava que a cidade-fortaleza era o centro do mundo.

Acreditava em superar os obstáculos a qualquer preço.

Takashi Nakamura considerava-se normal.

Tinha mais idade, conhecimento e experiência do que qualquer aborígene naquele lugar, um povoado miserável de pessoas sujas, desfiguradas e incultas.

Poderia liderar.

Poderia instruir.

Poderia prevalecer.

Longe estava de ser o ideal, todavia, dada as circunstâncias...

... Tornar-se-ia um líder eterno daquela primitiva e repugnante comunidade.

Seria servido de água fresca, frutas suculentas, legumes cozidos no vapor, *onigiri* e peixes grelhados, conforme caberia a alguém de sua estirpe.

"Terão *shoyu*?"

Os aldeões poderiam desmatar uma área, derrubar árvores, quebrar rochas para construir a sua grande morada. Teria criados, a exemplo dos tempos antigos. Sim, apesar de todas as privações e a repulsa que sentia, poderia suportar.

"Eu seria um *daimiô*!"

Em troca, daria a aldeia o privilégio de progredir.

E ele, Takashi Nakamura, poderia prosperar.

A vida era um dom precioso, não era?

VIII - UMA PISTA

Aquela mulher entrou bruscamente na sala do oficial superior.

— Miura-san!

Ele tirou seus olhos dos relatórios que tinha sobre a escrivaninha. Eram todos desoladores.

— Pois não, Akemi.

Era agradável observá-la, pois, silicones a parte, possuía uma rara generosidade de curvas em se tratando de uma oriental. E as cirurgias nas pálpebras, nariz e lábios foram impecáveis. Muito melhor vê-la do que àqueles horríveis papéis a sua frente. O trabalho de Miura era difícil, sempre lidando com problemas e tendo de solucioná-los, contudo, havia compensações. Ter conhecido Akemi era uma delas.

Ela estava ofegante e fez uma pausa para respirar. Seu busto subia e

descia de um jeito capaz de hipnotizar até o mais disciplinado sacerdote de São Tanmay.

O oficial preparou-se para mais um informe negativo, preocupadíssimo com o prazo imposto pela líder da seção Nova Tóquio da GEI. Mas, então, reparou no olhar de Akemi. Havia um brilho nele em vez do aspecto fosco da frustração. Uma possível luz no final do túnel?

— Diga-me que tem uma boa novidade.

Mais implorava do que pedia.

O rosto da mulher abriu-se num sorriso.

— E tenho, senhor. Encontramos uma pista.

— Pista? Maravilha! — Seu rosto iluminou-se. Teve vontade de abraçar a mulher, apalpá-la despidamente, ciente de ser isso uma decompostura intolerável no ambiente de trabalho. — Sente-se aqui, Akemi, e conte-me tudo.

Ela se acomodou na cadeira em frente à escrivaninha. Cruzou as pernas, revelando-as mais do que o necessário acima dos joelhos.

"Você poderia derreter um *iceberg*."

Miura respirou fundo, afrouxando o nó da gravata. Esforçou-se por ignorar o calor que, repentinamente, brotara-lhe na virilha.

Como em geral acontecia nos gabinetes, nas lojas, nos apartamentos, nas ruas e tudo o mais em Nova Tóquio, o escritório do oficial Miura exalava limpeza e brilho. Autômatos cuidavam constantemente de varrer, lavar e lustrear os pisos, as mobílias, até as paredes e o teto. Geralmente, faziam-no durante a noite, fora do horário de expediente, contudo, dependendo do movimento de

peessoas, trabalhavam também durante o dia. Apesar de serem dotados de luzes estroboscópicas e avisos sonoros, precisava-se tomar cuidado, especialmente em relação aos modelos menores, a fim de não se tropeçar neles. Mais de um tombo já fora relatado e o próprio Miura trazia uma pequena cicatriz na testa para comprovar.

Um desses pequenos robôs cuidava de limpar um rodapé quando parou bruscamente ao lado da escrivaninha assim que a mulher acomodou-se.

E Akemi informou:

— Encontramos traços de DNA do alvo em uma ramificação de esgoto nas proximidades do *Suketoki's Tower*, edifício em que ele morava.

— Conheço o prédio. Pertence a companhia em que ele trabalhava. Quase todos os moradores são funcionários da *Shiamase Corporation*... No esgoto, você disse? — Miura fez uma expressão de nojo. — Quem encontrou?

— Um de nossos autômatos.

Ele suspirou aliviado. Só de pensar em alguém de sua equipe enfiado naqueles túneis dava-lhe náuseas. Ao pensar no desafortunado robô:

— Esse aí já era. Não há poder neste mundo capaz de desinfetá-lo.

— Certamente. Ele retransmitiu suas análises e seguiu a pista enquanto pôde.

— O que significa...

— Nosso alvo escapuliu próximo à área de despejo ITA1012.

Miura desviou sua atenção das pernas da mulher.

— Barbaridade! Alguém preferir enfiar-se no esgoto em vez de apresentar-se ao Centro de Transferência, sem utilizar qualquer traje hermeticamente

selado, faz-me concluir que o sujeito enlouqueceu.

— Um psicólogo cunhou a expressão "Síndrome da Vida Eterna".

— Nunca ouvi falar.

— A pessoa não se conforma e quer sempre mais e mais, indefinidamente.

— E quanto ao dever? A honra? O orgulho?

— O medo e a obsessão tornam a pessoa cega a tudo, inclusive à própria família.

— Entretanto, aventurar-se no mundo exterior, nas zonas mortas... Inconcebível! Certamente, está caído em algum canto por lá, naquela podridão. Não ganhou nada com isso, né?

Akemi anuiu. Seu rosto oval era bonito e os cabelos muito pretos e luzidios faziam um contraste acentuadamente agradável com a tez marmórea tão valorizada em todos os círculos de Nova Tóquio. Ela não deixou transparecer seus sentimentos ou pensamentos sobre o caso em questão, mas compartilhava da avaliação de seu superior. Muito provavelmente, o sujeito perecera de sede ou faminto em meio aos desejos. Não por acaso, chamavam o exterior de zonas mortas. Ela nunca vira um cadáver em decomposição e a perspectiva a assustava. Isso contrariava completamente os ensinamentos que recebera desde garotinha sobre a perpétua perfeição. Hesitou um momento antes de voltar a falar.

— Quais as novas instruções, senhor?

— Hum... Apronte mais robôs com sensores de DNA. Faça-os seguir a pista até o fugitivo e...

"NÃO!"

Miura e Akemi se sobressaltaram.

Akemi virou-se para ambos os lados, procurando a origem daquela voz. Seus seios balançaram feito duas taças de gelatina.

E a voz gutural prosseguiu, autoritária e enérgica:

"Miura, organize uma equipe. Você fará parte e eu liderarei pessoalmente."

Ainda aturdido, o jovem oficial reconheceu-a pelo tom de voz.

— Sato-sama?

"Darei um ponto final nisso. Exporei a criatura execrável à humilhação pública, ou o que sobrou dela. Será um exemplo a todos que cogitarem de imitar sua desonrosa atitude. Providencie!"

— Hai, Sato-sama!

E ele apontou para o pequeno robô que começara a lustrar o rodapé, sentindo-se estúpido em fazer mesura a uma máquina. Logo, foi tomado pela repulsa ante a perspectiva de deixar as muralhas da cidade-fortaleza.

Akemi emitiu um "Oh!", cheia de surpresa, e imitou-o, levantando-se da cadeira e curvando-se em sinal de respeito. Seu busto ficou mais a mostra, contudo, dessa vez, o oficial ignorou.

Havia quanto tempo a líder da GEI o espionava? Por quê? Teria gravado os encontros dele e Akemi? Quantos outros dispositivos espalhara pelo edifício? Que outros ardis a grande meretriz teria arquitetado para galgar o poder, manter-se nele e controlar seus subordinados? Fossem quais fossem as respostas, uma coisa era certa, pensou o oficial: deixar-se desmascarar dessa maneira só podia indicar o grau de inquietação da mulher.

No do fugitivo, a toda-poderosa deveria ter muito mais a perder do que os seus comandados.

"Talvez, se falharmos na missão, isso não será tão ruim assim..."

— O que faremos agora, Miura-san? — indagou Akemi.

— Você ouviu. Vou organizar a equipe. — Tomou-lhe as mãos e aproximou os lábios de seu ouvido direito. — A noite, irei ao seu apartamento.

Mas era exatamente sobre *isso* que ela queria dizer.

IX - CONFRONTO

Era o dia de descanso na comunidade.

Havia uma roda de pessoas animadas ao redor do ex-executivo, Takashi Nakamura.

Crianças, jovens, adultos e velhos acomodavam-se em cadeiras, bancos de tábua, em redes ou como podiam no chão de terra batida. Vários usavam os tradicionais chapéus cônicos de palha para protegê-los dos raios de sol. As pessoas serviam-se de chá verde e *manju*. Inúmeras conversas paralelas aconteciam entre risos e sussurros.

Takashi, ainda convalescendo, sentia-se melhor ao poder expressar-se. Estava habituado a falar em público ao participar de reuniões onde expunha os argumentos da empresa a clientes em potencial. "Dividir e conquistar". Davalhe um agradável sentimento de estar no controle da situação e os pés fincados no chão. Para quem acabara de vir de um mundo em ruínas, isso era necessário e, no seu caso, fundamental.

Descrevia a cidade-fortaleza:

— Não há nem de longe tantas árvores em Nova Tóquio como as que

existem aqui. Aliás, há muito poucas. O que mais se vê na cidade são filtros de ar, cimento, cerâmica, vidro, bronze, asfalto e robôs, muitos robôs. Há praças inteiramente feitas de vidro; possuem estátuas enormes e transparentes, homenageando personagens ilustres ou eventos históricos. Um dos museus exibe, entre outras coisas, os restos carbonizados de Matus, o célebre camundongo de São Tanmay. Veículos movem-se sozinhos e levam as pessoas para qualquer parte. Roupas, comida e água saem das paredes...

À menção do santo, alguns fizeram o sinal da cruz.

— Comida das paredes? — indagou um rapaz. — Não caçam, não pescam e nem plantam? Não debulham *goban*? Não criam galinhas?

— Não. Não é necessário.

— Levei o dia todo só para apanhar uma feira de peixe!

— Vejam só se isso não é um milagre...

Uma menina de joelhos esfolados adiantou-se:

— E todos são tão pálidos quanto o senhor?

— Nobuko! — repreendeu uma mulher, provavelmente a mãe. — Que falta de modos.

— Ele tem a cor de papel de arroz.

— Menina!

Takashi ergueu as mãos apaziguadoramente.

— Está tudo bem, senhora. Sim, Nobuko, as pessoas de Nova Tóquio têm a pele bastante clara como a minha. É uma tradição de muitos séculos, imagino.

Da multidão, alguém mais se manifestou:

— Mais do que tradição. Era um símbolo de *status* da velha sociedade. E continua válido nos dias de hoje. — Quem falava era um dos idosos e, a julgar pela aparência, deveria estar entre os mais velhos e magros. Sua postura, apesar da idade, emanava autoridade. Usando um canivete, tirava lascas de um pedaço de pau. — O tom de pele separa os ricos dos pobres, de forma semelhante aos imortais dos mortais. A pele branca indica que não se sujeitam a trabalhos braçais, ao ar livre. Não são servos, são servidos.

Num movimento longo, o ancião arrancou um cavaco comprido que caiu a seus pés.

Um tanto irritado pela intrusão, Takashi falou:

— Não temos servos. As máquinas trabalham para nós.

Explicou sobre a automação e os robôs que faziam todas as tarefas que exigissem esforço físico, inclusive na lavoura e criação de porcos.

— Máquinas que fazem tudo? — indagou uma das crianças.

O ex-executivo confirmou.

— Uma delas poderia ajudar muito nos arrozais, a recolher lenha ou transportar pedras — acrescentou.

— O suor molda tanto o caráter quanto o corpo — retrucou o mais idoso. — Já a preguiça esmorece a ambos.

— Eu não pretendi...

— E sabe por que não há servos atualmente em Nova Tóquio, Nakamura-san? — continuou o ancião.

— Bem, eu suponh...

— O senhor vive para sempre? — interrompeu outra menina.

Takashi sentiu-se momentaneamente aliviado por isso. O que pretendia aquele homem asqueroso?

— É possível. A Ciência avançou de uma tal maneira que conseguiu "desligar" no DNA o gene responsável pelo envelhecimento e, conseqüentemente, a morte.

— "DNA"? — A menina franziu a testa. — O que é isso?

— Ah, sim, que cabeça a minha. Digamos que descobriram um jeito da gente não morrer.

Ele não queria prosseguir nessa linha. Pois sabia que isso levaria a uma questão crucial. Desejava falar sobre seus conhecimentos, o quanto poderia ajudar a aldeia, a biblioteca que trazia em sua mochila, os aparelhos milagrosos, os medicamentos. E, a partir daí, demonstrar a sua capacidade de planejamento e liderança. Mas o velho do canivete não parecia interessado, pelo contrário, observava Takashi com ar carrancudo, desconfiado, como se este representasse uma ameaça. Porém, a idéia de alguém nunca envelhecer era por demais extraordinária para a maioria.

— Quantos anos o senhor tem? — perguntou a netinha de Hana.

— Cento e cinquenta, Mayumi.

A menina ruborizou ao ver que o outro sabia o seu nome.

Ouviu-se um burburinho de "Oh!" e "Ah!" espalhar-se através do círculo de pessoas. E uma admiração maior pelo fato de seu aspecto ser o de alguém tão jovem.

Alguém sussurrou, admirado:

— São Tanmay... Milagre!

Outros imitaram-no.

O velho do canivete tornou a falar:

— Lembram-se de Yuriko-chan?

Ela viveu mais de cem anos!

— Mas, Katsuo-sama, ela parecia uma árvore seca de galhos quebradiços... como eu! — disse uma anciã de lenço na cabeça, dando um sorriso desdentado. — Só que ela não se mexia, não raciocinava direito, não se lembrava de nada, nem como se alimentar. E sujava toda a roupa. Dava muito dó. Já Nakamura-san... Olhem para ele! Aparenta ser mais novo do que o meu neto. Só uma bênção muito grande!

Novamente, algumas pessoas fizeram o gesto da cruz.

Hana, quieta até então, interveio:

— Há gente de duzentos, trezentos ou quatrocentos anos em Nova Tóquio?

Era o ponto nevrálgico que o executivo queria evitar. Viu todos os olhares fincarem—se nele. Seu sentimento de controle da situação estava se esvaindo. E tão depressa! Poderia mentir a respeito, inventar uma história qualquer e retomar as rédeas mais adiante. Afinal, no mundo dos negócios, quantas vezes não iludira os concorrentes ou prováveis clientes a fim de alcançar suas metas? Olhou para aqueles rostos ansiosos, sinceros e humildes. Exceto pelo tal Katsuo. Aquela ruína ambulante dava a impressão de saber mais do que aparentava. De maneira geral, uma ingenuidade infantil pairava na comunidade. Poderia tentar dividir e conquistar. Encontrar um meio de colocar a aldeia contra essa múmia. Mas qual? Ele demonstrava muita autoconfiança. Voltou-se, então, para Hana, a sua benfeitora, que aguardava pacientemente. Recordou-se da conversa tida na varanda e a expressão de dor estampada no rosto dela. Optou por ser franco, talvez pela primeira vez em muitos anos. Ficou sério.

— Ninguém vai além de cento e cinquenta anos em Nova Tóquio.

— Por quê?

E ele fez uma rápida retrospectiva, numa linguagem que pudesse ser acessível àquela gente. Falou sobre o Dr. Tanmay, sua pesquisa e canonização; o aumento da população, as guerras, as doenças, os critérios estabelecidos pelas cidades-estados de cento e cinquenta anos, o Centro de Transferência, o Centro de Detenção, a Guarda Etária Internacional, e, por fim, o comunicado que recebera fazia uma semana.

Hana franziu a testa, deixando-a mais enrugada do que já era.

— Então, o senhor deveria se apresentar a esse Centro de Transferência para reala... realo... Como se diz?

— Realocação, Hana, realocação.

— Oh, sim! *Arigatou gozaimasu*, Nakamura-san. E por que não o fez? O senhor... — A compreensão atingiu-a simultaneamente ao término da pergunta. — O senhor fugiu!

Houve mais alguns "Oh!" e "Ah!", todavia, dessa vez a conotação foi diferente.

Apesar toda a sua experiência, Takashi Nakamura sentiu o calor aflorar em suas faces. A firmeza do chão principiou a falhar sob seus pés.

— Pode-se dizer que sim.

— Por que fugiu? — Insistiu Hana. — "Realocação" não quer dizer apenas mudar de lugar? Ir para outra cidade? Trocar de país, né?

Ele confirmou:

— Sim, Hana, o significado singelo de realocação é esse: ir para outro lugar.

— Então, por que...

Takashi observou as crianças, momentaneamente tomado pela dúvida sobre se deveria contar ou não a respeito de suas suspeitas. Adivinhara mais pelos silêncios, sigilos e desconfianças do que por qualquer testemunho direto que alguém de Nova Tóquio pudesse dar. A "lei do óbvio" necessitava de fórmula?

O ancião do canivete fitava-o fixamente.

"Ora! Enfie esse canivete no..."

Decidiu-se:

— Eles transferem sim as pessoas, Hana, mas desta vida para o bebeléu.

A idosa fez uma expressão confusa.

O foragido explicou:

— Realocação é um nome bonito.

Significa matar.

— Matar?

Um murmúrio espantado percorreu o círculo. Depois, o silêncio.

Takashi confirmou.

— Sim. Eles matam você. Sob muita música, flores e palmas, a pessoa ganha um certificado numa linda moldura. Depois, com toda a pompa, sobe uma rampa, atravessa um enorme *tori* para um lugar de onde nunca mais volta. E nenhum transporte é visto abandonando a cidade. No Centro de Transferência e no Centro de Detenção as pessoas são executadas. A diferença entre ambos é que, neste último, não há música alguma, tampouco certificado, palmas ou flores.

Crianças arregalaram seus olhos. Algumas mães cobriram os ouvidos de seus filhos.

— Que horror! — murmurou Hana. — Assassnam as pessoas... Oh!... As dunas!

— "Dunas"? Não sei do que está falando. Apesar da antiga tradição do *seppuku*, seria mais natural aos homens matarem a si próprios pela sobrevivência do próximo ou matarem-se entre si para sobreviverem? As guerras responderam a isso. Não sou diferente em relação ao instinto de sobrevivência.

O idoso que arrancava lascas de madeira retrucou:

— Mas depois de cento e cinquenta anos! Não acha que viveu o suficiente?

— E no seu caso, o senhor também não viveu o bastante?

— A morte é o caminho natural, o repouso, a volta ao paraíso — disse, injuriado. — É ceder lugar a uma criança já nascida ou por nascer. É renovação!

— A execução não é o "caminho natural"...

— Claro que não! Vocês da cidade interromperam esse processo e criaram a neve negra.

— Eu não fiz nada! Já nasci assim. O que é a neve ne...

O velho explodiu:

— Por que o egoísmo?... Ou será covardia?!

As pessoas arregalaram os olhos, chocadas.

O piso sumiu sob os pés de Takashi. Aturara o suficiente daquele homem.

— Ao menos, eu continuo produtivo. E quanto a *voce*, Katsuo? — falou de modo propositalmente desrespeitoso. — Não passa de um peso morto sustentado pelos que trabalham!

— Covarde! — repetiu o velho, levantando-se e perdendo completamente as estribeiras. Agitou o

canivete de modo ameaçador. — Covarde!

— Inútil! — replicou o fugitivo. — Parasita!

O suor brotara da testa de Takashi Nakamura. Sentia vertigem. Contudo, a raiva era maior.

"Se chegar mais perto, doente ou não, eu tenho vigor o bastante para arrancar seus olhos à unha, seu monstro enrugado!"

Passado o susto, houve protestos indignados por parte dos outros adultos. Tanto pelo teor das palavras trocadas quanto pela mútua grosseria. Todavia, fora o idoso quem começara. Isso não era típico de Katsuo, costumeiramente um ancião severo, mas não sem modos.

Era o dia de descanso da comunidade, um dia para ser alegre, festivo e de muitas prosas animadas.

E ele estragara tudo.

Sob os olhares severos, o velho pestanejou:

— Ah, *gomen nasai* — pediu a todos, curvando-se cerca de 15°. — Vou-me deitar.

Saiu apoiado em uma bengala que nada mais era do que um galho de árvore entalhado. Seus lábios haviam pedido desculpa, todavia, não fora isso o que os seus olhos disseram.

No banco, ficou o pedaço de pau que ele estivera esculpindo: um foguete. Este logo desapareceu nas mãos de uma das crianças.

X - KATSUO

De volta ao quarto do hospital e à sua cama, Takashi ouviu de Hana:

— Nakamura-san, deve perdoar a falta de modos de Katsuo-sama.

— Tampouco me portei conforme devia. Bem, não dá para ser unanimidade em parte alguma — ironizou. — Que bicho mordeu ele?

— Os três filhos de Katsuo-sama morreram ainda jovens — explicou a mulher. — E isso sempre o amargurou.

Já deitado, Takashi anuiu.

— Hum... Não é para menos o seu mau humor. E, de repente, surge um forasteiro de mais de cem anos, querendo viver mais tempo ainda... Mas não tenho culpa de ser um manipulado ou de preferir continuar vivendo, tampouco sou responsável pela perda dos filhos dele.

— Claro que não, Nakamura-san. Porém, em se tratando dos filhos, Katsuo-sama raciocina com o coração e não com o cérebro.

— Ele é o líder da comunidade? Se for, estou perdido.

Hana meneou a cabeça.

— Não necessitamos de um líder, né?

— Não?

— Nós reunimos um conselho de pessoas para um determinado fim. Os mais velhos e sábios reúnem-se para discutir sobre um problema que a vivência e experiência deles poderá solucionar da melhor forma. Quando a questão é sobre alimentação, os melhores cozinheiros e cozinheiras formam um conselho e discutem até encontrar a resposta adequada. Se há praga nos arrozais, os lavradores mais habilidosos juntam-se e decidem a medida a ser tomada. É assim. Katsuo-sama faz parte do conselho que trata sobre problemas do dia-a-dia da aldeia.

— Suponho, assim, que seu papel não será dos mais favoráveis a meus respeito...

A idosa ignorou a pergunta implícita

Takashi continuou:

— Só não compreendi uma coisa.

— O quê, Nakamura-san?

— Ele mencionou uma neve negra...

Hana torceu o nariz.

— O senhor deveria saber. Passou por ela.

— Como assim?

— As dunas!

— Novamente essas dunas. Não sei do que se trata, Hana.

A mulher apanhou uma cadeira de vime e acomodou-se ao lado do leito do enfermo. Aparentava muito cansaço, embora procurasse disfarçar.

— Katsuo-sama é um dos poucos de nós que chegou a ir até as muralhas de Nova Tóquio. Ele era jovem na época. Tinha ido a cavalo, acompanhado de seus filhos. Foram procurar sucata, qualquer material que pudesse ser reaproveitado. O terreno não era tão pantanoso quanto agora, porém, teve muita dificuldade por causa das árvores caídas, das rochas, das montanhas de lixo e entulho. Ficou impressionado ao avistar Nova Tóquio e admirado com a altura das muralhas. Contou que precisaram usar máscara a maior parte do tempo por causa do mau cheiro e do pó negro que vinha do alto. Chegava a formar várias dunas pelo chão, dunas negras. Demorava a depositar-se e, por vezes, o vento fazia levantar, formando um tipo de nevoeiro escuro. A esse pó, ele chamou de "neve"...

Takashi, então, recordou-se dos montes de poeira preta que avistara perto das escórias metálicas e pilhas de escombros, da irritação provocada nas narinas, da tosse.

— Sim, lembro-me agora.

— Ele foi examinar mais de perto uma dessas dunas. Havia um cheiro penetrante de queimado. Era quente. No meio do pó preto, encontrou fivelas, próteses, botões e outros objetos de metal. Recolheu o que pôde. Foi quando, aterrorizado, Katsuo-sama descobriu.

— Descobriu o quê, Hana?

Ela ficou pensativa um momento.

— Agora entendemos... Que horror! No meio daquilo, Katsuo-sama achou um pedaço de crânio, depois outro e mais outro. Não tinham sido completamente incinerados. Um deles caiu do céu naquele instante e quase acertou a cabeça dele. Fugiu daquele lugar o mais depressa que pôde para nunca mais retornar. Pouco tempo depois, os filhos adoeceram. Tossiram, tiveram febre e daí para pior. Katsuo-sama culpou a cidade-fortaleza. A princípio, não acreditamos, achando que fosse só uma história inventada por ele para desencorajar os outros de ir até lá ou assustar as crianças, mas, agora, diante do que o senhor contou sobre as execuções... Agora compreendemos.

Foi quando Takashi Nakamura também se deu conta. Ele inspirara a poeira negra, trouxera-a para dentro de si: restos humanos pulverizados de centenas de milhares de pessoas, talvez milhões, que haviam comparecido ao Centro de Transferência ou levados ao Centro de Detenção ao longo dos séculos. Eliminados para que a estabilidade social, política e econômica não só em Nova Tóquio, mas entre as cidades-fortalezas e, até, a frágil paz entre as nações fosse mantida.

Havia cadáveres dentro dele.

Finalmente, a bile venceu e Takashi vomitou copiosamente.

"O velho Katsuo está certo: sou um covarde."

XI - LIÇÕES DA FLOR

Os anos de esforço na lavoura e no cuidado de pacientes cobraram o seu tributo.

Certo dia, Hana não passou bem e foi colocada no leito ao lado de Takashi, onde estivera o idoso que dormia de boca aberta.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Caímos — explicou. — É problema de junta, como dizem.

— Ficaré boa?

Hana não respondeu, os pensamentos longe dali.

Um enfermo adiante fez um ar desconsolado e moveu a cabeça negativamente.

O profundo egoísmo de Takashi, por fim, ficou abalado. Nunca tivera tanto tempo livre para refletir sobre si e no que ocorria ao seu redor. Rachaduras surgiram em sua carapaça. Domara a sua repugnância pelas rugas, pela tez curtida de sol, pelos cabelos grisalhos em desalinho, pelas mãos de dedos tortos e hesitantes, pelos dentes estragados, pela falta de brilho no olhar fatigado.

Afeiçoara-se a Hana por suas maneiras gentis, sua simpatia, a conversa franca e pueril, a paciência e a espontaneidade. Tão diferente do relacionamento formal e cerimonioso mantido na sociedade de Nova Tóquio, inclusive dentro de sua própria família. Achou curioso que, somente agora, pensasse nisso, na esposa e nos filhos. Não havia amor, mas um respeito cordial — senão temeroso —, quando muito.

Seus filhos já tinham a própria vida fazia tempo e, como ele próprio fizera, lutavam ferozmente pela ascensão social, seguidos dos netos, bisnetos e trinnetos.

Estava uma tarde ensolarada e o frescor da floresta penetrava pelas janelas. Flores murchas pendiam dos vasos. No canto entre o telhado e a parede, a pequena aranha construía um casulo para suas futuras crias. Fazia-o esmerada e pacientemente como se gozasse de todo o tempo do mundo. Continuava a pairar no ar o odor de excrementos, umidade e bolor. Rostos de uma outra época observavam de cada retrato nas paredes, em grupos ou isolados.

Takashi atentou-se a uma dessas fotografias em particular, onde diversas jovens reuniram-se em um terreno plano, tendo os arrozais ao fundo. A imagem estava amarelada, indicando ter várias décadas. Perguntou-se se alguma daquelas garotas seria Hana.

Uma moça caminhava pelo quarto, observando os pacientes, limpando-os. Tocou gentilmente a testa da velha, passou um pano umedecido em seu rosto, murmurou qualquer coisa e depois saiu.

— O que houve, Hana? — insistiu o ex-executivo. — Dando susto nos outros!

A mulher deu de ombros.

O foragido não ficou satisfeito.

— Sente-se melhor?

— Sentir não, mas iremos desta para melhor... — Tentou sorrir. — Está chegando a nossa hora de encontrar o paraíso, Nakamura-san. Junta tudo e joga fora, né? Tudo o que precisamos agora é descansar em paz. Temos estado tão cansada!

Havia alívio em sua voz, cuja energia esvaíra-se.

Takashi, penalizado e um tanto embaraçado, disse:

— Eu gostaria de poder dar parte de minha vida para manter a sua.

Era um remorso sem sentido e um estranho vazio diante da perda que se afigurava.

Os cantos dos lábios murchos, por fim, sorriram.

— *Arigatou gozaimasu*, Nakamura-san. Mas não aceitaríamos.

— Por quê não?

A idosa fechou os olhos, fatigada. Gemeu baixinho de dor.

Takeshi achou que ela não ouvira a pergunta ou, se ouvira, não pretendia responder como, de vez em quando, costumava fazer.

Hana, entretanto, sem erguer as pálpebras, disse baixinho:

— Ah, Nakamura-san, seu mundo é cheio de progressos e tecnologias. Imaginamo-lo tão limpo, certinho e cheiroso! Tantos milagres e tantas promessas... Entretanto, é árido por dentro feito uma concha vazia e tão frio quanto o interior de uma caverna. Seu coração não bate. Não tem alma. Sua gente industrializou a vida e a morte, e tirou lucro de ambas. A morte é encarada com pavor. O senhor, embora tendo vivido cento e cinquenta anos e continuar aparentando juventude, teme perecer. Certamente, nossa aparência chocou seus olhos, não é verdade?

— Bem...

— Nós entendemos. As pessoas de Nova Tóquio, ao negarem a decrepitude do corpo e da mente, aferraram-se doentamente à vida, à beleza estética, à perfeição e ao eterno.

Pensam na morte como a pior das inimigas e o maior sacrilégio, no entanto, ela não é, Nakamura-san. A morte é o descanso, o encontro da paz, o fim dos sofrimentos. Nossas vidas acompanham as mudanças das estações do ano, do raiar do dia à chegada da noite. Quando partirmos, nosso corpo será enterrado na borda da floresta onde alimentará as árvores e as pequenas criaturas. Ele não será descartado como a neve negra em uma pilha de lixo. Flores silvestres nascerão sobre nosso túmulo. Nosso espírito se unirá aos *kami* e aos espíritos dos ancestrais: livre.

A menção à neve negra causou mal estar ao ex-executivo.

— Faz parecer ser fácil morrer, Hana.

— Nada é fácil, principalmente em se tratando do desconhecido. Mas viver também é difícil. O que nos define está entre a alegria da chegada e a dor da partida.

— Suas palavras são enigmas.

Hana continuou:

— A velhice, a flacidez, a perda de memória, os ossos fracos e o dolorido das juntas preparam o nosso caminho. Dão-nos consciência do irremediável, do inevitável. Ensinam-nos a gratidão e a aceitação. Gratidão pelo privilégio da vida. Aceitação pelo seu término. Não lutamos contra o destino. Seu toque gelado é uma mão em nosso ombro, um guia para a verdadeira reala... realocação. Nisso, Katsuo-sama está certo: devemos ceder lugar ao próximo, né? Seus sábios, Nakamura-san, desafiaram a natureza, acreditando terem resolvido um problema, entretanto, criaram outros piores.

— A moeda tem dois lados...

— Certamente... e um furo no meio! Ah, nosso tempo já passou. Fizemos muitas coisas nessa vida — que para o senhor parece tão curta —, boas e não tão boas. Coisas das quais nos orgulhamos e outras de que nos arrependemos e nos envergonhamos. Coisas que deveríamos ter dito e ocasiões que pecamos por falar demais. Tivemos nossos filhos e netos e vivemos para vê-los tornarem-se pessoas dignas. Temos tido tempo para nos despedir daqueles que amamos. Sofremos por nossa netinha? Sem dúvida. Adoraríamos vê-la crescer e ter seus filhos. Mas essa é uma dor que nos dá a certeza de que somos felizes. A vida foi escrita exatamente do jeito que deve ser lida. Pior do que aqueles que distorcem suas palavras, são os que se fazem de analfabetos. Desculpe-nos por questionar, Nakamura-san, o senhor tem existido mais do dobro do tempo que usufruímos, porém, realmente viveu a vida ou uma ilusão de vida?

— O que quer dizer?

— Durante quantos anos esteve preocupado contando o tempo, diante do limite de cento e cinquenta anos? Suponho que isso nunca saiu de sua cabeça e a preocupação só aumentou a medida em que a data se aproximava.

Ele anuiu.

— Você está certa. Foi angustioso.

Os lábios de Hana contraíram-se por um segundo. A boca estava seca. Concluiu:

— Dizem que a única certeza que temos na vida é a morte. Porém, por não sabermos exatamente quando iremos morrer, não sentimos essa ansiedade e gozamos a vida em sua plenitude. A morte é certa, todavia, o momento e em qual circunstância nos são

desconhecidos, uma incógnita, um mistério e — por que não? — uma dádiva. Por não sabermos, não pensamos a respeito. Quando vier, veio. Com nossos erros e acertos, podemos dizer que vivemos por inteiro. Nem todos tiveram essa sorte, bem sei, como os filhos de Katsuo-sama... *Karma*, né? Bem, assim, libertas do sofrimento e das lembranças, partiremos felizes.

Takashi ficou pensativo por muito e muito tempo.

"Diacho, sentirei falta dessa mulher. Tão jovem em relação a minha idade, porém, tão encantadoramente sábia na sua simplicidade. Sua aceitação, em vez de me acalmar, desespera-me. A qual conselho pertencerá?"

A sensação de impotência diante do fim iminente deu-lhe uma agonia por dentro, e, entretanto, conforme ela própria dissera, de algum modo, era uma dor que dava a certeza de que, naqueles poucos dias diante de Hana, ele foi um homem feliz.

— Você faz jus ao seu nome, Hana — sussurrou. — É, verdadeiramente, uma flor.

Mas ela já ressonava em sono profundo.

XII - O INÍCIO DA BUSCA

Área de despejo ITA1012.

Harumi K. Sato, líder da GEI, seção Nova Tóquio, e uma equipe de cinco homens, incluindo Miura trajavam uma vestimenta hermeticamente selada de cor amarronzada, fazendo-os parecer enormes insetos.

Para todos eles, era a primeira vez que saíam das dependências de Nova Tóquio.

Veículos dotados de rodas eram inúteis naquele terreno acidentado. Assim, tiveram de seguir a pé. Diante deles, um autômato identificador de DNA fazia as vezes de cão perdigueiro. Era dotado de oito pernas, o que dava-lhe um vago aspecto de aranha.

Enojado, o oficial Miura perguntou-se novamente como alguém optaria por vagar em tamanha imundície a menos que tivesse perdido o juízo. Para alguém do mundo desinfetado, reciclado, imaculado de Nova Tóquio, a visão daqueles montes de dejetos equivalia a estar diante dos portais do inferno. E como o inferno cheirava mal!

Akemi não fazia parte da equipe. Miura optou por poupá-la daquele suplício. Relembrou o último encontro, o amor que fizeram — a princípio calmo e, depois, cada vez mais selvagem. Ela sabia ser felina após a excitação sobrepujar sua timidez. Trazia diversos arranhões nas costas para comprovar. Teria sido perfeito não fosse um pequenino deslize. Ao atingir o clímax, Miura gritara:

— Harumi!

Sim, definitivamente, isso estragara tudo.

"*Ketsumedo yarou!*"

Agora, observava a líder de costas, perguntando-se se o apartamento de Akemi estaria livre de escutas. Como poderia sentir qualquer atração por essa mulher se a detestava? Apesar dela ter idade para ser sua avó, Miura encontrou a resposta nos contornos de Harumi visíveis através de seu traje colante. E também, admitiu, no poder implacável que dela emanava. Ambos nada tinham a ver com afeição.

"*Baka! Baka!*"

Harumi percorria com os olhos os escombros e as montanhas de lixo.

Ergueu a espada samurai, intimamente arrependida de sua presunção em liderar a busca e, como os demais, ansiava por concluí-la. Poderia cavalgar o robô de patas articuladas, porém, achou indigno de sua posição. A hierarquia também cobrava sacrifício.

"Somente um *o furo* não será o suficiente para fazer-me sentir limpa outra vez."

Pigarreou.

— Vamos em frente! Se avistarem o criminoso Nakamura, capturem-no. Se ele procurar fugir... atirem! Vivo ou morto, nosso alvo retornará para Nova Tóquio e será encaminhado ao Centro de Detenção.

— Hai, Sato-sama! — gritou a equipe.

"Com as nossas homenagens, cadela", pensou Miura intimamente, agradecendo pela máscara ocultar sua fisionomia.

— Coloque essa porcaria para funcionar, Miura — ordenou a líder ao jovem de cinquenta e sete anos, referindo-se ao robô. — Quanto mais cedo terminarmos, mais depressa retornaremos à cidade.

O autômato ergueu-se sobre suas patas e pôs-se a caminhar a partir do escoadouro do esgoto onde a outra máquina detectara sinais de DNA do fugitivo. A princípio, mostrou-se confuso, dando voltas ao redor de si e a esmo pelo terreno lamacento. Dias haviam se passado desde a fuga e as pistas poderiam ter desaparecido. Contudo, em breve a aranha artificial emitiu um aviso, indicando que seu sensor captara algo, e caminhou alguns metros. Nova parada para exame. Mais voltas em torno de si. Novo aviso. Andou mais adiante e tornou a parar. O

progresso era lento. Porém, unindo-se os pontos de parada do autômato, uma trilha foi sendo delineada, mostrando aproximadamente a direção que o alvo teria seguido.

— Separem-se e caminhem mais adiante — ordenou Harumi. — Vasculhem em volta e tentem descobrir algo pelo caminho.

— Hai, Sato-sama!

Enquanto os subordinados obedeciam, a mulher pensou consigo:

"Ah, Nakamura, você pagará por eu estar passando por tudo isso. Farei-o desejar ter atravessado mil vezes o *tori* do Centro de Transferência antes de enviá-lo ao Centro de Detenção. Depois, verei o que faço com Miura..."

Um arco súbito de sua espada cortou alguns galhos de uma árvore morta de forma reta, precisa.

XIII - DESPEDIDA

Hana faleceu serenamente durante o sono.

O sentimento de perda, o vazio que a ausência dela deixou dentro de Takashi e a dor da saudade surpreenderam-no. Jamais sentira algo assim por quem quer que fosse. O fato de perceber que nunca mais veria o sorriso dela ou que ela não mais estaria ali para tocar a testa dela a sua maneira delicada e gentil ou ouvi-la expor seus pontos de vista e sua singela filosofia de vida eram demais para ele. Que dor era essa que arrancava o seu coração do peito? O que significava essa desorientação, esse desamparo e o desejo premente, porém inútil, de alcançar aquilo que estava irremediavelmente perdido?

Caiu em pranto.

Quando chorara alguma vez antes? Quando deixara as emoções sobreporem-se à lógica, à praticidade e a frieza na busca de um objetivo? Quando, de fato, importara-se com alguém?

As articulações dos joelhos falharam e ele sentou-se no piso de tábuas. Ficou um longo tempo encostado à parede do quarto, rosto oculto entre as mãos, percebendo a inutilidade de tudo o quanto aprendera em um século e meio.

Era essa a dor da qual Hana falara?

"A dor que nos dá a certeza de que fomos felizes."

Não soube dizer quanto tempo ficara ali, impotente, naquele canto escuro. Se ao menos pudesse fundir-se às sombras! Bem poderia ser para sempre, por mais que o sempre durasse em demasia.

Enfim, utilizou-se de um par de muletas e, após os preparativos do corpo, seguiu o cortejo até a borda da floresta, vale abaixo, em um campo florido. Enrolaram-na completamente em um tecido branco e fino semelhante à gaze. Havia uma coroa de flores em sua cabeça e um ramalhete nas mãos. Carregaram-na cuidadosamente em uma padiola feita de bambu.

A comunidade em peso estava presente ao funeral.

Observou a dor estampada nos semblantes dos aldeões, principalmente nas lágrimas da neta de Hana.

— *O bāchan!* — choramingava Mayumi.

Pelo caminho, ouviu inúmeras histórias nas quais a idosa fizera parte, o quão viva ela permanecia e permaneceria na lembrança de todos.

Até o velho rabugento, Katsuo, ficara igualmente abalado. Deixara cair a

máscara brevemente e dissera diante de todos, voz trêmula:

— A vida não acaba com a morte. Ela prossegue no coração dos que ficam. Até breve, Hanako-chan.

Outros se manifestaram igualmente pesarosos.

Alguém lembrou-se, então, de oferecer ao visitante a honra de falar. As pessoas que estavam mais perto concordaram e curvaram-se de modo reverente.

Inicialmente, Takashi relutou. Virou-se na direção de Katsuo, o ancião que, desde o princípio, o antagonizara. Todavia, este encontrava-se imerso no próprio pesar, olhar fixo em Hana. Então, o ex-executivo pronunciou as palavras que definiam não somente a sua longa existência, mas toda a cidade-fortaleza de Nova Tóquio:

— Nós enviamos sondas para os outros planetas e até para às estrelas, entretanto, esquecemos o caminho para o coração. Agradeço a você, Hana, por indicar-me a trilha de volta.

— Amém — disseram.

Um punhado de sementes foi distribuído a cada um. Formou-se uma fila e, logo, cada qual jogava suas sementes sobre o túmulo de Hana, que eram seguidas por punhados de terra lançados pelo coveiro. Ao passar dos meses, a sepultura estaria coberta de flores.

A compreensão e a extensão do campo florido chegaram a mente de Takashi simultaneamente.

Havia o perfume de milhares de flores no ar, o zumbido de abelhas, o vôo colorido de borboletas, o rumorejar das árvores na floresta. Rajadas de vento ergueram as folhas secas em uma espiral,

levando-as para bem alto no céu, até perderem-se de vista.

Fitou as casas rústicas lá longe, no alto da colina entre árvores e jardins, destacando-se o casarão utilizado como hospital. Aquele povo vivia harmoniosamente em sua terra; não era sua proprietária, mas parte dela. Indagou a si próprio o que poderia ser mudado para melhor. O que a cidade-fortaleza teria a oferecer se soubesse daquela floresta? O quanto não usurparia? O que faria àquela gente? Qual o papel relevante que Takashi desempenharia dentro daquele cenário?

Foi durante o penoso retorno, incerto quanto ao seu futuro, que o ex-executivo avistou um rapazola montado a cavalo aproximar-se aos gritos. Trazia um binóculo pendurado no pescoço.

— Eu vi! Eu vi! — gritava esbaforido. — Eu vi! Eu vi!

A princípio, ninguém entendeu.

Um homem largou sua enxada e perguntou:

— Viu o quê, garoto maluco?

— Não sou maluco, *ojisan!* Eu vi!

— O quê?

— Coisas! Fantasmas, homens de sombra... E uma aranha gigante!

— É como eu falei... Maluco!

— Mas eu vi!

Os mais velhos repreenderam o jovem pelo alarde, pedindo respeito à memória de Hana.

Houve alguma agitação. Um pequeno grupo de pessoas formou-se ao redor do cavaleiro, semblantes apreensivos. A comunidade tinha as suas superstições e algumas falavam de espíritos malignos e forças do mal. Contos envolvendo fantasmas não eram raros. Geralmente, as histórias eram ambientadas à noite nas profundezas da

floresta — herança sombria do passado —, tanto que a maioria não se aventurava além de um certo ponto da mata fosse o horário que fosse. Mas, fantasmas em pleno dia e longe dali?

— E por que não? — retrucou o rapazola. — São as zonas mortas, não são? Mortas!

— *Konakki-jiji!*

— *Akai kami!*

— *Buruburi!*

— *Onryo!*

— *Yūrei!*

Divindades foram mencionadas; preces, balbuciadas. Alguém mais cético chegou a sugerir excesso de *sake* e sol na cabeça. Finalmente, os olhares voltaram-se em direção ao forasteiro cuja pele era pálida feito papel de arroz, ou, poder-se-ia dizer, de uma palidez fantasmagórica.

Teria ele atraído os espíritos do mal para perto da aldéia?

Perturbara a alma dos que pereceram nos escombros?

Um calafrio repentino tomou conta de Takashi.

Homens de sombra?

Aranha gigante?

Fantasmas?

Não...

Viu o ancião chamado Katsuo erguer a cabeça e caminhar vacilante em sua direção, apoiado na bengala. Ficou tenso. Antes de ser alcançado pelo velho, o homem de Nova Tóquio compreendeu o que se passava, principalmente diante da menção da "aranha", pois conhecia vários modelos de robôs, incluindo esse: estavam em seu encalço. Descobriram seu rastro. Não eram assombrações, contudo, o responsável era ele. As palavras de Hana fluíram em sua mente a

exemplo do frescor da brisa que ora afagava seu rosto:

"A vida foi escrita exatamente do jeito que deve ser lida. Pior do que aqueles que distorcem suas palavras, são os que se fazem de analfabetos."

E, por mais que contrariasse a sua natureza — ou, talvez, justamente por causa disso —, soube o que deveria fazer. Sua ilusão de fincar raízes naquele lugar e, principalmente, liderar aquela gente, dissipara-se por completo. Rígido, não esperou o velho abrir a boca.

— O senhor esteve perto das muralhas. Sabe o que significa aquilo que o garoto viu?

— Sei sim.

— Então, poupe seu fôlego, Katsuo-san. Partirei imediatamente. Sou um perigo para a aldeia. Só preciso de um pouco de água, comida, e alguém que me indique onde eu fui encontrado. A partir daí, seguirei por outro caminho.

Katsuo, ainda emotivo diante da morte de Hana, a quem conhecera menina, disse:

— Lamento profundamente pelo meu comportamento, Nakamura-san. —

Dessa vez, seus olhos eram verdadeiros. — Seu estado de saúde não lhe permite viajar. Poderemos criar uma pista falsa do senhor e...

O ex-executivo interrompeu o outro.

— Não devem correr tamanho risco. Não conhecem os procedimentos da Guarda Etária Internacional. Eles não desistirão. Logo, encontrariam a aldeia e a devastariam. Nova Tóquio não deve saber da existência deste lugar. Quanto a minha saúde — deu de ombros —, conforme o senhor mencionou, eu já vivi

o bastante. Tenho sido egoísta e covarde tempo o suficiente. Fingi ser analfabeto em demasia. Quero fazer ao menos uma coisa que preste na minha longa existência. Só me responda uma dúvida: por que Hana referia-se a si própria sempre na terceira pessoa?

O velho desviou o rosto em direção ao campo florido.

— Ela dizia ser parte da aldeia e a aldeia parte dela... uma coisa só. Tudo de bom que ela fazia considerava ser obra de todos nós. Todos os seus pertences pertenciam a todos. Ela era assim.

— Mulher inigualável.

— Sim — falou o ancião.

Takashi ouviu um soluço, e, assim, Katsuo revelou a profundidade de seu amor por ela. Teriam se amado na juventude? Por que não haviam se casado faria parte de um dos mistérios sem resposta do lugar.

— Tenho que partir.

— Deve haver outra maneira.

— Receio que não.

— Reuniremos um conselho e...

— Não há tempo, Katsuo-san!

Momentos depois, Katsuo, em frente de sua cabana, observou o homem da cidade-fortaleza ir embora, acomodado em uma carroça. Trajava novamente o seu terno de executivo, o qual fora remendado, limpo e passado, mas que não ficaria assim por muito tempo. O forasteiro acenava para os aldeões, os quais retribuía. Algumas mulheres fizeram o sinal da cruz. Milagre e maldição ficaram de mãos dadas. Em dado instante, os olhos de Takashi Nakamura cruzaram-se aos seus. Katsuo, então, procedeu a uma medida, curvando-se desta feita num ângulo de cerca de 30° em deferência ao estranho que não podia envelhecer. Aos pés de

Katsuo encontrava-se a mochila de Takashi.

— Eu gostaria de ter tido tempo para mostrar e explicar cada item desta mochila — dissera o ex-executivo ao idoso. — Talvez possa ajudar à comunidade. Deixo nas mãos do senhor para que o conselho decida o que fazer.

Katsuo agradecera.

Agora, vendo a carroça sumir atrás de um morro, dirigiu-se para o quintal no fundo da cabana e, munido de uma pá, começou a cavoucar um buraco fundo no chão junto a uma touceira de cana-de-açúcar.

Não precisava da voz do conselho para saber qual destino deveria ser dado à mochila.

Quanto menos pessoas soubessem dela, melhor.

O chamado progresso destruíra a maior parte do mundo.

O que um imortal de Nova Tóquio teria que um aborígene pudesse aproveitar?

A resposta não viria do velho, que faleceu no mês seguinte, unindo-se em espírito à Hana conforme desejara. Ela chegaria através de seu descendente, três gerações depois, ao cavoucar o terreno para uma reforma.

XIV - CAPTURA

Takashi Nakamura percebera as manchas em sua pele ao trocar de roupa.

A indisposição surgiu depois, embora ele atribuísse isso ao enjô provocado pelo fedor.

Agora, caminhando tropeçadamente em meio à sujeira e à lama, sentiu falta de sua cama de tatami, dos cuidados de Hana e do convívio com aquela gente.

Nunca sentira tanta paz. A floresta. O vale florido. Os arrozais. Todavia, era um mundo ao qual não pertencia e sua presença representaria somente uma desgraça prestes a se abater sobre todos. Não mudaria o seu destino, porém, ao menos pôde evitar o deles.

Dispensara as muletas, pois não queria portar nada que pudesse denunciar a aldeia. Arranjou um pedaço de cano em meio aos entulhos e apoiava-se com ambas as mãos sobre ele a título de cajado. Mais rastejava do que andava, seguindo uma direção diferente da que levava a Hana e seu povo.

As manchas na pele não coçavam e, até onde podia perceber, não tinha febre. Porém, não conseguia coordenar os pensamentos de forma coerente. Tudo o que pensava era em fugir, ganhar o máximo de terreno possível. O mal-estar manifestou-se como um formigamento e foi espalhando-se pelo corpo. As dores vieram depois.

Julgou que fosse ainda o resultado da doença que o acometera durante a fuga de Nova Tóquio.

— O "Mal das Zonas Mortas" — balbuciou, dando um nome à enfermidade. — Se ao menos eu tivesse pensado nos medicamentos.

Os remédios que trouxera da cidade-fortaleza haviam ficado na mochila. Sequer lembrara-se deles, como, de resto, nem saberia qual deles utilizar ou se surtiria efeito, pois nada entendia de medicina ou farmacologia. O melhor que poderia ter feito seria consultar o dispositivo que continha a biblioteca e lá procurar por um diagnóstico compatível e, talvez, a cura. Mas esquecera-se disso completamente durante a sua convalescença e, agora, caso funcionasse, só serviria para prolongar o inevitável.

— Porém a dor, essa dor desgraçada, eu poderia parar. — Em seu delírio, começou a rir. — Katsuo, seu velho safado, uma anestesia, por favor. Dose dupla!

Emitiu um som sufocado, misto de risada e gemido.

Como poderia Takashi saber?

Os medicamentos em sua mochila não iriam auxiliá-lo. Tampouco a biblioteca.

Nos arquivos de Nova Tóquio, não existiam registros sobre o seu mal.

Apesar das provações na imundície, seu estado não se devia a sujeira, à ratazana que ingerira, à água pútrida que bebera ou à pestilência no ar. Seus sintomas originavam-se principalmente da incubação de um coquetel de doenças cujo vetor foram os próprios aldeões. E, enquanto um habitante enclausurado de Nova Tóquio não possuía a imunidade necessária, para Hana e sua gente já fazia parte de sua natureza após séculos e séculos de implacável seleção.

— Por São Tanmay... Dose tripla! — gemeu.

Logo, os remendos tão cuidadosamente feitos em suas calças e paletó mostraram-se inúteis. Pedacos de suas vestes foram ficando para trás, mais e mais, enganchando-se em pontas aguçadas de metal enferrujado e nos galhos de árvores mortas que, um dia, floriram e frutificaram.

Harumi K. Sato e seu grupo alcançaram-no duas horas depois, quando o alvo se encontrava quase inconsciente e o que restava de suas roupas mal prestava-se a cobrir o corpo imundo.

— Deplorável — resmungou alguém, enojado.

— Já se olhou no espelho, Ito?

— Como sobreviveu tantos dias?

— Sobreviver? Está mais vivo do que morto.

— Que nojo!

A equipe da GEI, embora mantivesse a integridade de seus trajes praticamente intacta, encontrava-se coberta pela lama pegajosa.

Exceto por Miura, os outros homens chutaram Takashi como maneira de aliviar o estresse provocado pela busca nas zonas mortas. O fugitivo gritou e gemeu.

— Parem com isso! — ordenou Harumi. — Quero ter o prazer de vê-lo cruzar o *tori* ainda vivo.

O autômato posicionou suas patas de cerâmica ao redor do alvo de modo a inviabilizar qualquer tentativa de fuga. Não que o foragido pudesse sequer levantar-se, quando mais andar ou correr.

— Finalmente, Nakamura — disse a mulher, jubilosa. Retirou a espada que pertencera ao *ronin* Ryotaro de sua bainha e, sem se conter, encostou-a no pescoço do fugitivo. A lâmina afiadíssima fez um trecho de pele alva sangrar. — Como líder da seção Nova Tóquio da Guarda Etária Internacional, dou-lhe voz de prisão sem direito à defesa nos termos da Lei nº 2.019, art. 09, parágrafo 19. Será devidamente encaminhado ao Centro de Detenção para realocação imediata.

O prisioneiro continuou a gemer. Balbuciava algo sem parar.

Miura aproximou-se dos lábios do detento.

— O que essa coisa está dizendo? — perguntou Harumi.

O oficial balançou a cabeça, confuso.

— Está fora de si, Sato-sama. Apenas repete uma palavra.

— Qual?
 — Fica dizendo: "flor, flor, flor..."
 — *Kichiga!* — gritou a líder. —

Não haverá flor alguma em sua realocação, nem certificado ou música. Vamos embora deste lugar infernal!

Todos respiraram aliviados.

Ainda agachado, Miura reparou em algo. Era um fragmento de tecido. Nele, havia diversos pontos de costura feitos manualmente. Aquilo deixou-o desconfiado.

— Miura! — gritou a mulher. —
 Você vem ou não?
 — Estou indo, Sato-sama!
 — Talvez tenha gostado deste lugar e queira montar acampamento aqui.

Os outros riram.

— De modo algum.

— Então, vamos!

— *Hai*, Sato-sama!

"Grandíssima prostituta! Um dia, ainda me paga..."

Deixou o tecido cair de volta na lama.

Quatro das patas do robô ergueram o prisioneiro e as demais transportaram-no de volta à cidade-fortaleza de Nova Tóquio.

O oficial de cinquenta e sete anos continuou intrigado. Algo martelava dentro de sua cabeça. Retornou inquieto para o interior da cidade-fortaleza, sem saber o porquê.

Era um pressentimento.

Era uma intuição...

... Premonição?

Diante de seus olhos continuava a ver uma névoa sombria, uma promessa de mau agouro.

*O fogo queima.
 A cinza cai.
 Esperança renovada.*

(Harumi K. Sato - Líder da GEI, Seção Nova Tóquio)

Sim, o que diferenciava o Centro de Transferência do Centro de Detenção era tão somente a ausência de música e do certificado. Também não havia festividade alguma, tampouco flores enfeitando o portal.

Sem maiores delongas, após a confirmação genética de identidade e preenchido o protocolo de encaminhamento, Takashi Nakamura foi incluído na fila. Não se encontrava em condições de ir caminhando, assim, por ordem de Harumi K. Sato, um leito automatizado conduzia o prisioneiro.

Seu corpo todo doía. Tossiu. As manchas tinham se esparramado pelo corpo, devidamente ocultas por vestes brancas. Amostras de pele, sangue e urina foram retiradas pelos médicos para análise. Não conseguira engolir nada desde a sua captura. Pensar era confuso. O rosto que um dia fora belo exibia os sinais de abatimento. Apesar da penúria de seu estado, sua ansiedade em relação a perspectiva de morrer se fora.

Hana ensinara-lhe:

"... A morte é o descanso, o encontro da paz, o fim dos sofrimentos..."

Sim, o término da dor física, o encontro da paz de espírito.

Ele ansiava por ambos.

Harumi K. Sato fizera questão de comparecer pessoalmente a fim de acompanhar a passagem do criminoso através do *tori*. Trajava seu vistoso

XV - CONTÁGIO

uniforme. A dupla hélice de DNA estilizada cintilava em sua boina e jaqueta. Apesar de nunca ter tido jeito para escrever e sua segunda filha demonstrasse um talento maior e promissor no campo da literatura, repetia consigo o *haikai* que compusera no início de suas funções na corporação:

— "O fogo queima..."
O fogo era o grande purificador.
O Universo iniciara em chamas e terminaria nelas.

Por que não o ser humano também? Existia um certo lirismo nesse pensamento.

"Afinal, conforme escreveu alguém em alguma época, há um universo em cada um de nós."

— Nascemos para a luz e é a luz a última coisa que veremos.

Ao lado dela, um assessor do representante central da GEI, sediada em Nova Amsterdã, viera fiscalizar a operação, examinar o atestado de DNA e reportar ao seu superior o fiel cumprimento da lei.

— Belo pensamento — disse, acreditando fazer parte da cerimônia local.

Harumi limitou-se a erguer os cantos dos lábios em um dúbio sorriso: aparentava ser agradecimento, mas era de pouco caso.

"Bárbaro..."

Takashi fora lavado, medicado e recebera soro. Era o derradeiro ato do Estado a denotar benevolência — todavia, não para o prisioneiro e sim para aqueles presentes ao trâmite judicial. Olhos e olfatos agradeceram.

Harumi aproximou-se do leito automatizado.

— Faça uma boa viagem, Nakamura — falou, irônica. — Como se sente?

As pálpebras de Takashi tremeram. Disse num sussurro:

— "A vida é um dom precioso".

— Sim, eu sei. E a próxima geração a viver agradece por isso.

Takashi tossiu outra vez.

A seguir, num gesto inusitado, ela ofereceu-lhe um pequeno ramo.

— Tome. Você pediu tanto...

Embora fosse para ser um insulto, Takashi comoveu-se ao ver as pequeninas flores de cerejeira. Por um instante, lembrou-se tanto da conversa de Hana quanto de sua colônia favorita. Mas ambas haviam sido em outras vidas, em dois mundos muito tempo atrás.

As flores em suas mãos eram verdadeiras e não artificiais. Vieram de uma árvore no jardim particular de Harumi, uma extravagância tão rara quanto preciosa. Custara-lhe uma fortuna em um mundo onde as árvores quase não existiam. E representavam um sinal de *status* que fazia jus a sua posição.

Takashi tocou a mão de sua carrasca ao apanhar o ramo. Por um breve instante, o rosto redondo, bronzeado e sorridente de Hana sobrepôs-se ao semblante de aparência jovem, sisudo e alvo de Harumi. Sofreu novamente ante a lembrança da mulher. E, a sua maneira, ele adaptou as palavras que, um dia, a idosa dissera-lhe:

— A dor que me dá a certeza de que fui um homem feliz...

Engasgou e foi acometido por um ataque de tosse.

Harumi recolheu seu braço, confusa ante o que o prisioneiro falara. Na fila, chegou a vez de Takashi.

O leito automatizado subiu vagarosamente a rampa e atravessou o portal para o Centro de Detenção.

A tosseira passou.

Os espasmos terminaram.

As dores migraram para um segundo plano.

Takashi Nakamura, o ex-executivo da *Shiawase Corporation*, cerrou as pálpebras.

Não seria a tal luz a última coisa que veria em vida.

Respirou fundo. Murmurou:

— Hana...

Minutos depois, a neve negra foi despejada do alto da muralha. Rajadas de vento levaram-na para longe, não caindo nas "dunas" abaixo.

Assim, finalmente, o seu espírito voou através das distâncias rumo à liberdade.

Em outro lugar, um casulo se rompeu. Uma centena de pequeninas aranhas emergiu, esparramando-se pelo telhado. Era a promessa de vida sempre e sempre renovada.

EPÍLOGO

Extraído de "AS CRÔNICAS DA NAÇÃO HANA":

No trecentésimo septuagésimo quarto ano de Nosso Senhor São Tanmay, do interior das muralhas da cidade-fortaleza de Nova Tóquio, a peste foi deflagrada.

Segundo uma pesquisa idônea, iniciou-se a partir de sua seção da Guarda Etária Internacional, cujos integrantes — incluindo sua ex-líder, Harumi K. Sato — foram

sumariamente enviados ao Centro de Transferência para a realocação profilática.

O intervalo de vários dias desde o contágio até a manifestação da doença, bem como a demora na descoberta do agente etiológico contribuíram para a rápida disseminação do que logo transformou-se em uma pandemia. O pânico instalou-se na população.

A cidade-fortaleza de Nova Amsterdã foi a segunda a ser atingida e, em breve, o mal devastava outras localidades do planeta.

Até o presente momento, não foi descoberta uma cura para a peste que já dizimou dois terços do chamado mundo civilizado, incluindo seus melhores cérebros, mergulhando-o no caos. A moléstia continua a avançar, atingindo somente os geneticamente manipulados.

Os frutos da árvore do conhecimento do bem e do mal cumpriram, enfim, a profecia.

A mata nativa recomeçou a propagar-se nas assim chamadas zonas mortas.

Após oito séculos, os índices de poluição baixaram na atmosfera.

Diminuiu-se o ritmo de contaminação do solo e dos mares.

A Ciência e a Tecnologia continuaram de mãos atadas.

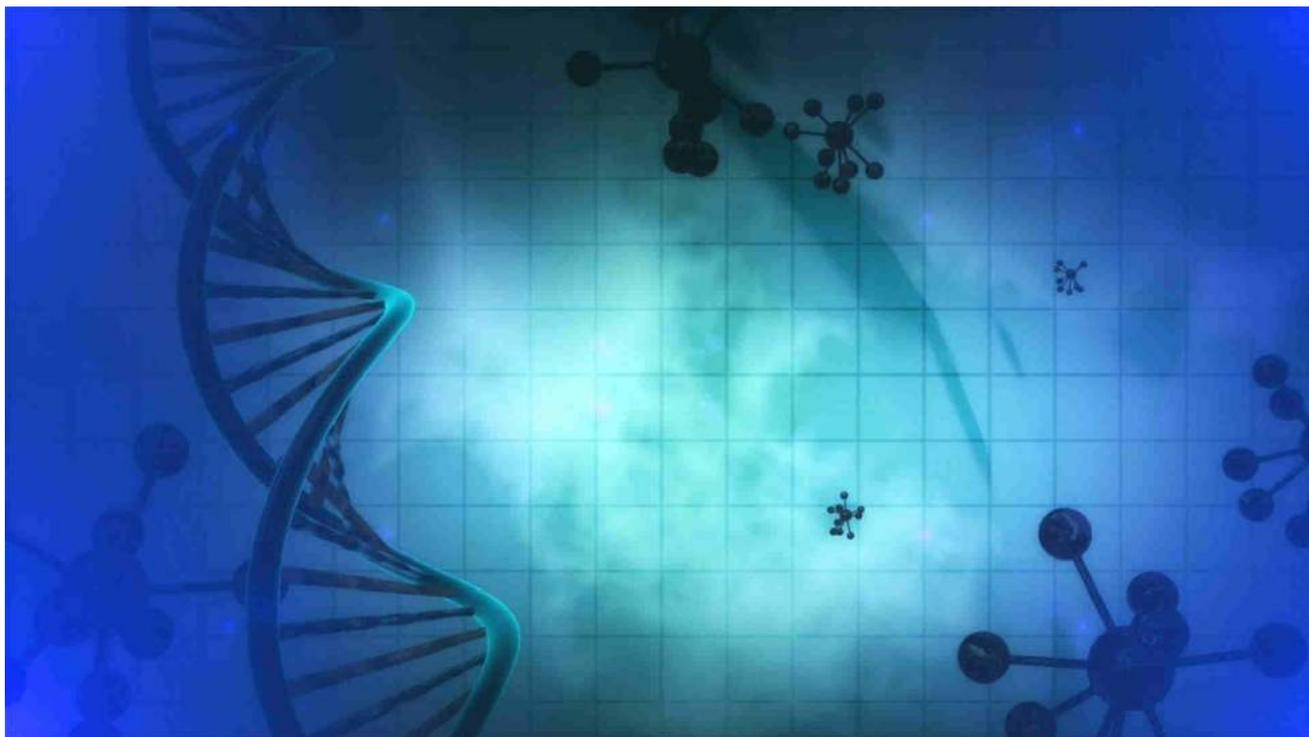
Aldeias aborígenes transformaram-se em nações.

A bruxuleante luz do conhecimento se apagou.

E, então, a era dos milagres chegou ao fim.

(Katsuo IV - Conselheiro Geral da Nação Hana - Herdeiro da Mochila Sagrada do Beato Naka)

NOTA DO AUTOR: Esta história foi concluída em 19/09/2019. A medida em que eu a escrevia, descobri por acaso no Youtube um filme de ficção científica de 2011 chamado "O Preço do Amanhã" (*In Time*, Andrew Niccol), cujo cerne é o mesmo: a descoberta de um meio de desativar o gene do envelhecimento, tornando as pessoas imortais, havendo, porém, um limite de tempo estabelecido para a continuidade da vida. Senti-me naturalmente bastante frustrado, mas prossegui. Espero que "Cento e Cinquenta" tenha alcançado uma identidade própria, não obstante a premissa comum.



Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br

Adquira o e-book por
apenas R\$ 1,00

CLIQUE AQUI

COMO TRABALHAR E LUCRAR NA INTERNET

POR ADEMIR PASCALE

**40 DICAS
INCRÍVEIS**

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL



FANPAGE: + DE 85 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 38 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

**Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc**

**Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com**